

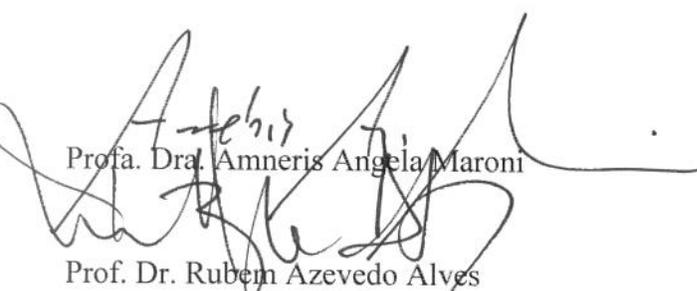
Inês de França Bento

Água, Mito e Mistério  
Um estudo de filosofia da religião

Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Departamento de Filosofia  
do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
da Universidade Estadual de Campinas,  
sob a orientação do Prof. Dr.  
Francisco Benjamin de Souza Netto

Este exemplar corresponde à  
redação final da dissertação  
defendida e aprovada pela  
Comissão Julgadora em

05 / 11 / 98



Prof. Dra. Amneris Angela Maroni

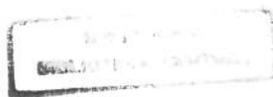
Prof. Dr. Rubem Azevedo Alves



Prof. Dr. Francisco Benjamin de Souza Netto

Prof. Dr. Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento

Outubro/1998



*“Duas estradas bifurcam-se no bosque, e eu...*

*Eu peguei aquela menos percorrida,*

*E isto tem feito toda a diferença.”*

*(R. Frost)*

## *Agradecimentos*

*Àquele de onde vem a sabedoria e o conhecimento, o louvor e a gratidão.*

*Ao professor e orientador Francisco Benjamin de S. Netto,  
pela paciência e disponibilidade.*

*Ao amigo e professor Rubem Alves, pelo despertar poético.*

*À professora Amneris Maroni, pela graciosidade e carinho.*

*Ao professor Carlos Arthur, pela gratuidade.*

*À minha família, pelo incentivo e atenção.*

*À família cebepina, que tem me ensinado a ousadia  
e a riqueza de ser e conviver com o diferente.*

*Aos amigas/os: América, Cleide, Delma, Léia, Mara, Rosa,  
Marco, Dalton, Efraim, Luiz, Paulinho, Zé Lima...,  
que tornaram possível a concretização dessa dissertação.*

*A todos/as, minha terna gratidão, meu carinhoso beijo e abraço...*

## *Sumário*

Introdução .....	07
I. Água .....	10
Introdução .....	12
1.1. Considerações gerais sobre a Água .....	12
1.2. Símbolo.....	18
1.2.1. Água e significado simbólico .....	26
1.3. Considerações sobre a água em Mircea Eliade....	43
1.3.1. O simbólico da água em Eliade .....	43
1.3.2. Epifanias e divindades aquáticas .....	47
1.3.3. Dilúvio.....	58
Conclusão .....	63
II.Mito .....	65
Introdução .....	67
2.1. Arquétipo .....	67
2.2. Considerações sobre o mito em Mircea Eliade....	73
2.3. Função dos mitos... ..	82
2.4. Modelos míticos ....	88
2.4.1. Mitos de Origem e Cosmogônicos .....	88
2.4.2. Mitos de Renovação e de Construção .....	92
Conclusão .....	97
III. Mistério .....	101
Introdução .....	102
3.1. Considerações sobre o mistério .....	102
3.1.1. Numinoso .....	104
3.1.2. Mistérios nos cultos gregos .....	106
3.1.3. O mistério no Antigo Testamento .....	110
3.1.4. O mistério no Novo Testamento .....	112
3.1.5. <i>Mysterium</i> na patrologia .....	113
3.1.6. Mistérios pagãos e cristianismo .....	116
3.2. O mistério nos escritos paulinos.....	117

3.3. O mistério em Mircea Eliade.....	123
Conclusão .....	126
IV. Aproximações:	
Batismo – Água, Mito e Mistério .....	128
Introdução .....	130
4.1. Batismo e Água .....	130
4.1.1. Qumrân.....	134
4.1.2. Batismo de João.....	135
4.1.3. Batismo cristão.....	136
4.2. Batismo e Mito .....	139
4.2.1. Pensamento mítico e cristianismo .....	139
4.2.2. Mito e batismo.....	142
4.2.3. Mito e batismo cristão .....	143
4.2.4. Morte-renascimento .....	144
4.2.5. Dilúvio e batismo .....	146
4.3. Batismo e Mistério .....	149
4.3.1. O batismo no cristianismo primitivo.....	150
4.3.2. O batismo na didaqué.....	154
4.3.3. O batismo em Hipólito de Roma.....	155
4.3.4. O batismo em Tertuliano.....	156
4.3.5. O batismo em Justino de Roma.....	160
4.4. Aproximações poéticas e literárias .....	161
Conclusão .....	165
Apêndice 1 .....	168
Apêndice 2.....	170
Apêndice 3.....	174
Bibliografia.....	177

## Introdução

*Água, Mito e Mistério*, tema do presente trabalho acadêmico, expressam um antigo interesse nosso e, ao mesmo tempo, tocam uma temática muito atual, sobretudo ao considerarmos que nossa sociedade, nas últimas décadas, vem redescobrando valores nesta direção.

A nossa experiência cristã deixou-nos impregnados de fortes marcas e há muito desejamos aprofundar essa particular concepção. Encontramos então, nos conceitos *mito e mistério*, ocasião para uma análise do ritual do batismo, um processo iniciático na sociedade cristã, se assim podemos afirmar.

Foi desta forma que o contato com o elemento água se transformou numa nova descoberta, tornando-se o catalisador e unificador da reflexão articulada na presente dissertação.

Nosso desejo nesta dissertação é estabelecer um diálogo entre os conceitos *mito e mistério* e o elemento *água*, através do ritual do batismo, em particular daquele praticado no cristianismo das origens.

Nosso propósito é também um resgate à dignidade e à beleza do mito e do mistério presente no emaranhado destes conceitos, práticas e experiências históricas.

Introduziremos nosso estudo com a abordagem do elemento *água*, seu significado simbólico, suas características, sua utilização nas diferentes culturas, desde um ponto de vista geral e, em particular na visão do historiador Mircea Eliade.

No segundo capítulo, recorreremos aos estudos realizados por Eliade para uma compreensão maior acerca da concepção mítica. Para tal será necessário considerar sua função, sua estrutura e através dos modelos míticos, exemplificar essas considerações.

É no terceiro capítulo onde apresentaremos o conceito *mistério*. Faremos considerações gerais e, em particular sobre as religiões dos mistérios e a concepção cristã do mistério.

Concluindo nossa dissertação, elucidaremos as aproximações existentes entre os conceitos *mito* e *mistério* e o elemento *água*.

Num primeiro momento isso ocorrerá através da prática ritual do batismo, em particular naquele experienciado pelas comunidades cristãs primitivas.

Num segundo momento, auxiliados e enriquecidos pela nossa literatura e poesia, observaremos a graça e a beleza, onde se entrelaçam com naturalidade, os conceitos: *água*, *mito* e *mistério*.

# I. Água

*"Meu sangue entende-se com essas vozes poderosas.  
A solidez da terra, monótona, parece-nos fraca ilusão.  
Queremos a ilusão grande do mar,  
multiplicada em suas malhas de perigo."*

Cecília Meireles

*"Nada no mundo é mais frágil do que a água,  
mas não existe nada melhor  
para vencer o que é rijo."*

Lao-Tzu

## *Introdução*

Apresentaremos neste primeiro capítulo o elemento água, suas características gerais, os aspectos simbólicos e míticos que a envolvem, na tentativa de introduzir através da água a relação entre mito e mistério, objeto de estudo dessa dissertação.

### *1.1. Considerações Gerais sobre a Água*

O começo do Fedro platônico descreve Sócrates, que ao encontrar-se com Fedro, é por ele levado longe das portas da cidade, até as margens do rio Ilisso.

Platão reproduziu a paisagem onde acontece esta cena, em detalhes; e sobre esta representação flutuam um brilho e um perfume, como raramente encontramos em descrição da natureza, na Antigüidade.

Sócrates e Fedro sentam-se à sombra de um plátano, junto a um manancial refrescante; o ar se agita benigno e doce e inunda-o o zunir das cigarras.

Embriagado pela paisagem, pergunta Fedro se não seria este o lugar onde, segundo o mito, Bóreas raptou a bela Orítia; pois aqui a água é pura e cristalina, como que feita para que as donzelas nela se banhem e brinquem.

Sócrates indagado a respeito da veracidade desse

mitologema, responde-lhe que, mesmo se não lhe desse crédito, nem por isso teria dúvidas sobre seu significado.<sup>1</sup>

É na Teogonia (Hesíodo)<sup>2</sup>, onde aparecem as Musas:

"Começemos por cantar as musas heliconianas, as Musas que habitam a alta e divina montanha do Hélicon e que, em torno das fontes de águas sombrias e do altar do todo-poderoso filho de Cronos, dançam com seus pés ligeiros. Elas vêm banhar-se, virgens delicadas, nas águas do Permesse ou do Hipocrene ou do Olmeu divino e, em seguida, formam, no cimo do Hélicon, seus coros belos e encantadores, com passos de ritmo vivo; depois, elas se afastam envoltas em sombras e, caminhando na noite, lançam ao vento sua maravilhosa voz celebrando os deuses (Zeus, Hera de Argos, Atená, Febe, Apolo, Ártemis, Poseidon, Têmis, Afrodite, etc...)."

Tales de Mileto<sup>3</sup>, pensador ao qual a tradição atribui o começo da filosofia grega, viveu em Mileto, na Jônia, provavelmente nas últimas décadas do século VII e na primeira metade do século VI antes de Cristo. Além de filósofo, foi cientista e político destacado. Não se tem conhecimento de que tenha escrito livros. Só conhecemos o seu pensamento através da tradição oral.

---

<sup>1</sup> Fedro, 229 D e ss.

<sup>2</sup> CERQUEIRA, Ana L. e LYRA, Maria T. *Teogonia - Hesíodo*, Niterói, RJ, Ed. da Universidade Federal Fluminense, 1996, p.17, Introdução 1.115.

<sup>3</sup> REALE, G./ANTISERI, D., *História da Filosofia*, Vol.1, SP., Ed. Paulinas, 1990, p. 29.

Tales foi o iniciador da filosofia da *physis*, afirmou a existência de um princípio originário único, causa de todas as coisas que existem, sustentando que esse princípio é a água. Essa proposta pode considerar-se a primeira proposta filosófica daquilo que se costuma chamar "civilização ocidental". (A, Maddalena)

O "Princípio" (*arché*) não é um termo de Tales (talvez tenha sido introduzido por Anaximandro, mas alguns pensam numa origem ainda mais tardia), mas é certamente o termo que indica melhor do que qualquer outro conceito daquele do qual derivam todas as coisas. Como nota Aristóteles em sua exposição sobre o pensamento de Tales e dos primeiros físicos, o "princípio" é "aquilo do qual derivam originariamente e no qual se ultimam todos os seres", é "uma realidade que permanece idêntica no transmutar-se de suas alterações", ou seja, uma realidade "que continua a existir imutada, mesmo através do processo gerador de todas as coisas".

Assim, o "princípio" é: a fonte e origem de todas as coisas; a foz ou termo último de todas as coisas; o sustentáculo permanente que mantém todas as coisas (a "substância", poderíamos dizer, usando um termo posterior).

Em suma, o "princípio" pode ser definido como aquilo do qual provêm, aquilo no qual se concluem e aquilo pelo qual existem e subsistem todas as coisas.

Os primeiros filósofos (se não o próprio Tales) denominaram esse princípio moderno do termo, mas no sentido original de realidade primeira e fundamental, ou seja, "aquilo que é primário, fundamental e persistente, em oposição àquilo que é secundário, derivado e transitório" (J. Burnet)

Assim, os filósofos que, a partir de Tales até o fim do século V antes de Cristo, indagaram em torno da *physis*, foram denominados "físicos" ou "naturalistas". Portanto, somente recuperando a acepção arcaica do termo e captando adequadamente as peculiaridades que a diferenciam da acepção moderna é que será possível entender estes primeiros filósofos.

Mas fica ainda por esclarecer o sentido da identificação do "princípio" com a "água" e suas implicações.

A tradição indireta diz que Tales deduziu essa sua convicção "da constatação de que a nutrição de todas as coisas é úmida", de que as sementes e os germes de todas as coisas "tem natureza úmida" e de que, portanto, a secagem total significa a morte. Assim, como a vida está ligada à umidade e esta pressupõe a água, então a água é a fonte última da vida e de todas as coisas.

Tudo vem da água, tudo sustenta sua vida com água e tudo acaba na água.

Considerava a água como primeiro princípio de onde provém, do qual estão formadas e no qual destinam-se todas as

coisas.<sup>4</sup>

Ainda na Antigüidade aparecem afirmações, como por exemplo, Homero e outros que consideravam Oceano e Tétis, como pai e mãe das coisas existentes.<sup>5</sup>

Tales baseia sua afirmação no puro raciocínio, no *logos*, ao contrário de outros que baseavam-se na imaginação e no mito.

A água para Tales deve ser pensada em termos totalizantes, ou seja, como a *physis* líquida originária da qual tudo deriva.

Em *Heráclito de Éfeso*<sup>6</sup>, também encontramos reflexões acerca do elemento água.

Os filósofos de Mileto haviam notado o dinamismo universal das coisas, que nascem, crescem e perecem, bem como do mundo, dos mundos, submetido ao mesmo processo.

Além disso, haviam pensado o dinamismo como característica essencial do próprio "princípio" que gera, sustenta e reabsorve todas as coisas.

Não haviam levado adequadamente tal aspecto da realidade ao nível temático. E é precisamente isso o que faz Heráclito. "Tudo se move", "tudo escorre" (*panta rhei*), nada permanece imóvel e fixo, tudo muda e se transmuta, sem exceção. Em dois de seus mais famosos fragmentos podemos ler:

---

<sup>4</sup> *Metafísica* I 3: 983 b6. Tradução Wilson Regis in FRAILE, G. *Historia de la Filosofia*, tomo I, Biblioteca de autores Cristãos, Madrid, 1990.

<sup>5</sup> LUCKESI, C. *Introdução à filosofia*, Salvador, Centro Ed. e Didático da UFBA, 1992.

<sup>6</sup> REALE, G. / ANTISERI, D., *História da Filosofia*, Vol. 1, São Paulo, Ed. Paulinas, 1990, p.35.

"Não se pode descer duas vezes o mesmo rio e não se pode tocar duas vezes uma substância mortal no mesmo estado, pois, por causa da impetuosidade e da velocidade da mudança, ela se dispersa e se reúne, vem e vai... ( ) Nós descemos e não descemos pelo mesmo rio, nós próprios somos e não somos".<sup>7</sup>

Empédocles<sup>8</sup>, da mesma forma que para Parmênides, o "nascer" e o "perecer", entendidos como um ver do nada e um ir ao nada, são impossíveis porque o ser é e o não-ser não é. Assim, não existem "nascimento" e "morte": aquilo que os homens chamaram com esses nomes, ao contrário, são o misturar-se e o dissolver-se de algumas substâncias que permanecem eternamente iguais e indestrutíveis. Tais substâncias são a água, o ar, a terra e o fogo, que Empédocles chamou de "as raízes de todas as coisas".

A água é uma das representações da substância primordial à qual também se referem os alquimistas, e que serviu para investigações filosóficas.

Essas concepções filosóficas são tentativas de explicar o mistério das origens do universo.

"A virtude suprema é como a água, pois a virtude da água reside no fato de ela nutrir a tudo sem esforço. Ela ocupa os lugares que os homens consideram piores [i.é., os mais inferiores]".

Lao-Tzu

---

<sup>7</sup> REALE, G. / ANTISERI, D., *História da Filosofia*, Vol. 1, São Paulo, Ed. Paulinas, 1990, p.35.

<sup>8</sup> Diógenes Laércio, IX, 1-17, DK 22 A1, Trad. Wilson Regis, conf. *Coleção Os Pensadores*, Ed. Abril Cultural, 1973, São Paulo, pp. 79-82.

## 1.2. Símbolo

Antes de evidenciar alguns símbolos relacionados ao elemento água, faz-se necessário tecer algum comentário a respeito do símbolo, que permeará nossa dissertação.

Do grego *symbolon*, do latim *symbolu*, símbolo é aquilo que, por um princípio analógico, representa ou substitui outra coisa.

Aquilo que, por sua forma ou sua natureza evoca, representa ou substitui, num determinado contexto, algo abstrato ou ausente, por exemplo o sol é símbolo da vida; a água é símbolo da purificação.

A etimologia de símbolo, do grego *symbolon* do verbo *sybállein*, significa, lançar com, arremessar ao mesmo tempo, com-jogar.<sup>9</sup>

De início, símbolo era um sinal de reconhecimento: um objeto dividido em duas partes, cujo ajuste e confronto permitiam aos portadores de cada uma das partes se reconhecerem.<sup>10</sup>

C.G. Jung, psicólogo (1875-1961) escreve: "Para mim, um símbolo é a expressão, perceptível com os sentidos, de uma experiência interna. Uma experiência religiosa procura expressar-se, e somente pode ser expressa, "simbolicamente", porque transcende a compreensão. Deve ser expressa de uma

---

<sup>9</sup> ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmo, 1970, p. 516.

<sup>10</sup> ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmo, 1970, p. 516.

maneira ou outra, porque assim é revelada sua força vital imanente"<sup>11</sup>.

Para Paul Tillich, teólogo (1886-1965)<sup>12</sup>, tanto sinais como símbolos apontam para além de si mesmos, mas sinais e símbolos não são a mesma coisa. As características do símbolo diferem porque os símbolos participam daquilo para o qual apontam.

Símbolos descortinam níveis da realidade, que, de outro modo, ficariam fechados à consciência.

Símbolos revelam dimensões de nós mesmos que, de outro modo, continuariam escondidos para nós.

"Símbolos não podem ser produzidos intencionalmente. (...) Originam-se no inconsciente individual ou coletivo e não podem funcionar quando não forem aceitos pela dimensão inconsciente do nosso ser".

Tillich distingue sinal de símbolo, quando afirma que o símbolo participa daquilo que ele indica.

Um símbolo é tirado de um segmento da realidade finita, através da qual a divindade tem aparecido. Assim ele pensa que toda a realidade, baseada que está no divino, pode ser veículo para a aparência do divino. O símbolo é investido numa numinosidade baseada nas profundezas tanto do espírito como da realidade exterior.

Para Jung, os símbolos têm também um poder numinoso.

---

<sup>11</sup> Letters, Bollingen Series XCV, 2 vols. Transl. R. F. C. Hull, Princeton University Press, Princeton, 1973..

<sup>12</sup> TILLICH, P. *Dynamics of Faith*, New York, Harper and Row, 1956, pp. 41-43.

Esta numinosidade depende mais da disposição subjetiva da psique do que da realidade externa.

O símbolo é o portador ou incorporação do poder do arquétipo do inconsciente coletivo e indica as energias do inconsciente nas suas configurações vivas e variantes. Estas energias e os arquétipos de onde emergem são experimentados, não só como numinosos, mas também como suprapessoais, ou como existentes de maneira autônoma em relação à consciência do ego. A sua presença é percebida por meio dos sonhos ou processos imaginários.

Tanto Tillich, quanto Jung concordam que o símbolo abre profundezas na pessoa e no seu ambiente, antes fechados. O símbolo, como aparece nos sonhos ou em outros produtos do inconsciente, conscientiza aquilo que era inconsciente, e é adaptado à necessidade do processo individual de conscientização.

Jung acredita que o símbolo é o produto da ativação de um arquétipo no inconsciente. Atribui um alto grau de autonomia ao inconsciente. Nega a possibilidade do ego manipular, deliberadamente, o inconsciente de maneira a controlar seus produtos. O símbolo tem vida própria (...) não pode ser inventado ou fabricado.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Letters, Bollingen Series XCV, 2 vols. Transl. R. F. C. Hull, Princeton University Press, Princeton, 1973, p. 269.

A característica final que Tillich apresenta a símbolos é sua capacidade de crescer e de morrer. Os símbolos não podem ser produzidos conscientemente e por essa razão a crítica racional não é capaz de matar o símbolo que captou a imaginação coletiva. Somente um outro símbolo, que cativa a mente coletiva, é capaz disso.

Ambos autores percebem a influência do papel coletivo dos símbolos quando agem na religião ou em ideologias políticas. Mas o conceito de Jung é mais personalizado, pois acredita que o mundo simbólico se dirige cada noite ao homem, quando ele dorme.

Já, Paul Tillich preocupa-se principalmente com os símbolos coletivos cristãos. Ele acredita somente que alguém entra verdadeiramente na realidade do símbolo de Cristo quando este símbolo se apodera da pessoa e a transforma com sua força<sup>14</sup>.

Jung concorda com Tillich a respeito do nascimento e morte de símbolos. Vê o papel e a função do profeta como sendo o de gerar, através das profundidades de sua pessoa, a expressão simbólica ou mito que corresponde às necessidades espirituais e aspirações da época. Assim como o mito, é aceito pela coletividade.

Jung e Tillich, em fato de uma mudança na consciência e na situação coletiva pode provocar ou ocasionar uma mudança no sistema dos símbolos.

---

<sup>14</sup> TILLICH, P. *Teologia Sistemática*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1984, pp. 115-19.

Enquanto o símbolo é verdadeira resposta redentora à situação correspondente, ele é verdadeiro e válido, de fato "absoluto". Mas quando a situação se alterar e o símbolo simplesmente for perpetuado, então, ele é um mero ídolo, que provoca um efeito empobrecedor e absurdo, porque somente nos deixa inconscientes e não providencia explicação e esclarecimento<sup>15</sup>.

Tillich observa que "um símbolo religioso somente pode morrer quando aquilo de que é a expressão adequada, morrer". Isto é, quando não ocorre mais a mediação entre o supremo e o indivíduo ou a coletividade que tem este símbolo, quando os símbolos vão ficando obsoletos. Isto ocorre não por causa da crítica científica de superstições hipotéticas, mas pela própria crítica religiosa das pessoas que crêem.<sup>16</sup>

Ao examinarmos a epistemologia dos fundamentos das idéias de Tillich sobre os símbolos, encontramos uma intimidade da mente com Deus. Ocorre um paralelo no pensamento de Jung sobre a relação do ego com suas profundezas no inconsciente, de onde vem a percepção do numinoso.

Jung enfatiza o significado pessoal do símbolo. Os símbolos não podem ser construídos conscientemente; eles são sempre produzidos no inconsciente, através de revelação ou intuição<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> Letters, Bollingen Series XCV, 2 vols. Transl. R. F. C. Hull, Princeton University Press, Princeton, 1973, pp. 60-61

<sup>16</sup> TILLICH, P. *Teologia Sistemática*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1984, p. 203.

<sup>17</sup> JUNG, C. G. *A energia psíquica*. Obras Completas vol.VIII/I, Petrópolis, Ed. Vozes, 1983, par. 92.

Jung interessa-se mais nos símbolos reveladores que emergem do contato do indivíduo com seu próprio inconsciente, e que visam solucionar um problema particular vital.

Jung mostra uma vez mais seu paralelismo com Tillich, ao tratar da natureza misteriosa, mas fortificadora do símbolo. "Um símbolo vive somente de verdade quando é a melhor e suprema expressão para algo adivinhado, mas não conhecido. O símbolo, então, requer a participação inconsciente do indivíduo, e tem o efeito de dar e realçar a vida." O símbolo deve combinar "as aspirações espirituais mais altas do homem" com "o que nasce das raízes mais profundas de seu ser"<sup>18</sup>.

Os dois autores confirmam que o símbolo surge para fazer o homem experimentar a unidade subjacente aos opostos. Descrevem o ego humano como frágil e suspenso sobre um abismo infinito. Esta vida nas profundezas, esta força que parece impor-se à consciência em momentos de crise, pode ser chamada de inconsciente coletivo, ou base e força do ser.<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> JUNG, C. G. *Collected Works of C. G. Jung, Definitions*, vol. VI par. 819.

<sup>19</sup> DOURLEY, J. P. *A Psique como sacramento*, SP., Ed. paulinas, 1985, pp. 64 - 70.

### *Estrutura e função dos símbolos*

A palavra símbolo deveria ser utilizada para aqueles casos que prolongam uma hierofania<sup>20</sup> ou que constituem uma revelação inexprimível de outra forma mágico-religiosa como um rito, mito, forma divina.

Tudo pode ser símbolo ou desempenhar o papel de um símbolo, desde a cratofania mais simples, que simboliza, de um jeito ou de outro, o poder mágico-religioso incorporado num objeto qualquer. Exemplificando: Jesus Cristo, que pode ser considerado um símbolo da encarnação da divino-humana.

Pode ser analisado o símbolo desde o ponto de vista particular, como prolongamento da hierofania, e como forma autônoma da revelação.

Ao falar em simbolismo, podemos citar o lunar, que revela melhor que todas as outras epifanias reunidas, e ao mesmo tempo, simultânea e panorâmicamente, o que as outras epifanias descobrem, de um modo sucessivo e fragmentário. No simbolismo da lua transparece a estrutura das hierofanias lunares.

Através do simbolismo aquático, hierofanias podem ser reveladas integralmente, pois é o único sistema que integra suas várias manifestações particulares.

---

20 Considera-se *hierofania*: Certos documentos (rito, mito, cosmogonia ou deus) nos quais revelam-se uma modalidade do sagrado. Uma manifestação do sagrado no universo mental daqueles que o receberam. Algo que ultrapassa a sua condição normal de objetos. Revela algo para além de si mesmo. Conf. ELIADE, M., *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmo, 1970, p. 34.

Ao analisarmos o simbolismo da imersão nas águas (Batismo, Dilúvio, Atlântida), nos deparamos com uma coerência própria de um sistema bem articulado, sistema que está implícito em qualquer hierofania aquática, por mais simples que seja, mas que se torna visível através de um símbolo.

Uma das características do símbolo é a simultaneidade dos sentidos que revela. Um símbolo lunar ou aquático é válido em todos os níveis do real e esta multivalência revela-se simultaneamente. O sentido *luz-obscuridade* simboliza, ao mesmo tempo, o *dia e a noite*, o aparecimento e o desaparecimento de uma forma qualquer, a morte e a ressurreição, a criação e a desintegração do cosmos, o virtual e o manifesto...

O simbolismo é uma linguagem ao alcance de todos os membros da comunidade e cujo acesso é negado aos estrangeiros.

Exprime, simultaneamente, no mesmo grau a condição social, histórica e psíquica do indivíduo que usa o símbolo e as suas relações com a sociedade e o cosmos.

A função dos símbolos é unificadora. O símbolo revela a unidade fundamental de várias áreas do real. O símbolo continua a dialética da hierofania ao transformar os objetos em coisa diferente do que eles parecem ser à experiência profana. Um objeto qualquer pode tornar-se sinal de uma realidade transcendente e se integra num sistema, e incorpora em si mesmo, apesar de seu caráter fragmentário, todo o

sistema em questão.<sup>21</sup>

Todo o simbolismo aspira integrar e unificar o maior número de áreas e de setores da experiência antropocósmica.

O símbolo, o mito, a imagem pertencem à substância da vida espiritual, que podem ser camuflados, mutilados, mas que nunca poderão ser extirpados da convivência humana.<sup>22</sup>

O pensamento simbólico não é domínio exclusivo dos desequilibrados, das crianças, dos poetas, é consubstancial ao ser humano, pois precede a linguagem e a razão discursiva. O símbolo revela dados da realidade, talvez os mais profundos que desafiam qualquer outro meio de conhecimento.

Os símbolos, os mitos, as imagens respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser.<sup>23</sup>

### *1.2.1. Água e significado simbólico*

"Quando a água está parada, assemelha-se a um espelho, refletindo a barba e as sombrancelhas. Ela confere a exatidão do nível da água, e o filósofo transforma-a no seu modelo. E se assim a água infere lucidez da quietude, imagine, o quanto obterão as faculdades da mente? A mente, o repouso do sábio torna-se o espelho do universo, o espelho de toda a criação"<sup>24</sup> (Chuang-Tzu)

---

<sup>21</sup> ELIADE, M. *Imagens e símbolos*, Lisboa, Editora Arcádia, 1979, p. 10.

<sup>22</sup> Idem, p. 11.

<sup>23</sup> Idem, p. 12.

<sup>24</sup> WATTS, A., *Ato, o curso do rio*, SP, Ed. Pensamento, 1975.

Em muitos mitos da criação, a água representa a fonte de toda forma de vida. É também um elemento de *dissolução* e de *afogamento*.

A água tem significado ambivalente e conflitual, porque de um lado dá a vida e a torna fértil, mas de outro aponta ao afundamento e ao declínio.

As águas, sob a terra, estão relacionadas ao caos original, enquanto a água que cai do céu em forma de chuva está associada à situações benéficas.

Os redemoinhos de água representam as dificuldades e as revoluções, enquanto os rios que fluem calmamente simbolizam a vida que transcorre regularmente.

Lagoas e poças, especialmente os lagos de fontes, para algumas culturas foram a moradia de espíritos naturais, sereias e gênios da água, ou ainda de demônios aquáticos de diversos tipos, proféticos e muitas vezes perigosos.

"O bem superior é como a água: o bem da água a tudo beneficia, e o faz sem poupar-se. Está onde as pessoas não querem estar, por isso está perto do caminho. Onde ele penetra torna-se bom solo; profundo é o bem em seu coração, benéfico é o bem que ele oferece."<sup>25</sup>

Um sistema dualístico é representado no sacramento cristão da água misturada ao vinho: ao elemento passivo é unido o *fogo* do vinho, o que salienta a natureza humana e divina da pessoa de Jesus.

---

<sup>25</sup> CLEARY, Th. *O essencial do Ato*, SP., Editora Best Seller, 1991.

Na iconografia<sup>26</sup> cristã, a água desempenha a função de elemento purificador que, no batismo, lava o pecado. Como elemento puro, foi utilizada durante as provas impostas às supostas bruxas<sup>27</sup>, acreditando-se que a água não aceitaria as feiticeiras acorrentadas. Com essa prova da água, apenas era considerada inocente aquela que afundasse e que, depois, seria retirada com o auxílio de uma corda, enquanto as *feiticeiras* boiariam como rolhas na superfície da água.<sup>28</sup>

A água, ao contrário do fogo que sobe, tende para baixo: fluída e móvel, ela escorre e se espalha, por causa de seu peso. Fundamentalmente toda água traz esperança e o mar, antes de a engolir, é a mãe das nascentes e a matriz dos viventes.

A água tem quatro propriedades básicas: faz viver, dissolve, apaga o fogo e faz morrer.<sup>29</sup>

A água aparece como um meio natural no qual a vida se desenvolve. É provável que mais de um evolucionista tenha afirmado que tudo o que vive teve origem marinha.

---

<sup>26</sup> Iconografia - Entende-se por ícone a imagem divina ou sagrada de maneira geral e não só a forma particular que assumiu na Igreja do Oriente. O ícone não é da mesma natureza do retrato. Nele, se existe semelhança, é apenas de caráter ideal, na medida em que a imagem participa da realidade divina que se destina a exprimir. Portanto, o ícone é, em primeiro lugar, representação da realidade transcendente - nos limites inerentes à incapacidade fundamental de traduzir de maneira adequada o divino - e suporte para a meditação. Tende a fixar o espírito na imagem, par que esta o leve a concentrar-se na realidade que simboliza. (CHEVALIER, J. GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*, RJ, José Olympio Ed., 1989 p.499).

<sup>27</sup> Século XVIII, MURARO, R. *Maleus Maleficarum - O Martelo das feiticeiras*, R.J., Rosa dos Tempos, 1991, p.13.

<sup>28</sup> BIEDERMANN, H., *Dicionário Ilustrado de Símbolos*, S. P., Comp. Melhoramentos, 1993, p. 15.

<sup>29</sup> GIRARD, Marc. *Os símbolos na Bíblia*, S.P., Paulus, 1997, 1997, p. 187.

Seu poder de penetração, em todas as suas formas, faz dela um agente de desenvolvimento e de manutenção da vida. Torna a terra fértil, faz as sementes germinarem, mantém a vida das plantas, dos animais e dos seres humanos, e constitui uma porcentagem incrível do peso de todos os seres vivos.

A água apresenta poder tonificante e terapêutico como mineral, termal e água salgada. Água e vida são inseparáveis.

Ela desagrega as moléculas das substâncias sólidas instantaneamente (solução, por exemplo, do açúcar) ou aos poucos (erosão, por exemplo, dos calcários).

A água apaga o fogo e, por assim dizer, o engole.

Integra de tal forma a natureza humana que o temor da água e também sua fascinação estão nas profundezas do subconsciente.

A água pode se constituir em perigo e causa de morte, como inundações, afogamento...

As significações simbólicas da água podem reduzir-se a três: fontes de vida, meio de purificação, centro de regenerescência.

Mergulhar nas águas, para delas sair sem se dissolver totalmente, salvo por uma morte simbólica, é retornar às origens, carregar-se, de novo, num imenso reservatório de energia e nele beber uma força nova: fase passageira de regressão e desintegração, condicionando uma fase progressiva de reintegração e regenerescência.

Na Ásia, a água é a forma substancial da manifestação, a origem da vida e o elemento da regeneração corporal e espiritual, símbolo da fertilidade, da pureza, da sabedoria, da graça e da virtude. Fluída, sua tendência é a dissolução; homogênea também, ela é igualmente símbolo da coesão e da coagulação.<sup>30</sup>

A água é a matéria-prima, *Prakriti*: Tudo era água, dizem os textos hindus.<sup>31</sup>

O Ovo do mundo é chocado à superfície das Águas. Da mesma forma, o Sopro ou Espírito de Deus, no Gênesis, pairava sobre as águas.<sup>32</sup> Para os chineses a água é *Wu-ki*, o caos, a indistinção primeira.

A noção de águas primordiais, de oceano das origens, é quase universal. Encontramos na Polinésia, e na maior parte dos povos austro-asiáticos situam na água o poder cósmico.

Origem e veículo de toda vida: a seiva é água e, em certas alegorias tântricas, a água representa "sopro vital".<sup>33</sup>

Símbolo universal de fertilidade e fecundidade, é instrumento de purificação ritual.

A água é oposta ao fogo, é yin. Corresponde ao norte, ao frio, ao solstício do inverno.

A água está ligada ao raio, que é fogo, diz-se que a água

---

<sup>30</sup> BIEDERMANN, H. trad. Glória P. Camargo, *Dicionário Ilustrado de Símbolos*, SP, Comp. Melhoramentos, 1993. p. 15.

<sup>31</sup> CHEVALIER, J. GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*, RJ, José Olympio Ed., 1989, p. 15.

<sup>32</sup> CHEVALIER, J. GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*, RJ, José Olympio Ed., 1989, p. 15.

<sup>33</sup> Idem, *ibidem*.

é fogo, e que as abluções herméticas devem ser entendidas como purificações pelo fogo. Para os chineses, o banho e a lavagem poderiam ser operações de natureza ígnea.<sup>34</sup>

Nas tradições judaica e cristã, a água simboliza, em primeiro lugar, a origem da criação.

Ela é mãe e matriz. Fonte de todas as coisas, manifesta o transcendente e é considerada como hierofania.

A água é o símbolo das energias inconscientes, das virtudes informes da alma, das motivações secretas e desconhecidas.

Água que brota, como *fonte* assume a forma e a idéia de origem, princípio.

Tenta reconstituir o mistério fundamental da origem de todas as coisas, mistério inacessível, que está no pensamento de todo ser humano.

O aspecto vivo da água leva a imaginação a tratá-la como um ser animado. Seu aspecto inesgostável faz dela uma metáfora ideal para significar a abundância.

A intuição simbólica utiliza-se da água para exprimir dimensões inatingíveis: no plano cósmico, o mistério da vida em sua totalidade. Nos planos antropológico e religioso, exprime o mistério do acesso do homem a uma vida transbiológica, superabundante, a vida dos deuses.

A *pureza* da água, no plano material, liga-se à limpeza exterior.

---

<sup>34</sup> Ibidem.

A *fugacidade* da água e o perigo de morte que ela representa fazem dela, imagem dos valores inconsistentes (em particular, do tempo) e do desabamento.

A água que corre e engole lembra, no plano psicológico, a morte da alma; nos planos antropológico e cósmico, o mistério do retorno inelutável de todas as formas vivas ao nada, seguido ou não de renascimento.

#### *A água: cosmogonia universal*

A água é o arquétipo por excelência para sugerir a idéia abstrata e vaporosa do caos original - situação de indiferenciação e de anarquia que precedeu o aparecimento das formas criadas. Encontra-se em vários lugares nas cosmogonias de vários povos arcaicos e primitivos.<sup>35</sup>

Três razões apresentamos para aproximar uma explicação da ligação entre água e estágio anterior à gênese do mundo:

A primeira razão encontra-se relacionada com a *liquidez* da água. A inconsistência da massa aquosa explica por que se viu nela imagem da criação.

A segunda razão relaciona-se com *recordações* ancoradas no psiquismo que permanecem num nível subconsciente. A imagem do oceano primordial não é um achado original da imaginação erradia, mas, de certa forma, um resíduo da experiência que jaz nas camadas mais profundas da pessoa/humanidade.

---

<sup>35</sup> BIEDERMANN, H., *Dicionário Ilustrado de Símbolos*, S. P., Comp. Melhoramentos, 1993, p. 293ss.

A terceira razão, para explicar o mito de uma criação emergente da água, está no fato de que, nas culturas de tipo agrário, desde os tempos mais remotos, o homem foi obrigado a recuperar terras cultiváveis de água dos pântanos. Drenagem, canalização e diques permitiam a terra sair literalmente da água e atestavam a vitória do homem sobre ela. Isso pode ser passado ao plano mais vasto: se uma pequena extensão de terra podia emergir da água, a terra toda devia ter surgido no quadro de um processo semelhante. Disso nasceu o mito da origem do grande todo, mito que se exprime em termos da vitória sobre as águas primordiais.

#### *Símbolo antropológico e de purificação*

A água aprisionada simboliza a regeneração humana. Trata-se sempre, na ocorrência, do uso de uma água real (tanque, piscina, mais raramente lago ou mar) para fins rituais. Essa prática é universal. Simboliza a purificação do homem todo, tanto de seu interior quanto de seu exterior: ela age como solvente das sujeiras visíveis e invisíveis. As formas mais importantes são: ablução, aspensão e, particularmente, imersão.

O banho ritual remete à regressão uterina, como volta às fontes na matriz ambivalente (morte e vida) presente na água.

#### *Origem da sabedoria*

O símbolo do mar se refere, com menos frequência, ao

campo do conhecimento. Não obstante, entre os babilônios, o oceano é chamado *casa de sabedoria*: é de suas profundezas que vêm a ciência, a cultura e a escrita.<sup>36</sup>

A água, possuidora de uma virtude lustral, exercerá um poder soteriológico. A imersão nela é regeneradora, traz um renascimento, por ser ela ao mesmo tempo, morte e vida. A água apaga a história, pois restabelece o ser num estado novo.

Símbolo da dualidade do alto e do baixo: água de chuva, água do mar. A primeira é pura; a segunda, salgada.

Símbolo de vida: pura, ela é criadora e purificadora, ela produz a maldição (Livro dos Números). Os rios podem ser correntes benéficas ou dar abrigo a monstros. As águas agitadas significam o mal, a desordem.<sup>37</sup>

As águas calmas significam a paz e a ordem (Salmos 23,2). No folclore judaico, a separação feita por Deus, quando da criação das águas superiores e inferiores, designa a partilha das águas masculinas e femininas, simbolizando a segurança e a insegurança, o masculino e o feminino, o que se liga, como já foi dito, a um simbolismo universal.<sup>38</sup>

---

<sup>36</sup> CHEVALIER, J. *Dicionário de Símbolos*, RJ, J.O. Ed., 1989, p.16.

<sup>37</sup> Idem.

<sup>38</sup> Idem, *ibidem*.

As águas amargas do oceano designam a amargura do coração.

Na tradição do Islã, a água simboliza também inúmeras realidades.

O Corão designa a água benta que cai do céu como um dos signos divinos. Os jardins do paraíso têm arroios de águas vivas e fontes (Corão 2, 25; 88,12)<sup>39</sup>

A água simboliza a vida: a água da vida, que se descobre nas trevas, e que regenera. O peixe, lançado na confluência de dois mares, no Surata da Caverna (Corão, 18, v. 61<sup>40</sup>), ressuscita, quando mergulhado n'água. Esse simbolismo faz parte de um tema iniciático: o banho na Fonte da Imortalidade. O tema retorna constantemente na tradição mística islâmica, especialmente, no Irã. Nas lendas referentes a Alexandre, este parte em busca da Fonte da Vida, acompanhado pelo seu cozinheiro Andras, o qual, um dia, lavando um peixe salgado numa fonte, vê, com espanto, que o peixe revive, e obtém a imortalidade.

Em todas as tradições do mundo, a água desempenha igualmente papel primordial.

A divisão fundamental de todos os fenômenos em duas categorias, regidas pelos símbolos antagonistas da água e do fogo, do úmido e do seco, encontra uma notável ilustração nas práticas funerárias dos astecas. Por outro lado, os fatos mostram igualmente a analogia dessa dualidade simbólica com

---

<sup>39</sup> CHEVALIER, J. *Dicionário de Símbolos*, RJ, J.O. Ed., 1989, p. 19.

<sup>40</sup> CHEVALIER, J. *Dicionário de Símbolos*, RJ, J.O. Editora, 1989, p. 19.

a noção do casal original Terra-Céu.

Essas mesmas relações da água e do fogo se encontram nos ritos funerários dos celtas. A água lustral, que os druidas empregavam para afastar os maléficos, era a água na qual se apagava o tição ardente retirado da fogueira dos sacrifícios.

Em todos os textos irlandeses, a água é um elemento submetido aos *druidas*<sup>41</sup>, que têm o poder de ligar e desligar. A água é um símbolo de pureza.

É um meio e um lugar de revelação para os poetas que põem sortilégios a fim de obter profecias. Segundo Estrabão, os druidas afirmavam que, no fim do mundo, reinariam apenas a água e o fogo, elementos primordiais.

Na cosmologia da Babilônia, no começo de tudo, quando não havia ainda nem céu nem terra, apenas uma matéria indiferenciada se estendia desde toda a eternidade: as águas primordiais. Da sua massa se desprenderam dois princípios elementares, Apsu e Tiamat...<sup>42</sup>

Apsu, considerado como uma divindade masculina,

---

<sup>41</sup> O nome druida é, etimologicamente, o da ciência (dru [u] id, os muitos sábios e há uma primeira equivalência semântica com o nome do bosque e da árvore (vid). Mas a árvore é, também, um símbolo de força, e os druidas celtas têm direito à sabedoria e à força. É o que resume a etimologia analógica de Plínio, que põe o nome do druida em relação com o nome do carvalho, drus. Podem ser considerados como correspondentes estritos dos brâmanes da Índia. São, na verdade, sacerdotes, e suas doutrinas têm essência metafísica. Caso único, com efeito, na Europa ocidental, eles constituem uma classe sacerdotal, organizada e hierarquizada: sacerdotes sacrificadores, adivinhos ou satiristas, vates ou especialistas em ciências físicas. Os druidas podem ser não apenas sacerdotes mas também conselheiros muito ouvidos (o druida foi suplantado pelo capelão ou confessor na época cristã). Os adivinhos ou poetas podem ser juizes e historiadores (mas não são, jamais, satiristas). Os vates são médicos. A acumulação de funções, todavia, não lhes é interdita. Os druidas governam, e transcendem toda a sociedade humana, e dominam o poder político: na Irlanda como na Gália, o druida fala antes do rei. São os druidas que regulam a eleição real e que determinam a escolha do candidato. Influenciam a classe guerreira. Sendo a classe sacerdotal um reflexo da sociedade divina, os druidas simbolizam todo o panteão por suas qualidades e suas funções. O papel dos druidas encontra-se em regular os contatos entre os homens e o Outro-Mundo dos deuses, por ocasião das grandes festas anuais. Razão pela qual eles se limitam de preferência à função sacerdotal. [CHEVALIER, J. *Dicionário de Símbolos*, R. J., J.O. Editora, 1989].

<sup>42</sup> CHEVALIER, J. *Dicionário de Símbolos*, R. J., J.O. Editora, 1989, p. 20.

representa a massa de água doce sobre a qual flutua a terra...

Tiamat não é outra coisa senão o mar, o abismo de água salgada de onde saem todas as criaturas (SOUN, 119)<sup>43</sup>.

Gaston Bachelard escreveu variações sobre as águas claras, as águas primaveris, as águas correntes, as águas amorosas, as águas profundas, dormentes, mortas, compostas, doces, violentas, a água mestra da linguagem, etc...

As águas, representando a totalidade das possibilidades de manifestação, se dividem em águas superiores, que correspondem às possibilidades informais (indeterminadas); e águas inferiores, que correspondem às possibilidades formais (determinadas).<sup>44</sup>

A água se oferece como um símbolo natural para a pureza; dá sentidos precisos a uma psicologia prolixa da purificação.<sup>45</sup>

### Peixe – simbolismo aquático

O peixe é símbolo do elemento água, dentro da qual ele vive.

Era esculpido na base dos monumentos Khmers para indicar que eles mergulhavam nas águas inferiores, no mundo subterrâneo. Nessa qualidade ele poderia ser considerado participante da confusão de seu elemento e por isso impuro.<sup>46</sup>

---

<sup>43</sup> CHEVALIER, J. *Dicionário de Símbolos*, R. J., J.O. Editora, 1989, p. 20.

<sup>44</sup> BACHELARD, G. *L'eau les rêves*, Paris, 1942.

<sup>45</sup> BACHELARD, G. *A água e os Sonhos*, SP, Martins Fontes, 1989.

<sup>46</sup> CHEVALIER, J. *Dicionário de Símbolos*, R. J., J.O. Editora, 1989, p. 703.

Símbolo das águas, cavalgadura de Varuna, o peixe está associado ao nascimento ou à restauração cíclica. A manifestação se produz à superfície das águas. Ele é ao mesmo tempo Salvador instrumento da Revelação.

O peixe (matsya) é um avatar<sup>47</sup> de Vixenu<sup>48</sup>, que salva do dilúvio Manu, o legislador do ciclo presente; ele lhe envia em seguida os Vedas, lhe revela o conjunto da ciência sagrada.<sup>49</sup>

Os peixes sagrados do Egito antigo, o Dagon fenício, o Oannes mesopotâmico atestam simbolismos idênticos, sobretudo o último, expressamente considerado o Revelador.<sup>50</sup>

Oannes foi considerado como uma representação de Cristo.

No Extremo Oriente, os tais peixes andam em pares e são sinais de união (Dana, Durv, Eliy, Chae, Gues, Mutt, Sair). O Islã associa igualmente o peixe a uma idéia de fertilidade.<sup>51</sup>

O peixe é símbolo do deus do milho entre os índios da América Central.<sup>52</sup>

O Deus do amor, em sânscrito, se chama aquele que tem por símbolo o peixe.

Na Antiga Ásia menor, Anaximandro especifica que o peixe é o pai e a mãe de todos os homens e que, por esse motivo,

<sup>47</sup> Avatar - palavra da língua sânscrita, e que pode, aproximadamente, ser traduzida como vinda, descida. Significa, na mitologia hindu, a encarnação de um deus. Cf. Bastos, P. As grandes mitologias do mundo, RJ, Livraria Império, 1959, p. 58.

<sup>48</sup> Deus hindu. Esse foi criado para completar a dialética da criação e destruição, é o que conserva e preserva. Esse deus várias vezes veio à terra, tomando formas humanas e animais diversas. Voltará pela última vez com o nome de Kalki, quando destruirá os pecadores e seus pecados. Cf. Bastos, P. As grandes mitologias do mundo, RJ, Livraria Império, 1959, p. 57.

<sup>49</sup> CHEVALIER, J. *Dicionário de Símbolos*, Rio de Janeiro, J.O. Editora, 1989, p. 704.

<sup>50</sup> Idem.

<sup>51</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>52</sup> CHEVALIER, J. *Dicionário de Símbolos*, R. J., J.O. Ed., 1989, p. 704

seu consumo é proibido.<sup>53</sup>

O peixe está intrinsecamente relacionado com a água. Não somente numa relação de habitante e habitação, mas, como também o peixe assume em si mesmo as orientações simbólicas do elemento água.

### *Peixe como símbolo ambivalente*

Como a água, às vezes tem valência feminina (fecundidade, ciclo vida-morte-renascimento, proteção), ou masculina (fecundação, vitalidade, dinamismo de salvação).

Em diferentes religiões o simbolismo do peixe, é marcado pela ambivalência e se aplica à divindade às vezes bem definidas:

a) Símbolo de um deus do amor. No masculino, o peixe, em mitologia, pode ter uma conotação fálica. Simbolismo antigo, a julgar pelo nome do deus do amor em sânscrito: aquele que tem o peixe por símbolo.

b) Símbolo de um deus criador. Entre os povos sumério-semíticos, os deuses-peixes eram venerados como criadores e vivificadores.

c) Símbolo de um deus salvador ou protetor. Em mais de um mito aparece o tema do peixe salvador.

No hinduísmo, o peixe é o primeiro avatar do deus Vixnu, conservador do universo: metamorfoseado prende seu chifre e guia sobre as águas do dilúvio a arca de Manu (equivalente a

---

<sup>53</sup> CHEVALIER, J. *Dicionário de Símbolos*, R. J., J.O. Ed., 1989, p. 705.

Noé bíblico), na qual refugiaram-se a humanidade e o mundo animal para reiniciar uma nova humanidade; o peixe divino traz aos homens o Veda (a sabedoria revelada).

Na Grécia, Apolo, deus da luz, da beleza, protetor dos viajantes do mar, às vezes apresenta-se como golfinho. Em outros mitos, cretenses por exemplo, se torna psicopompo e transporta as almas em seu dorso até a mansão dos mortos. No Vietnã, o papel de psicopompo é atribuído, às vezes, à baleia; num desses mitos a baleia traz o menino salvador do mundo, libertador do Mal.

d) Símbolo de um Deus do oceano primordial. Na Babilônia, o Senhor do abismo é representado por um ser meio homem meio peixe, tendo diante de si uma bola que evoca o *ovo do mundo*, ele sai da água para revelar à humanidade, a cultura e a sabedoria. No Egito, Num, senhor dos peixes, representa o elemento aquático primordial. No mesmo sentido, convém mencionar o deus Dagon, na Fenícia, cujo nome, mencionado 16 vezes no AT, parece derivar do termo *peixe*.

e) Símbolo da deusa-mãe. A fecundidade do peixe faz dele um símbolo não só do deus masculino do amor, como vimos, mas também das grandes deusas-mães, arquétipos da feminilidade, da fertilidade e do amor. Na Fenícia: Astarte, na Grécia: Afrodite; em Roma: Vênus; na Escandinávia: Frigg, todas elas eram mais ou menos identificadas com peixe; no dia dedicado a essas divindades, as pessoas comiam peixe, para participar melhor de sua fecundidade; de onde advém o costume de comer

peixe na sexta feira.<sup>54</sup>

A figura do peixe, em muitas religiões associa-se às deusas do amor e à fertilidade natural. Ao mesmo tempo, o peixe é também um animal de sangue frio, simbolicamente um animal que não é dominado pelo ímpeto das paixões e, exatamente por esse motivo, torna-se objeto de refeições e sacrifícios sagrados.

O símbolo do peixe, em grego *ichthys*, é interpretado como um acróstico, um vocábulo composto das letras iniciais da seguintes palavras: **I**esoûs **C**hristòs **T**heoû **H**yiòs **S**oter, que significam Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador, é utilizado pelos cristãos para se reconhecerem entre os pagãos, em época da perseguição dos cristãos.<sup>55</sup>

O banho na pia batismal (piscina, literalmente viveiro de peixe) e a comparação dos apóstolos como *pescadores de homens* podem ter contribuído para isso primeiramente.

Na pintura mural proto-cristã das catacumbas romanas, o peixe é o símbolo da eucaristia e, até os primórdios do período medieval, ele é visto sobre a mesa ao lado do pão e da taça de vinho em representações da *Última Ceia*.<sup>56</sup>

É a partir da metade do século II que o batismo cristão é representado em afrescos nas catacumbas sob a figura da pesca. Aos poucos se interligou essa figura ao Cristo presente nas águas do batismo, tendo sido chamado de o

---

<sup>54</sup> BIEDERMANN, H. *Dicionário Ilustrado de Símbolos*, S.P., Comp. Melhoramentos, 1993, p. 294.

<sup>55</sup> MOHR, G. H., *Dicionário dos Símbolos*, S. P., Paulus, 1994.

<sup>56</sup> MOHR, G. H., *Dicionário dos Símbolos*, S. P., Paulus, 1994.

verdadeiro peixe e os cristãos de *pisciculi* (peixinhos).<sup>57</sup>

Nesse sentido, o peixe é alimento de vida e símbolo da ceia eucarística. É reproduzido com frequência ao lado do pão.<sup>58</sup>

O peixe nas civilizações mediterrâneas, era símbolo de felicidade.

Oannes, o personagem mítico babilônico representado metade peixe, sai do mar de Eritreia e revela aos homens a cultura, a escrita, a astrologia.<sup>59</sup>

Segundo a tradição dos antigos mitos hindús, o deus Vishnu teria, sob a forma de peixe, salvo do dilúvio universal o progenitor a humanidade, Manu.<sup>60</sup>

A alegoria do pastor e das ovelhas desempenha, paralelamente à dos peixinhos dos cristãos, um papel ainda mais significativo, e o Hermes Crióforos, o deus protetor dos rebanhos, tornou-se o modelo do "Bom Pastor"<sup>61</sup>. Orfeu também serviu de paradigma na sua condição de bom pastor<sup>62</sup>. Este aspecto do pastor deu origem à figura (mistérica) do peixe "imenso" da inscrição de Abércio, o pastor também parece estar relacionado com Átis, próximo no tempo e no espaço.

O simbolismo do pastor, do carneiro e do cordeiro coincide com o final do éon de Áries.

---

<sup>57</sup> MOHR, G. H., *Dicionário dos Símbolos*, S. P., Paulus, 1994.

<sup>58</sup> MOHR, G. H., *Dicionário dos Símbolos*, S. P., Paulus, 1994.

<sup>59</sup> ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmos, 1970.

<sup>60</sup> BIEDERMANN, H. *Dicionário Ilustrado de Símbolos*, SP., Comp. Melhoramentos, 1993, p. 294.

<sup>61</sup> JUNG, C. G. *Obras Completas de C. G. JUNG*, vol. IX/2, Petrópolis, Ed. Vozes, 1982, pp. 95-162

<sup>62</sup> ESLER, *Orpheus - the Fisher*, p. 51

No século I de nossa era os dois éons são concomitantes, e dois dos deuses mais importantes dos mistérios da época: Átis e Cristo são caracterizados pela figura do pastor, do carneiro e do peixe.

O significado do símbolo de peixes é um tema abordado com vasta bibliografia e profundidade em Jung, dada a sua riqueza, tanto na concepção cristã, como em outras culturas de origem pagãs<sup>63</sup>.

### *1.3 Considerações sobre a água em Mircea Eliade*

#### 1.3.1. Simbolismo da água

Para Eliade a água é um símbolo cosmogônico, receptáculo de todos os gérmenes, e torna-se substância mágica e medicinal por excelência; ela cura, rejuvenesce, assegura a vida eterna. O protótipo da água é a água viva, que a especulação posterior projetou por vezes nas regiões celestes, como existe uma soma celeste, um haoma branco no céu, etc.

A água viva, as fontes de juventude, a água da vida, são as fórmulas míticas de uma mesma realidade metafísica e religiosa; na água reside a vida, o vigor e a eternidade. Esta água não é, naturalmente, acessível a toda a gente, nem de qualquer maneira. Está guardada por monstros. Acha-se em territórios de difícil penetração, na posse de demônios ou de

---

<sup>63</sup> JUNG, C. G. *Obras Completas de C. G. JUNG*, vol. IX/2, Petrópolis, Ed. Vozes, 1982, pp. 95-162.

divindades. O caminho para a sua origem e a sua obtenção exige uma série de consagrações e de provas, exatamente como na busca da árvore da vida.

O rio sem idade, encontra-se perto da árvore miraculosa de que fala o Kausitakî Upanishad (1,3), no Apocalipse (22,1-2), os dois símbolos encontram-se lado a lado: Ele mostrou-me, em seguida, o rio e a água da vida, límpida como cristal, que brota do trono de Deus e o do cordeiro... (1,3). E nas duas margens do rio cresce a árvore da vida. (22,1-2)

A água viva rejuvenesce e dá a vida eterna; toda a água, por um processo de participação e de degradação, é eficiente, fecunda ou medicinal. Em nossos dias, na Cornualha, as crianças doentes são mergulhadas três vezes no poço de Saint-Mandron<sup>64</sup>.

### *Fontes*

O número de fontes<sup>65</sup>, e de rios com virtudes curativas, na França é considerável.

Há também fontes que têm uma influência benfazeja no amor. Além destas fontes, outras águas possuem valor em medicina popular.<sup>66</sup>

Na Índia, as doenças são projetadas nas águas.

Os Fino-úgricos explicam um certo número de doenças pela

<sup>64</sup> Mc kenzie, D., *Infancy of Medicine*, Londres, 1927, p. 238 segs.

<sup>65</sup> SEBILOT, P., *Le Folklore de France*, vol. II, Paris, 1905, p. 256-291.

<sup>66</sup> *Ibid.* II, p. 230 e segs.

profanação ou por impureza das águas correntes.<sup>67</sup>

*Água não começada*, é utilizada em sortilégios e mediações populares. *Água não começada*, quer dizer, a de um vaso novo, não profanada pelo uso cotidiano, concentra em si as valências germinativas e criadores da água primordial.

As águas não começadas, curam porque refazem a criação. O mal é absorvido pela água devido ao seu poder de assimilação e de desintegração de todas as formas.

A multivalência religiosa da água corresponde, na história, a numerosos cultos e ritos concentrados à volta de fontes, rios e ribeiras.

Cultos que se devem, em primeiro lugar, ao valor sagrado que a água incorpora em si, como elemento cosmogônico, mas também à epifania local, manifestação da presença sagrada em certo curso de água ou em certa fonte. Estas epifanias locais são independentes da estrutura religiosa sobreposta.<sup>68</sup>

A água corre, é viva, agita-se; inspira, cura, profetiza. Em si mesmos, a fonte ou o rio manifestam o poder, a vida, a perenidade; eles são e são vivos. Revelam a força sagrada que lhes é própria, e participam, ao mesmo tempo, do prestígio do elemento neptuniano.

---

<sup>67</sup> SEBILOT, Paul, *Le Folklore de France*, II, Paris, 1905, p. 460-466.

<sup>68</sup> ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Ed. Cosmos, 1970, p. 244 ss.

O culto das águas acabou por ser tolerado até mesmo pelo cristianismo, depois das perseguições da Idade Média. (A reação começou no séc. IV com S. Cirilo de Jerusalém, *Catech.* xix, 8). As proibições eclesiásticas repetem-se desde o segundo Concílio de Arles (443 ou 452), até ao Concílio de Trêves em 1227. Além disso, grande número de apologias, de cartas episcopais e outros textos balizam a luta da Igreja contra o culto das águas.<sup>69</sup>

Encontramos um culto das águas também na pré-história da Sicília<sup>70</sup>.

Em Lilibeo (Marsala) o culto grego de Sibila sobrepôs-se a um culto primitivo local, que tinha o seu centro numa caverna inundada de água; os Proto-sicilianos dirigiam-se ali para os ordálios e para as incubações proféticas; e Sibila ali dominou e profetizou no tempo da colonização grega e, já no cristianismo, perpetuou-se ali uma devoção a São João Batista, a quem se erigiu no século xvi um santuário na velha caverna, que continua até os nossos dias a ser destino de peregrinações para águas-miraculosas.<sup>71</sup>

Os oráculos estão, normalmente, localizados próximos da águas.

Perto do templo de Afaraos, em Oropos, os que eram curados pelo oráculo colocavam na água uma moeda.

---

<sup>69</sup> ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmos, 1970, p. 245, conf. SAINTYVES, P. *Les vierges-mères et les naissances miraculeuses*, Paris, 1908, p. 163, ss.

<sup>70</sup> ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmos, 1970, p. 245, conf. SAINTYVES, P. *Corpus du folklore des eaux*, Paris, p. 20-21.

<sup>71</sup> ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmos, 1970, p. 246, conf. SAINTYVES, P. *Corpus du folklore des eaux*, Paris, p. 20-21.

A Pítia preparava-se bebendo água da fonte Cassotis. Em Colofónia, o profeta bebia a água de uma fonte sagrada que se encontrava na gruta.

Em Claros, o sacerdote descia à gruta, bebia a água de uma fonte misteriosa (*hausta fontis arcani aqua*) e respondia em verso às questões que se lhe punham em pensamento (*super rebus quas quis mente concepti*)<sup>72</sup>.

O poder profético emana das águas, intuição arcaica que se encontra numa área muito vasta.

### 1.3.2. Epifanias e divindades aquáticas

O culto das águas, dos rios, fontes e lagos já existiam na Grécia antes das invasões indo-européias e antes mesmo da valorização mitológica da experiência religiosa.<sup>73</sup>

Vestígios desse culto arcaico conservaram-se até o final do helenismo.

Pausânias <sup>74</sup> descreve o culto da fonte Hagno, na Arcádia, onde em período de seca, o sacerdote do deus Licaios fazia ali sacrifícios e oferecia na fonte um ramo de carvalho.

Esse rito é enquadrado no conjunto *magia da chuva*.

Homero também conhecia o culto dos rios, os troianos sacrificavam animais ao Escamandro e lançavam cavalos vivos nas águas.<sup>75</sup>

<sup>72</sup> ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmos, 1970, p. 246, conf. TÁCITO, *Anais*, II, p. 54; sobre o oráculo de claros cf. PICARD, *Ephèse, et Claros*, Paris, 1922, p. 112 e ss.

<sup>73</sup> ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmo, 1970, págs. 247, conf. Pausânias VIII, 38,3-4.

<sup>74</sup> ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmo, 1970, págs. 247

<sup>75</sup> NILSON, *Geschichte*, I, p. 220, 3.

Outros povos indo-europeus ofereciam sacrifícios aos rios: os Cimbrós, que sacrificavam ao Ródano, os Francos, os Germanos, os Eslavos, etc.<sup>76</sup>

Os Massai do Leste da África lançam mão-cheia de ervas ao atravessar um rio; os Baganda, da África Central, trazem ofertas como grãos de café, etc.<sup>77</sup>

Os deuses fluviais helenos são antropomorfos como por exemplo o Escamandro que luta com Aquiles<sup>78</sup>.

O deus fluvial mais conhecido era Aqueloos. Homero considera-o mesmo um grande deus, divindade de todos os rios, dos mares e fontes. O nome deste tem várias interpretações, parece que a etimologia mais próxima e simples é a água.<sup>79</sup>

Na mitologia grega, as figuras que mais se destacam são: Tétis, ninfa marinha; Proteu; Glaucos; Nereu e Trítone, divindades neptunianas cujas figuras denunciam a imperfeita origem nas águas. Vivem e reinam nas profundezas marinhas e são divindades estranhas e caprichosas que fazem o bem e o mal - mas o mal com maior freqüência, como ocorre com o mar.

Pode-se dizer que as águas simbolizam a totalidade das virtualidades; elas são *fons et origo*, matriz de todas as possibilidades de existência.<sup>80</sup>

"Água, tu és a fonte de todas as cousas e de toda a

<sup>76</sup> ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmo, 1970, págs. 247, conf. SAINTYVES, P. *Corpus du folklore des eaux*, Paris, p.160.

<sup>77</sup> ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmo, 1970, págs. 248, conf. FRAZER, *Folklore in the Old Testament*, II, p. 417 e ss.

<sup>78</sup> ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Ed. Cosmo, 1970, págs. 248, conf. *Iliada*, xxi, p. 124 e ss.

<sup>79</sup> ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Ed. Cosmo, 1970, págs. 248 conf. Nilsson, I, p. 222.

<sup>80</sup> ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmo, 1970, págs. 231.

existência", diz um texto indiano<sup>81</sup>, sintetizando a longa tradição védica. As águas são os fundamentos do mundo inteiro<sup>82</sup> elas são a essência da vegetação<sup>83</sup>, o elixir da imortalidade<sup>84</sup>, asseguram longa vida, força criadora e são princípio de toda a cura.

Princípio do indiferenciado e do virtual, fundamento de toda a manifestação cósmica. Elas foram no princípio, elas voltarão no fim de todo o ciclo histórico ou cósmico; elas existirão sempre, as águas são germinativas, guardam na sua unidade não fragmentada as virtualidades de todas as formas.

Na cosmogonia, no mito, no ritual, na iconografia, as águas desempenham a mesma função, qualquer que seja a estrutura dos conjuntos culturais nos quais se encontram: precedem qualquer forma e suportam qualquer criação.

Por um ritual iniciático, a água confere um novo nascimento; por um ritual mágico, ela cura; por rituais funerários, ela assegura o renascimento *por morte*.

---

<sup>81</sup> ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmo, 1970, págs. 231, conf. Bhavicyottarapurâna, p. 31,14.

<sup>82</sup> ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmo, 1970, págs. 231, conf. (2) Çatapatha Brâhmana, VI, 8, 2,2,; XII, 5,2, 14.

<sup>83</sup> ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmo, 1970, págs. 231, conf. Ibid., IV, 6,1,7.

<sup>84</sup> ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmo, 1970, págs. 231, conf. Ibid. IV, 4,3,15.

A água torna-se um símbolo de vida. Receptáculo de toda a virtualidade, fluída por excelência, suporte do devir universal, a água é comparada à lua.

Nas mitologias ameríndias, o sinal glíptico da água, representado por um vaso cheio de água no qual cai uma gota vinda de uma nuvem, encontra-se sempre associado a emblemas lunares. A espiral, o caracol (emblema lunar), a mulher, a água, o peixe, pertencem ao mesmo simbolismo de fertilidade, verificável em todos os planos cósmicos.

A multivalência simbólica de um emblema ou de uma palavra pertencente às línguas arcaicas leva-nos a observar que, para a consciência que os forjou, o mundo se revelava como um todo orgânico. Na língua suméria, (a) significava água, mas também significava: esperma, concepção, geração.

Na glíptica mesopotâmica, a água e o peixe simbólico são emblemas da fecundidade.

Ainda hoje, entre os primitivos, a água confunde-se, nem sempre na experiência corrente, mas regularmente no mito, com o sêmen viril. Na ilha Wakita, um mito conta como uma jovem perdeu a virgindade por ter deixado que a chuva lhe tocasse o corpo.<sup>85</sup>

---

<sup>85</sup> ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmo, 1970, págs. 234.

### *Cosmogonias aquáticas*

A água é germinativa, fonte de vida, em todos os planos da existência humana.

As águas, nas quais Nârâyana (mitologia indiana) flutuava numa situação de indiferença, simbolizam o estado de repouso e de indiferenciação: a noite cósmica.<sup>86</sup>

Nârâyana dormia. E do seu umbigo (centro), ganhou vida a primeira forma cósmica: o lódão, a árvore, símbolo de ondulação universal, da seiva germinativa mas sonolenta, da vida onde a consciência ainda se não desprende. A criação inteira nasce de um receptáculo e apóia-se nele.

Vishnu, na sua terceira reencarnação (um gigantesco javali), desce ao fundo das águas primordiais e tira a terra do abismo<sup>87</sup> esse mito, de origem e de estrutura oceânica, também se manteve no folclore europeu.

A tradição das águas primordiais, onde os mundos tiveram a sua origem, encontra-se, em grande número de variantes, nas cosmogonias arcaicas e primitivas.

---

<sup>86</sup> Idem.

<sup>87</sup> ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmo, 1970, págs. 234, conf. (Traittirriya, I,1,3,5; Catapahta Br., XIV, I, 2, 11; cf. Râmâyana Ayodhya-Kanda, CX, 4; Mahabbârat, Vâna-Prana, CXLII, 28-62, CCLXXII, 49-55; Bhâgavata Purâna, III, 13, etc.

### *Hilogenias*

Sendo as águas a matriz universal, é de fácil compreensão que os mitos e as lendas façam derivar delas o gênero humano ou uma raça particular.

Na costa sul de Java, encontra-se um segara anakkán, um mar das crianças. Os Índios Karajá do Brasil, lembram-se dos tempos míticos quando se encontravam ainda na água.

A água é germinativa, a chuva é fecundante, semelhante ao sêmen viril. No simbolismo erótico-cosmogônico, o céu abraça e fecunda a terra por meio da chuva. O mesmo simbolismo se encontra em todas as hilogenias.

A fertilidade da água está presente em diversos países ainda hoje, por exemplo na Alemanha, cheia de *Kinderteichen*, *Bubenquellen*<sup>88</sup>, em Oxford, Child's Well é uma fonte conhecida por tornar fecundas as mulheres estéreis.<sup>89</sup>

Muitas crenças deste tipo estão contaminadas pela concepção da Terra-Mãe e pelo simbolismo erótico da fonte. Perpassando estas crenças e todos os mitos da descendência da terra, da vegetação, da pedra, encontramos a mesma idéia fundamental: a vida quer dizer, a realidade, acha-se concentrada numa substância cósmica de que derivam, por descendência direta ou participação simbólica, todas as

---

<sup>88</sup> DIETRICH, Mutter Erde, Ed. III, p. 19, 126, conf. ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Ed. Cosmo, 1970, págs. 236.

<sup>89</sup> MCKENZIE, Dan, *Infancy of Medicine*, Londres, 1927, p. 240, conf. ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmo, 1970, págs. 236. MOHR, G. H., *Dicionário dos Símbolos*, S. P., Paulus, 1994.

formas vivas. Os animais aquáticos, sobretudo os peixes (que acumulam também os símbolos eróticos) e os monstros marinhos, tornam-se os emblemas do sagrado porque os substituem à realidade absoluta, concentrada nas águas.

### *Poséidon*

Poséidon, ou Netuno para os romanos, é filho de Cronos e de Rea. Em Homero aparece como irmão menor de Zeus, por isso lhe é subordinado. Por outro lado, em versão corrente, se diz que Zeus é filho menor de Cronos, e que conquistou soberania pela vitória obtida sobre seu perverso pai. A Poséidon se deve o domínio que exerce sobre o mar e os demais deuses marinhos. Sua residência é num palácio de ouro situado no mais profundo do mar. É impetuoso e violento como o elemento que representa. Ao golpear, com seu tridente, a superfície do mar, surgem ondas violentas. Pode provocar terremotos, inundar a terra, e sob seu olhar pode acalmar a mais terrível tempestade. É protetor dos pescadores, navegantes, etc. Seus templos e suas estátuas estavam em cidades marítimas gregas.

Quando o mar se enfurece, adquire características masculinas. Quando foi feita a divisão do cosmos, pelos filhos de Cronos, o oceano foi dado a Poséidon.

Homero fala dele como deus dos mares. Seu palácio é no fundo do oceano e o seu símbolo é o tridente (dentes dos monstros marinhos). Poséidon é o deus responsável pelos tremores de terra, que os gregos explicavam pela erosão das

águas. É selvagem, é pérfido, revela a condição cósmica.

Netuno, para os romanos, foi deus protetor dos cavalos e corridas, uma vez que os romanos nunca foram um povo de grandes navegadores, mas relacionado aos cavalos e as corridas.

### Animais e emblemas aquáticos

Os dragões, serpentes, conchas, delfins e peixes são emblemas da água.

Escondidos no oceano, distribuem a chuva, a umidade, a inundação; regulam a fecundidade do mundo.

Os dragões habitam nas nuvens e os lagos; são senhores do raio; descarregam as águas uranianas, fecundam campos e as mulheres.

O dragão e a serpente<sup>90</sup> é símbolo da vida rítmica<sup>91</sup>, para Tchuang-Tseu. O dragão representa o espírito das águas, cuja harmoniosa ondulação alimenta a vida e torna possível a civilização. O dragão Ying reúne e dirige as chuvas, porque ele próprio é o princípio da umidade<sup>92</sup>.

Quando chega a seca faz-se uma imagem do dragão Ying e começa a chover<sup>93</sup>.

---

<sup>90</sup> ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmo, 1970, págs. 252, cf. GRANET, Marcel, *Danses et Legendes*, vol. II, Paris, 1926, p. 554.

<sup>91</sup> ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmo, 1970, págs. 234, ver GRANET, Marcel, *La pensée Chinoise*, Paris, 1934, p. 135.

<sup>92</sup> Ibid. *Danses*, vol. I, p. 353-356.

<sup>93</sup> Ibid. 361, cf. FRAZER, *The Magic art and the evolution of Kings*, I, p. 297.

Para os chineses o dragão e a fecundidade estão relacionados.<sup>94</sup>

Um dos fundadores da civilização chinesa, Fu-hi, nasceu num lago onde havia dragões.<sup>95</sup>

O dragão, na China, tem ligação com o imperador, representante dos ritmos cósmicos e distribuidor da fecundidade da terra. Quando há desordem social, os ritmos se perdem, o imperador regenera sua força criadora e sabe como restabelecer a ordem.

Na mitologia chinesa, o dragão, emblema das águas, é investido, de modo cada vez mais forte, das virtudes celestes. A fertilidade aquática situa-se nas nuvens, região superior. O conjunto fecundidade-água-realeza conservou-se mais nas mitologias sudeste-asiáticas, em que o oceano se dá por fundamento de toda a realidade e por distribuidor de todas as forças.

As tradições de origem chinesa e, também, da Índia do Sul apresentam o valor sagrado das águas. A realeza e a santidade são distribuídas pelos gênios marinhos.

A força mágico-religiosa reside no fundo do oceano e é transmitida aos heróis por seres míticos femininos (nâgi, um espírito aquático feminino, das regiões austro-asiáticas, que tem o papel do dragão na China, é uma princesa com cheiro a

---

<sup>94</sup> ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmo, 1970, págs. 234, ver GRANET, Marcel, *Danses et Legendes de la Chine ancienne*, vol.I, Paris, 1926, p. 344-350.

<sup>95</sup> CHAVANNES, Ed. *Les Mémoires historiques de Sse-Ma-Tsien*, vol.II, p. 325.

peixe)<sup>96</sup>.

Os gênios-serpentes são encontrados nos oceanos, nos, mares, lagos, poços e nascentes. Seus cultos mantêm a ligação mágico-religiosa com as águas.

São gênios protetores das fontes da vida, da imortalidade, da santidade, assim como de todos os emblemas que se acham em ligação com a vida, a fecundidade, heroísmo, imortalidade e com os tesouros.<sup>97</sup>

Anfitrite, uma das nereidas de Nereo, esposa de Poséidon. Os romanos não conheceram o culto de Anfitrite como deusa marinha, este culto foi dado à deusa Salacia.

Nereo, apresenta um aspecto alegre, amigável ao mar, é imaginado como um ancião marinho e bondoso. É o gênio benigno do mar Egeu. Habita as profundezas do mar, com suas cinquenta filhas: as nereidas. Possui o dom da profecia, como todos os deuses da água. Casou-se com Doris, uma oceânida e, teve as nereidas, ou ninfas do mar.

### Ninfas

As Ninfas eram divindades entre os gregos, de todas as águas, fontes, nascentes.

---

<sup>96</sup> PRZYLUKI, J. *La princesa à l'odeur de poisson et la Nâgi dans le traditions de l'Asie Orientale* - Études Asiatiques - vol. II, Paris, 1925, p. 276.

<sup>97</sup> VOGEL, J., *Serpent worship in ancient and modern India* - *Ata Orientalia* - vol. II, 1924, p. 279 - 312.

Os gregos deram-lhe formas humanas e nome. Foram criadas pelo curso vivo da água, pela magia, pela força que dela emanava, pelo seu murmúrio. Adquiriram lenda, intervieram na epopéia, foram atraídas pela taumaturgia. Normalmente são as mães dos heróis.<sup>98</sup>

As mais célebres são Tétis, as Nereides, ou como são chamadas por Hesíodo (Teogonia), as Oceanides, ninfas neptunianas.

As outras são, divindades das nascentes. Mas fazem moradia nas cavernas onde há umidade.

As ninfas, uma vez personificadas, intervém na vida humana.

Divindades do nascimento (água, fertilidade e *kourotrophoi*), educam as crianças, ensinam-lhes como tornar-se heróis.

A maioria dos heróis gregos foram educados por ninfas, que por centauros, seres sobre-humanos que participam nas forças da natureza e as controlam.

Uma iniciação heróica nunca é familiar, em geral, nem mesmo é cívica; não se faz na cidade, mas na floresta.

Existem paralelamente à veneração às ninfas, o medo. Elas raptam as crianças e, às vezes, matam-nas por inveja.

Encontra-se no túmulo de uma criança de cinco anos, escrito:

---

<sup>98</sup> Nilsson, p. 227, conf. ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmos, 1970)

"Criança amável e gentil, fui raptada pelas Naiades, não pela morte." <sup>99</sup>

Também se manifestam perigosas, quando ao meio dia, perturbam o espírito de quem as vêem. Quem as vê torna-se presa de um entusiasmo ninfoléptico, como é o caso de Tirésias ao ver Palas e Cariclô, ou de Acteone ao descobrir Artémis com as suas ninfas.

É por isso que, no meio do dia, são evitadas as fontes, os cursos de água, os rios, ou a sombra de certas árvores.

Em todas as manifestações percebe-se a virtude profética das águas, mesmo com contaminações e efabulações míticas que não se podem evitar.

Existe um sentimento ambivalente de medo e de fascínio para com as águas que desintegram (fascinação das ninfas conduz à loucura, à abolição da personalidade) e que simultaneamente, germinam, matam e por isso cooperam para um novo nascimento.

### 1.3.3. Dilúvio

Os mitos do dilúvio são os mais numerosos e quase universalmente conhecidos, embora muito raros na África.<sup>100</sup>

---

99CIG 6201, citado por JEANMARIE, Couroi et Courètes, p. 295.

100 FRAZER, G. Folk-Lore in the Old Testament, Londres, 1919, vol. I, pg. 329-332; Clyde Kluckhohn, Recurrent Themes in Myths and Mythmaking, Daedalus. Primavera de 1959, pg. 271. A bibliografia essencial sobre as lendas do Dilúvio pode ser encontrada em Stith Thompson, Motif-Index of Folk-Literature (nova ed., Bloomington, Indiana, 1955), vol. I, pg. 184.

Ao lado dos mitos diluvianos, outros relatam a destruição da humanidade por cataclismos de proporções cósmicas: tremores de terra, incêndios, desabamento de montanhas, epidemias, etc.

Esse fim não é radical: foi antes o fim de uma humanidade. Mas a imersão total da terra nas águas ou sua destruição pelo fogo, seguida pela emersão de uma terra virgem, simbolizam a regressão ao Caos e à cosmogonia.<sup>101</sup>

Os mitos sobre o fim, de complexa interpretação são as crenças dos Negritos da Península de Malaca.

Eles sabem que, um dia, Karei porá termo ao Mundo, porque os homens não respeitam mais os seus preceitos. Assim, quando há uma tempestade, os Negritos procuram evitar a catástrofe por meio de oferendas expiatórias de sangue.<sup>102</sup>

A catástrofe será universal, sem distinção entre pecadores e não-pecadores, e não será seguida de uma nova criação.

Por essa razão, os Negritos chamam Karei de *o mau*, e os Ple-Sakai vêem nele o adversário que lhes *roubou o paraíso*.<sup>103</sup>

Outro exemplo de mito sobre o Fim é o dos Guaranis do Mato Grosso, Brasil. Sabendo que a terra seria destruída pelo fogo e pela água, eles partiram em busca da *Terra sem Males*, espécie de paraíso terrestre situado além do oceano. Essas longas migrações, inspiradas pelos pajés e efetuadas sob sua

---

101 ELIADE, M. *Mito e realidade*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1972, págs. 53 ss.

102 ELIADE, M. *Traité d' Histoire des Religions*, p. 54.

103 LEHMAN, F. R. *Weltuntergang und Welterneuerung im Glauben schriftloser Volker*", *Zeitschrift für Ethnologie*, vol. LXXI, 1993, p. 103.

direção, iniciaram no século XIX e durou até 1912. Algumas tribos acreditavam que a catástrofe seria seguida de uma renovação do mundo e do regresso dos mortos. Outras tribos aguardavam e desejavam o fim definitivo do Mundo.<sup>104</sup>

As tradições de dilúvios ligam-se, quase todas, à idéia de reabsorção da humanidade na água e à instauração de uma nova época, com uma humanidade nova.

Sua característica é enfatizar uma concepção cíclica do cosmos e da história, onde uma época é abolida por uma catástrofe e uma nova era começa, onde aparecem homens novos. Essa confirmação é realizada pela convergência dos mitos lunares com os temas de inundação e do dilúvio, nos quais a lua é símbolo do devir rítmico, da morte e da ressurreição.

A lua está em estreita ligação com as inundações, tal como as fases lunares dirigem as cerimônias de iniciação, onde o neófito morre para depois ressuscitar.

O dilúvio destrói a antiga humanidade e prepara o surgimento de uma nova humanidade.

Mircea Eliade sublinha, no simbolismo do dilúvio, o caráter universal e a coerência dos temas míticos neptunianos.

As águas aparecem antes da criação e reintegram-na, periodicamente, no intuito de refundir nelas, purificando-a, enriquecendo-a e regenerando-a.

---

<sup>104</sup> SCHADEN, E. Der Paradiesmythos im Leben der Guarani Indianer, *Staaden Jahrbuch* (São Paulo, 1955), vol. III, p. 151, ss; Wilhelm Kopper, *Prophetismus und Messianismus als volkerkundliches und universal-geschichtliches Problem*, *Saeculum*, vol. X (1959), págs. 42 ss.; Robert H. Lowie, *Primitive Messianism and Ethnological Problem*, *Diogenes*, n. 19 Fall, 1957, págs. 70 ss, conf. *Tratado de História das Religiões*.

Em grande número de mitos, o dilúvio está relacionado com uma falha ritual, que provocou a cólera do Ente Supremo; algumas vezes, por vontade de um Ente divino em acabar com a humanidade.

Ao analisar os mitos que anunciam o dilúvio próximo, constata-se que uma das causas principais reside nos pecados da humanidade, assim como a decadência do próprio mundo.

O dilúvio abriu o caminho para uma regeneração da humanidade. Em outros termos, o Fim do Mundo no passado, e aquele que terá lugar no futuro, representam a projeção, em grande escala e com uma intensidade dramática excepcional, do sistema mítico-ritual da festa do ano novo.

A simetria do dilúvio e da renovação anual do mundo foi observada, em alguns casos, na Mesopotâmia, no Judaísmo e no Mandeísmo.<sup>105</sup> A causa da morte da humanidade está em seus pecados, onde, nos mitos do circuito do Pacífico, o motivo é a falha ritual. Nunca é fatal, mas ressurgente novamente com nova forma, reassumindo seu destino original, esperando a mesma catástrofe que a reabsorverá nas águas.

Aqui apresenta-se uma visão resignada, imposta pela intuição do conjunto água-lua-devir.

O mito do dilúvio revela que a vida humana pode ser vista com outra concepção, onde é preciso desintegrar para reabsorver periodicamente, onde o destino de todas as formas é o da dissolução a fim de poderem renascer. Se assim não

---

105 ELIADE, *Mythe de l'Éternel Retour*, Paris, 1949.

fossem regeneradas, desfazer-se-iam e impossibilitariam uma nova criação e se extinguiriam definitivamente.

No dilúvio acontece a reabsorção imediata nas águas, nas quais os pecados são purificados e de onde nascerá a nova humanidade transformada.

O dilúvio e a submersão dos continentes (Atlântida), são um fenômeno cósmico que se repete por necessidade cíclica. Significa uma segunda morte da alma (libações funerárias, a humanidade no inferno), ou a morte ritual, iniciática, pelo batismo.

De forma estrutural, o dilúvio pode ser comparado ao batismo dos recém-nascidos ou aos banhos rituais primaveris que procuram alcançar a saúde e a felicidade.

O dilúvio é uma expressão do retorno ao caos das origens, regressão ao útero primeiro.

Para Mircea Eliade, isto supõe uma visão cíclica do tempo e da história. Tudo se desgasta com o tempo e é preciso renovação.

Nunca é apresentado como fatal, mas prenúncio de um novo começo. Aparece a figura de um herói que constrói uma arca que flutua sobre as ondas do dilúvio: Deucalião (Grécia) e Ut-napishtin (Mesopotâmia) e Noé (Judaísmo).<sup>106</sup>

Os padres da Igreja, utilizam-se do simbolismo aquático e comparam o dilúvio ao batismo, como veremos posteriormente.

Em nível cosmológico e antropológico, a imersão pelas

---

106 ELIADE, M. Tratado de História das Religiões, Lisboa, Ed. Cosmos, 1970, p. 256.

águas não é extinção definitiva, é uma reintegração, um ressurgir de uma vida nova, tratando-se de um momento cósmico, biológico ou soteriológico.

### *Conclusão*

Tudo vem da água, tudo sustenta sua vida com água e tudo acaba na água, conforme a tradição que nos vêm dos primeiros filósofos.

A água em qualquer sistema religioso, conserva sua função: desintegra, anula as formas, lava os pecados, purifica e regenera.

Água, símbolo cosmogônico, receptáculo de todos os gérmenes, substância mágica e medicinal por excelência; cura, rejuvenesce, assegura a vida eterna e seu protótipo é a água da vida.

Com sentido ambivalente, dá a vida e a possibilidade de continuidade e por outro lado dirige ao declínio e ao afundamento, isto é, a própria morte.

A água é o símbolo das energias inconscientes, das virtudes informes da alma, das motivações secretas e desconhecidas.

Reconstitui o mistério fundamental da origem das coisas, mistério inacessível próprio do pensamento humano.

A intuição simbólica por meio da água exprime dimensões inatingíveis: no plano cósmico, o mistério da vida em sua

totalidade. Nos planos antropológico e religioso, exprime o mistério do acesso do homem a uma vida transbiológica, superabundante, a própria vida dos deuses.

A água que corre e engole lembra, no plano psicológico, a morte da alma; nos planos antropológico e cósmico, o mistério do retorno inelutável de todas as formas vivas ao nada, seguido ou não de renascimento.

Através do elemento água que a vida humana aglutina sentidos capazes de ultrapassar suas características naturais, tornando esse mesmo elemento, fonte de morte, destruição, assim como, ao mesmo tempo, fonte de vida e transformação.

"O homem é a água e quando os elementos produtores do masculino e feminino se unem, o líquido toma forma...

Assim a água acumula-se no Jade, e surgem as nove virtudes. Congela-se para formar o homem, e suas nove aberturas e cinco vísceras aparecem. Esta é sua essência refinada...

Então, o que possui aptidões completas? A água. Nada existe que não seja pela água. Somente aquele que sabe como confiar nos seus princípios pode agir corretamente..." <sup>107</sup>

---

<sup>107</sup> WATTS, Tao, *O curso do rio*, SP, Ed. Pensamento, 1975.

## II. Mito

*"O mito reconstrói a beleza trágica e comovente do destino humano de que todos participamos. E quando os nossos corpos estremecem ao ouvir o coro que canta, sentimos que navegamos juntos..."*

Rubem Alves

*"O mito pequeno tece o meu corpo. Espelho em que contemplo a minha alma. O mito grande amarra os corpos solitários num destino comum."*

Rubem Alves

*"Mythos quer dizer Palavra. 'No princípio era o Verbo...' diz o maior livro clássico de todos os tempos..."*

*Há uma palavra no começo de tudo, algo que pronuncia o mundo, tornando-o mundo humano".*

Constança Marcondes César

*"O mito é a língua nativa ou materna da experiência reveladora"*

Jung

## *Introdução*

Neste capítulo, o conceito de mito presente na vasta bibliografia de Mircea Eliade será abordado.

Iniciaremos a partir de considerações gerais a respeito do assunto.

Elucidaremos sua função e estrutura, no sentido de uma maior compreensão deste conceito e através dos modelos míticos exemplificaremos o pensamento de Eliade acerca do mito.

O estudo realizado sobre o mito desde Eliade será enriquecido com breves alusões a outros autores que complementam sua reflexão a esse respeito.

### *2.1. Arquétipos*

Arquétipo, origina-se do grego *arkhétypos*. Etmologicamente, significa modelo primitivo, idéias inatas.

Para Jung, o arquétipo<sup>108</sup> representa um enigma profundo, que ultrapassa a nossa capacidade racional de compreender. A afirmação do conteúdo arquetípico é antes de mais nada, uma parábola lingüística<sup>109</sup>, sempre contém alguma coisa à mais, que permanece desconhecida e não formulável. Não é possível

---

<sup>108</sup> JACOBI, Jolande. *Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de Jung*, São Paulo, Editora Cultrix, 1975, pp. 37- 106.

<sup>109</sup> JUNG, Sobre a psicologia do arquétipo infantil, in Jung-Kerényi, *Introdução à natureza da mitologia*, Amsterdã, pp. 12 e ss.

afirmar sobre a origem do arquétipo, se é adquirido ou não.

Os arquétipos são, de acordo com a sua definição, fatores e motivos que coordenam elementos psíquicos no sentido de determinadas imagens (que devem ser denominadas arquetípicas) e isso sempre de maneira que só é reconhecível pelo efeito.

Eles existem pré-conscientemente e formam as dominantes estruturais da psique em si... Como a condição priori, os arquétipos representam o caso psíquico especial, que confere a todos os seres vivos sua índole específica. As manifestações desse plano biológico fundamental podem mudar, no curso do desenvolvimento, como as do arquétipo.

O arquétipo jamais nasce dentro da esfera da vida orgânica; ele surge com a vida<sup>110</sup>. Jung diz que:

"Se a estrutura psíquica e os seus elementos, os arquétipos, jamais nasceram, isso é uma questão de metafísica e, por isso, não pode ser respondida."<sup>111</sup>

A origem do arquétipo é obscura e sua natureza inescrutável, pois sua pátria é aquele misterioso reino das sombras, o inconsciente coletivo, ao qual jamais teremos acesso direto e de cuja existência e atuação temos conhecimento apenas indireto, justamente pelo nosso encontro com os arquétipos, isto é, através das suas manifestações na psique. Não se pode explicar um arquétipo através de outro, isto é, não se pode, de modo algum, explicar de onde vem o

---

<sup>110</sup> JUNG, *Simbólica do espírito*, Zurique, 1948, p. 374.

<sup>111</sup> JUNG, *Os aspectos psicológicos do arquétipo-mãe, Sobre as raízes do consciente III*, p. 123.

arquétipo, porque não existe nenhum ponto de Arquimedes fora dessas condições apriorísticas<sup>112</sup>.

Jung abordou, inicialmente, as "dominantes do inconsciente coletivo" para ressaltar a relevância para a psique das determinantes, isto é os "pontos de nós" de carga energética especial, cuja totalidade constitui o inconsciente coletivo, e para sublinhar a sua função dominadora. Mais tarde, mais ou menos até 1927, Jung empregou simultaneamente as expressões "imagem protótipo" e "imagem originária", para o que se inspirou, já desde 1921, em Jakob Burckhardt.

Jung compreendia, nessas "imagens originárias, todos os motivos oriundos da mitologia, das lendas, contos, capazes de expressar, num retrato vivo, os comportamentos comuns do homem, que sempre podemos encontrar de novo como motivos típicos pela sua essência e que ocorrem no mundo inteiro. Esses "motivos", na história do homem, se apresentam sob formas incontáveis, nas antigas imaginações dos povos primitivos, nas idéias religiosas de todos os povos e cultura e até mesmo nos sonhos, visões e fantasias dos indivíduos modernos.

Os conteúdos arquetípicos são dados à estrutura psíquica do indivíduo, na forma de possibilidades latentes, tanto como fatores biológicos como históricos. De acordo com as condições proporcionadas pela vida externa e interna do indivíduo, atualiza-se cada vez o arquétipo correspondente e,

---

<sup>112</sup> Idem, ibidem, p. 81.

ao receber forma, ele aparece diante da câmara do consciente, ou, como Jung diz, é "apresentado" ao consciente.

A noção de arquétipo, expresso em imagens que Jung designava inicialmente como "motivos de modelos", psíquicos, com o correr do tempo se estendeu a todos os tipos de modelos, configurações, decorrências, etc, isto é, também aos processos dinâmicos e não apenas às imagens estáticas. Ao final, foram incluídas todas as manifestações psíquicas da vida, desde que sejam comuns e típicas da natureza humana, tanto no nível biológico e psicobiológico, como no nível de formação de idéias.

"O arquétipo em si é um fator psicóide que, pode-se dizer, pertence à parte ultravioleta do espectro psíquico... É preciso estar sempre cômico de que o que queremos dizer com "arquétipo" é, em si mesmo, inobservável, mas gera efeitos que tornam possíveis as observações: as imaginações arquetípicas<sup>113</sup>."

Os arquétipos não se propagam, apenas pela tradição, linguagem e a migração, mas podem renascer espontaneamente em qualquer lugar e tempo, isto é, de um modo que não é influenciado por nenhuma transmissão externa... Essa constatação significa nada menos que, em cada psique, há prontidões vivas, formas que, embora inconscientes, não são, por isso, menos ativas, e que modelam de antemão e

---

<sup>113</sup> JUNG, *Sobre as raízes do consciente*, vol. VII, p. 497.

instintivamente influenciam o seu pensar, sentir e atuar<sup>114</sup>."

"Em certo sentido, os arquétipos são os fundamentos ocultos na profundidade da psique consciente... são sistemas de prontidão que são, simultaneamente, imagem e emoção. São transmitidos hereditariamente com a estrutura cerebral e são até o aspecto psíquico desta"<sup>115</sup>.

No mito, esses conteúdos do inconsciente coletivo remontam a uma tradição, cuja idade é impossível determinar. Pertencem a um mundo do passado, primitivo, cujas exigências espirituais são semelhantes às que se observam entre culturas primitivas ainda existentes.

Tanto Eliade, quanto Jung falam de arquétipos. Porém, Eliade, em comentário feito durante uma entrevista, afirma que:

"Mas não no mesmo sentido... Fiz mal em dar ao 'Mito do Eterno Retorno' o subtítulo 'Arquétipo e Repetições'. Arrisquei-me a ser confundido com a terminologia de Jung. Para ele, os arquétipos são estruturas do inconsciente coletivo. Eu emprego esta palavra por referência a Platão e a Santo Agostinho: dou-lhe o sentido de 'modelo exemplar' - revelado no mito que é reatualizado pelo rito. Deveria ter dito: 'Paradigma e Repetição'".<sup>116</sup>

O autor não faz referência de definição sobre arquétipo em sua obra.

---

<sup>114</sup> JUNG, *Sobre as raízes do consciente*, vol. III, p.95.

<sup>115</sup> JUNG, *Problemas psíquicos*, p. 179.

<sup>116</sup> ELIADE, M. *A Provação do Labirinto: diálogos com Claude-Henri Rocquet*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1987, p.122, in CAVALCANTI, T. R., *A Psicologia da Religião de C.G. Jung e a abordagem religiosa de Mircea Eliade*, tese de Mestrado em Ciências da Religião, PUC, São Paulo, 1988, p. 98.

No prefácio à tradução inglesa do *Mythe de l'éternel retour*, que chamou-se *Cosmos and History* reafirma que usa o termo arquétipo no sentido que aborda Eugenio d'Ors, como sinônimo de "modelo exemplar" ou paradigma, em acepção agostiniana, citada em Allen<sup>117</sup>.

Segundo Eliade, o mito se define pelo modo de ser. Ele é mito enquanto revela algo que se manifesta plenamente. Essa manifestação é criativa e exemplar, funda uma estrutura do real e um comportamento humano, deuses ou seres sobre-humanos que fundam essa maneira de ser.

Ricketts, citado por Allen<sup>118</sup>, aponta as diferenças entre as concepções de arquétipo entre Eliade e Jung.

Afirma, em 1970, num artigo, que os pensadores coincidem em vários pontos e que Eliade assume posições junguianas em algumas análises, ainda que não o tenha desejado.

Para Ricketts,

"é evidente que Eliade buscou desde 1950 cada vez mais na psicologia junguiana a ratificação de suas próprias teorias sobre a perenidade dos símbolos"... "aqueles que vêm em Eliade um discípulo de Jung não estão totalmente enganados... Eliade está sem dúvida muito mais perto de Jung do que reconhece. Mas, apesar disso, não podemos ver em Eliade um discípulo total de Jung"<sup>119</sup>

A autora que melhor compreendeu as distinções entre os dois pensadores em relação ao conceito de arquétipo talvez, tenha sido, von Franz ao afirmar:

---

<sup>117</sup> ALLEN, D. *Mircea Eliade y el Fenomeno Religioso*, Madri, Cristianidad, 1985, p. 129.

<sup>118</sup> Idem.

<sup>119</sup> ALLEN, D. *Mircea Eliade y el Fenomeno Religioso*. Madri. Cristianidad, 1985, p. 221.

"Uma infelicidade particular foi, por exemplo, o fato de Mircea Eliade também usar a palavra "arquétipo", mas com um sentido distinto; para ele, trata-se do padrão mitológico do mundo, projetado num tempo primordial (*illud tempus*), que, por meio de ritos, recontagem de mitos e de outras observâncias e celebrações, é constantemente criado de novo no interesse do aperfeiçoamento e do avanço da vida. Na concepção de Jung, contudo, esses padrões não eram arquétipos, mas representações e ritos arquetípicos que formam os conteúdos da consciência coletiva de um povo particular. Os arquétipos em si, por outro lado, são os dinamismos inconscientes por trás dessas representações coletivas conscientes; eles a produzem, mas não são idênticos a elas"<sup>120</sup>.

Segundo von Franz, o objeto de estudo de Eliade são as imagens arquetípicas, isto é, o conteúdo arquetípico inconsciente alterado e particularizado pelo contato com a consciência. Assim sendo, a teoria junguiana pode ser uma possível fundamentação para o estudo de Eliade, e o trabalho de Eliade pode servir como exemplificação, na cultura, da primeira.<sup>121</sup>

## 2.2. Considerações sobre o mito em Mircea Eliade

A palavra Mito tem origem grega *mythos*. Seu significado variou através dos séculos.

Nos tempos de Homero, no começo da literatura grega 725 a.C., um *mythos* não era necessariamente falso.

---

<sup>120</sup> FRANZ, M. L., *C.G. Jung: seu Mito em nossa época*. São Paulo, Cultrix, 1992, p.106.

<sup>121</sup> CAVALCANTI, T. R., *A Psicologia da Religião de C.G. Jung e a abordagem religiosa de*

Uma serva replica diante da pergunta de Heitor sobre o paradeiro de sua esposa Andrômaca:

A ele então a confiável intendente retrucava com seu *mythos*: 'Heitor, desde que você realmente me peça para *mythesthai* a verdade'<sup>122</sup>

A mulher passa a dar um relato, tal como solicitado este é o seu *mythos*, um desenrolar de idéias expressado por sentenças. Minha hipótese é que, neste caso, o mito chega a ser um discurso.<sup>123</sup>

O desenvolvimento da palavra *logos* (corresponde ao verbo *legein* - eu falo - termo escolhido para definir a prosa).

*Mythos*, aos poucos, foi aplicado à ficção, tipo de material associado aos primeiros autores em verso.<sup>124</sup>

Assim, a palavra mito, para Eliade, vem de *mythos* que significa palavra, discurso, ação sagrada, narrativa, gesto significativo, acontecimento primordial.<sup>125</sup>

Todo o mito de certa forma é cosmogônico, enuncia o aparecimento de uma nova situação cósmica ou acontecimento primordial, que se torna por sua manifestação modelo para todo o tempo futuro, embora não se pode reduzi-lo a essa estrutura.

O mito é sempre um precedente e um exemplo.

---

<sup>122</sup> HOMERO, *Iliada*, 6.381-2, ver DOWDEN, K. *Os Usos da Mitologia Grega*, Campinas, Papyrus ed., 1994.

<sup>123</sup> DOWDEN, K. *Os Usos da Mitologia Grega*, Campinas, Papyrus ed., 1994.

<sup>124</sup> Idem.

<sup>125</sup> BRANDÃO, J. *Mitologia Grega*, Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, Vol 1, 1991.

Uma análise estruturalista não impede, porém, uma outra; antes chega a sugeri-la. O mito e o rito são sistemas simbólicos, linguagens que apontam a outras estruturas.

O mito, para Junito Brandão, não tem conotação usual de fábula, lenda, invenção, ficção, mas a acepção que lhe atribuíam e ainda atribuem as sociedades arcaicas, as impropriamente denominadas culturas primitivas, para as quais o mito é o relato de um acontecimento ocorrido no tempo primordial, com a intervenção de entes sobrenaturais.<sup>126</sup>

"O mundo mítico é o mundo da ação. Todas as ações são verdadeiros ritos, os ritos são verdadeiras ações. As ações são gestos sagrados, uma vez que elas são realizadas pelas potências sagradas." Tarcísio Moura<sup>127</sup>

Segundo Eliade, é o relato de uma história verdadeira, ocorrida nos tempos primeiros quando, com a interferência de entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o cosmos, ou tão-somente um fragmento, um monte, uma pedra, uma ilha, uma espécie animal ou vegetal, um comportamento humano.<sup>128</sup>

Mito é, pois, a narrativa de uma criação: conta-nos de que modo algo, que não era, começou a ser.

O mito é sempre uma representação coletiva, transmitida através de várias gerações e que relata uma explicação do mundo.

---

126 BRANDÃO, J. *Mitologia Grega*, Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, Vol 1, 1991.

127 MORAIS, R. *As Razões do Mito*, Campinas, SP, Papirus, 1988.

128 BRANDÃO, J. *Mitologia Grega*, Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, Vol 1, 1991.

Mito é a parole, a palavra revelada, o dito. E, desse modo, se o mito pode se exprimir ao nível da linguagem, ele é, antes de tudo, uma palavra que circunscreve e fixa um acontecimento.<sup>129</sup>

Maurice Leenhardt apresenta-nos mais um conceito:

"O mito é sentido e vivido antes de ser inteligido e formulado. Mito é a palavra, a imagem, o gesto, que circunscreve o acontecimento no coração do homem, emotivo como uma criança, antes de fixar-se como narrativa."<sup>130</sup>

Expressa o mundo e a realidade humana, cuja essência é efetivamente uma representação coletiva, que chegou até nós através de várias gerações. E, na medida em que pretende explicar o mundo e o homem, isto é, a complexidade do real, o mito não pode ser lógico: ao contrário, é ilógico e irracional.

Para Roland Barthes, o mito é uma fala. E o caminho percorrido pela linguagem para chegar ao mito, necessita condições especiais. Para Barthes, o mito é um sistema de comunicação, uma mensagem. Não poderia ser um objeto, um conceito ou idéia, é sim um modo de significação, uma forma. O mito não se define pelo objeto de sua mensagem, mas pela maneira como a profere: tem limites formais e não substanciais.

---

<sup>129</sup> BRANDÃO, J. Mitologia Grega, Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, Vol 1, 1991.

<sup>130</sup> Idem.

Assim sendo, tudo pode ser mito, o discurso pode transformar-se em mito. O mito é uma fala escolhida pela história: não surge da natureza das coisas. Se é uma mensagem, pode não ser oral; pode ser formada por escritas ou representações. O mito não pode definir-se nem pelo objeto, nem pela sua matéria, pois qualquer matéria pode ser acrescida de significação.

"Mitologia, no mais elevado sentido da palavra, significa o poder que a linguagem exerce sobre o pensamento, e isto em todas as esferas possíveis da atividade espiritual"<sup>131</sup>.

Para Carl Gustav Jung, o mito pode-se definir como a conscientização dos arquétipos do inconsciente coletivo, quer dizer, um elo entre o consciente e o inconsciente coletivo, bem como as formas através das quais o inconsciente se manifesta. O inconsciente coletivo, a herança das vivências das gerações anteriores. Assim, o inconsciente coletivo expressaria a identidade de todos os homens, seja qual for a época e o lugar onde tenham vivido.<sup>132</sup>

Os mitos são a linguagem imagística dos princípios. Traduzem a origem de uma instituição, de um hábito, a lógica de uma gesta, a economia de um encontro.<sup>133</sup>

Para Georges Duford, é por meio do rito que o homem se incorpora ao mito, beneficiando-se de todas as forças e

---

<sup>131</sup> MÜLLER, M. Über die Philosophi der Mythologie, reimpresso como apêndice à edição alemã da Introdução à Ciência da Religião Comparada, 2a. edição, Estrasburgo, 1876., conf. CASSIRER, E. *Linguagem e mito*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1972.

<sup>132</sup> BRANDÃO, J. *Mitologia Grega*, Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, Vol 1, 1991.

<sup>133</sup> BRANDÃO, J. *Mitologia Grega*, Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, Vol 1, 1991.

energias das origens. A ação ritual realiza, no imediato, uma transcendência vivida. O rito adquire o sentido de uma ação essencial e primordial através da referência que se estabelece do profano ao sagrado.

Eliade aceita como definição mais apropriada ao mito, que expressa uma história sagrada, que relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos. Uma descrição de como algo começou a existir. O mito só fala daquilo que realmente aconteceu, daquilo que se manifestou plenamente. Suas personagens são Seres Sobrenaturais e são conhecidos por aquilo que fizeram nos tempos primeiros.<sup>134</sup>

O mito revela a atividade criadora e sua sacralidade, ou apenas a sobrenaturalidade das suas obras. É a manifestação do sagrado que faz surgir o mundo e que o faz tal qual é hoje. É graças a intervenção dos seres sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural.

Assim, o mito é considerado como uma história sagrada, e portanto uma história verdadeira, porque se refere sempre a realidades. E torna-se o modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas.

Os mitos não podem ser revelados em qualquer circunstâncias, precisam de certos rituais. Entre muitas tribos, eles não são narrados diante das mulheres ou das

---

<sup>134</sup> ELIADE, M. *Aspectos do Mito*, S. Paulo, Edições 70/Perspectiva do homem, 1989, pp. 12ss.

crianças, isto é, diante dos não iniciados. São os velhos os que detém o conhecimento dos mitos e, comunicam-nos aos neófitos durante o seu período de isolamento. Isso faz parte da sua iniciação.

Piddington observa a propósito dos Karadjeri:

Os mitos sagrados que não podem ser revelados às mulheres referem-se principalmente à cosmogonia e sobretudo à instituição das cerimônias de iniciação.<sup>135</sup>

O mito, ao relatar as atividades dos Seres Sobrenaturais, a manifestação de seus poderes sagrados, torna-se modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas. As respostas dos australianos Arunta às perguntas dos etnólogos, das razões de celebrarem determinadas cerimônias, afirmam que os antepassados assim o determinaram.<sup>136</sup>

Também os Kai, da Nova Guiné recusavam modificar a sua maneira de viver e trabalhar, explicando: Foi assim que fizeram os Nemu (os Antepassados míticos) e nós fazemos o mesmo.<sup>137</sup>

Detalhe importante: é que fizeram desse modo na primeira vez.<sup>138</sup>

Para Eliade, o mito revela os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas,

<sup>135</sup> Citado por L. Lévy-Bruhl, p. 115. Sobre as cerimônias de iniciação cf. Eliade, *Naissances mystiques*, Paris, 1959.

<sup>136</sup> Citado por Strehlow, *Die Aranda und Loritia-Stämme in Zentral Australien*, Vol. II, p. 1, cf. Lucien Lévy-Bruhl, *La mythologie primitive*, Paris, 1935, p. 123. Ver também T.G. H. Strehlow, *Aranda Traditions*, Melbourne University Press, 1947, p.6. Cf. Ch. Keysser, citado por Richard Thurnwald, *Die Eigenborenen Australiens und der Südseeinsels* [Religion geschichtliches Lesebuch, 8, Tübingen, 1927], p. 28.

<sup>138</sup> KLUCKHOHN, C., *Myths and Rituals: A General Theory*, *Harvard Theological Review*, vol. xxxv, 1942, p. 45-79, p. 66.

como a alimentação, o casamento, o trabalho, a educação, a arte, a sabedoria. Revela que o mundo, o homem e a vida têm uma origem e uma história sobrenatural e que essa história é significativa, preciosa e exemplar.<sup>139</sup>

### *História verdadeira e falsa*

Para os povos indígenas, onde o mito ainda está vivo, existe uma distinção entre histórias verdadeiras, das fábulas ou contos e histórias falsas. Para os Pawnee, as histórias verdadeiras são as que tratam das origens do mundo; são personagens divinos, sobrenaturais, celestes ou astrais.

Os contos narram as aventuras do herói nacional, um jovem de nascimento humilde, que se transforma em salvador de seu povo, libertando-o de monstros, arrancando-o à fome ou a outras calamidades, realizando outros feitos nobres.

As histórias falsas são as que contam as aventuras e façanhas de um lobo da pradaria.

Assim sendo, as histórias verdadeiras, tratam do sagrado e do sobrenatural; já nas falsas o conteúdo é profano.

Na África encontramos a mesma distinção: os Herero acreditam que as histórias que narram as origens dos diferentes grupos da tribo são verdadeiras porque relatam fatos que ocorreram, enquanto os contos cômicos ou não, não têm qualquer base; os indígenas do Togo, consideram os seus

---

<sup>139</sup> ELIADE, M. *Aspectos do Mito*, pg. 24.

mitos de origem absolutamente reais.<sup>140</sup>

O mito é, para o homem primitivo, uma questão de enorme importância, enquanto que os contos e fábulas nada acrescentam.

O mito ensina-lhes as histórias primordiais, que o constituíram existencialmente, e tudo o que se relaciona com a sua existência e com o seu próprio modo de existir no Cosmos.

A importância do mito para o homem primitivo está na concepção de que este ser humano considera-se resultado de um certo número de acontecimentos míticos. E por isso a necessidade de conhecer o mito. Conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas. Aprende-se também onde as encontrar e como fazê-las ressurgir quando elas desaparecem.

Não basta conhecer o mito de origem, é preciso recitá-lo; isto é, proclamar seu conhecimento.

Ao recitar ou celebrar o mito de origem, impregna-se de um ambiente sagrado no qual esses acontecimentos milagrosos se passaram.

Ao recitar um mito acontece uma reintegração desse tempo fabuloso e partilha-se da presença dos deuses e dos heróis. Pode-se dizer que, viver os mitos é como sair do tempo profano e cronológico e penetrar num tempo qualitativamente diferente, um tempo sagrado, primordial e indefinidamente

---

<sup>140</sup> PETTAZZONI, R. *Essays on the history of religion*, Leiden, 1954, p. 13, ELIADE, M. *Aspectos do Mito*, pg. 15.

recuperável.<sup>141</sup>

Portanto, o mito tal como é vivido pelas sociedades arcaicas, constitui a história dos atos dos seres sobrenaturais; essa história é considerada absolutamente verdadeira, pois, refere-se a realidades e, sagrada, porque é obra dos seres sobrenaturais.

O mito se refere sempre a uma criação, conta como algo começou a existir, ou como um comportamento, uma instituição ou um modo de trabalhar foram fundados.

Constituem, então, paradigmas de todo o ato humano significativo; que ao conhecê-lo, conhece-se a origem das coisas e, por assim dizer, é possível dominá-las e manipulá-las.

É um conhecimento que é vivido ritualmente, quer narrado em cerimônias, quer efetuando o ritual ao qual ele justifica; onde vive-se de algum modo o mito no sentido em que se fica imbuído da força sagrada e exaltante dos acontecimentos evocados.<sup>142</sup>

### 2.3. *Função dos mitos*

A função do mito é a de fixar os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as ações humanas significativas.

O mito é modelo para outras ações humanas significativas, não somente para as ações religiosas, mas como por exemplo,

---

<sup>141</sup> R, PETTAZZONI, R. op. cit., p. 13 ver ELIADE, M. *Aspectos do Mito*, p. 23.

<sup>142</sup> ELIADE, M. *Aspectos do Mito*, Lisboa, Perspectivas do homem/Edições 70, 1989, p. 23.

para a navegação e à pesca.

O mito cosmogônico, além da função de modelo e justificação das ações humanas, forma o arquétipo de um conjunto de mitos e de sistemas rituais.

A idéia de renovação, recomeço, restauração, relaciona-se à noção de nascimento e esta à de criação cósmica.<sup>143</sup>

Para Bronislaw Malinowski, o mito nas sociedades primitivas é:

Encarado naquilo que tem de vivo, o mito não é uma explicação destinada a satisfazer uma curiosidade científica, mas uma narrativa que faz reviver uma realidade original e que responde a uma profunda necessidade religiosa, a aspirações morais, a constrangimentos e a imperativos de ordem social e, até, a exigências práticas. Nas civilizações primitivas, o mito exerce uma função indispensável: ele exprime, realça e codifica as crenças; salvaguarda os princípios morais e os impõe; garante a eficácia das cerimônias rituais e fornece regras práticas para uso do homem. O mito é, pois, um elemento essencial da civilização humana; é uma realidade viva, à qual constantemente se recorre; não é uma teoria abstrata nem uma ostentação de imagens, mas uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática (...).<sup>144</sup>

A natureza do mito é sempre um precedente e um exemplo. Um precedente para os modos do real em geral. Nós devemos fazer o que os deuses fizeram no princípio. Assim fizeram os deuses, assim fazem os homens.<sup>145</sup>

Afirmações dessa natureza traduzem a conduta do homem

---

<sup>143</sup> ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmos, 1970, pg. 483.

<sup>144</sup> Conf. *Myth in Primitive Psychology*, 1926; reproduzido no vol. *Magic, Science and Religion*, Nova Iorque, 1955, p. 101-108.

<sup>145</sup> Çatapatha Br. VII, 1,2,4 e Taittiriya Br., I, 5, 9, 4.

arcaico, mas não esgotam o conteúdo e a função dos mitos.

Uma boa parte dos mitos, ao mesmo tempo que narra o que fizeram *in illo tempore* os deuses ou os seres míticos, revelam uma estrutura do real inacessível à apreensão empírico-racionalista.

Entre outros mitos, existem os mitos que Eliade designa de mitos da polaridade da bi-unidade e da reintegração. Existem várias tradições míticas que apontam a fraternidade entre deuses e demônios, por exemplo, devas e asuras, de amizade ou de irmandade entre heróis e seus antagonistas, exemplo: Indra e Namuci, entre santos e mulheres diabólicas: São Sisínio e sua irmã Uerzelia, um demônio-fêmea.

Um mito que apresenta um pai comum a dois personagens que assumem princípios polares sobrevive até nas tradições religiosas que assumem o dualismo em suas concepções, como na teologia iraniana.

Ao tratar da função dos mitos, Eliade, aponta para a mitologia dos Ngadju Dayak de Bórneu, num estudo realizado por Hans Schärer, onde apresenta através do mito cosmogônico compreender a vida religiosa dos Dayak, sua cultura e organização social.

Para este povo, o mundo é resultado de um combate entre dois princípios polares: vida e morte.

A árvore da vida, é destruída. E dessa destruição e morte, renasce a nova vida. A nova criação origina-se da destruição completa da divindade. Em todas as cerimônias importantes na vida deste povo - como nascimento, iniciação,

casamento, morte, esta polaridade aparece. Assim como em outros povos, tudo o que é importante para os Dayak é imitação de modelos exemplares, repetição de acontecimentos do mito cosmogônico.

A aldeia, a casa, assumem o papel do universo e localizam-se no centro do mundo.

A casa é uma imagem do mundo, que está erigida no dorso da cobra-d'água, seu telhado inclinado simboliza a montanha primeira onde Mahatala é entronizado e uma magnólia representa a árvore da vida em cujos ramos se podem ver as duas aves.

No casamento, os noivos agarram uma réplica da árvore da vida, sinal da unidade com ela.

O nascimento está intrinsecamente relacionado ao tempo original.

O quarto onde nascem as crianças, encontra-se simbolicamente localizado nas águas primevas. Também no quarto onde as jovens são encerradas durante as cerimônias de iniciação assumem a localização imaginária do oceano primordial.

A jovem desce ao mundo inferior e ao regressar assume a forma de cobra-d'água. Ao retornar à terra, transforma-se em uma nova pessoa, com nova vida.

A morte é recebida do mesmo modo. A pessoa regressa à era primeva. Na sua viagem, o caixão tem a forma de um barco e tem pintados dos lados a cobra-d'água, a árvore da vida, as montanhas primordiais, isto é, a totalidade cósmica e divina.

Assim a pessoa retorna à totalidade divina que existia no princípio.

Em ocasiões de crise e nos ritos de passagem, o homem retoma *ab initio* o drama do mundo.

Nas cerimônias anuais coletivas, aparecem novamente com a conotação do regresso ao tempo pré-cósmico, ao tempo da totalidade sagrada personificada pela cobra-d'água e pela árvore da vida.

Durante esse período, sagrado por excelência, chamado de tempo entre os anos, uma réplica da árvore da vida é erigida na aldeia e toda população volta à época primordial [pré-cosmogônica]. As regras, proibições, são suspensas pois esse mundo deixou de existir.

A comunidade, então, nesse momento, está próxima da divindade e vive o caráter orgiástico, que não se trata de desordem, mas de outra ordem, como observa Shärer.

A orgia está vinculada aos mandamentos divinos e os que dela participam reencontram neles a divindade. É a partir desta totalidade que pode então surgir uma nova criação. Isso ocorre tanto para os Dayak quanto para os Mesopotâmios.<sup>146</sup>

Tratando-se ainda do paradoxo encontrado nas divindades, vemos o caso da deusa Shri (esplendor), segundo um texto indiano, na casa de pessoas que praticam o bem. E ao mesmo tempo significa Alakshmi (quer dizer o contrário) na casa dos

---

<sup>146</sup> SCHARER, H. *Ngaju Religion*, traduzido por NEEDHAM, Rodney, *The conception of God among a South Borneo People*, Haia, 1963.

maus.<sup>147</sup>

Este fato revela que as grandes deusas em geral, acumulam atributos da doçura como os do terror. São, ao mesmo tempo, divindades da fecundidade e, da destruição e muitas vezes, deusas da guerra.

Kâlî, é doce e benevolente, porém sua icnografia a apresenta coberta de sangue, traz um colar de crânios humanos e segura um cálice feito de um crânio e seu culto é o mais sangrento da Ásia.<sup>148</sup>

Esses mitos apresentam dupla revelação: a polaridade de duas personalidades divinas, que são provenientes de um único e mesmo princípio e destinadas, em diversas versões, a reconciliarem-se num *illud tempus* escatológico.

Na estrutura profunda da divindade, a qual se revela alternada ou concorrentemente benévola e terrível, criadora e destruidora, solar e ofidiana, isto é, manifesta e virtual. Então nesse sentido, é possível afirmar que o mito revela mais profundamente do que revelaria a própria experiência racionalista, a estrutura da divindade, que se situa além dos atributos e reúne todos os contrários. Este paradoxo da realidade divina podemos ver até na tradição judaico-cristã, onde Yahvé é bom e colérico ao mesmo tempo.<sup>149</sup>

Como já enunciamos, o mito enuncia um acontecimento que teve lugar num tempo primordial e por isso, é um precedente

---

<sup>147</sup> Mârkandeya Purâna, 74,4.

<sup>148</sup> ELIADE, M. *Tratado de história das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmos, 1970, pg. 493.

<sup>149</sup> ELIADE, M. *Tratado de história das Religiões*, Lisboa, Ed. Cosmos, 1959, pg. 493.

exemplar para todas as situações, onde serão repetidas este acontecimento.

E todo ritual ou ação quando repleto de sentido repete um arquétipo mítico. E essa repetição supõem a anulação do tempo profano e o ser humano é transportado para um tempo mágico-religioso.

O mito, assim, integra o homem numa época a-temporal, um tempo paradisiaco, além da história. Aquele que realiza um rito ou imita um modelo mítico ou escuta a recitação de um mito e participa do rito, transcende o tempo e o espaço profano.

## 2.4. Modelos Míticos

### 2.4.1. Mitos de Origem e Cosmogônicos

"O céu, grande e amoroso, curvou-se sobre a terra. E deitou-se sobre ela como amante puro. A chuva, fluxo úmido caindo do céu, tanto sobre os homens como sobre os animais, sobre os fracos e fortes, fez germinar o trigo, inchou os sulcos com barro fecundo e fez surgir os brotos nos pomares. E fui eu que dei poder para esses casamentos úmidos. Eu, a grande Afrodite." Ésquilo, *As Danáides*<sup>150</sup>.

O mito, ao relatar a origem de qualquer coisa, pressupõe e prolonga a cosmogonia.

Os mitos de origem são homologáveis ao mito cosmogônico, quanto à sua estrutura.

---

<sup>150</sup> PARIS, G. *Meditações Pagãs*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1994.

A criação do mundo, transforma-se no modelo exemplar para toda a espécie de criação. Os mitos de origem prolongam e completam o mito cosmogônico, contam como o mundo foi modificado, enriquecido ou empobrecido.

A criação do universo, a força ou o poder divino que provocou o nascimento e a ordem do cosmo, é uma fonte inesgotável de busca para o conhecimento humano.<sup>151</sup> Através de imagens, narrativas, mitos, o ser humano procura esclarecer o que lhe escapa à uma simples compreensão intelectual. É nesse sentido que os mitos cosmogônicos constituem a imaginária das origens, pois são fecundos, fornecem explicações da ordem do mundo que às vezes interpretam, tornando-se um pretexto para uma nova elaboração mítica que se perpetua e ramifica, se eterniza e se transforma.

O mito cosmogônico tem papel fundamental na constituição da sociedade primitiva. O mito faz-nos compreender o pensamento religioso e sua complexidade. A vida individual e coletiva tem uma estrutura cosmológica. Vincula-se a um ciclo, criação, destruição e recriação do mundo. Esta concepção ultrapassa os povos primitivos e sua cultura.

Alguns mitos de origem iniciam pelo esboço de uma cosmogonia. Podemos citar a história das dinastias tibetanas que narram como o Cosmos nasceu de um ovo.

---

<sup>151</sup> BRUNEL, Pierre (Org.) trad. Carlos Sussekind, *Dicionário de mitos literários*, R.J., José Olympio Editora, 1997.

"Da essência dos cinco elementos primordiais saiu um grande ovo (...). Dezoito ovos saíram da gema desse ovo. De entre esses dezoito ovos, o ovo do meio, um ovo de concha, separou-se dos outros. Desse ovo concha nasceram membros, depois os cinco sentidos, tudo perfeito e ele transformou-se num belo rapaz que parecia a realização de todos os votos (yid la smon). Chamaram-no de rei Ye-smon. Casou-se com a rainha Tchu-Ichag, gerou um filho Dbang-Idan<sup>152</sup>, a genealogia continua, contando a história dos diversos clãs e dinastias.<sup>153</sup>

Entre as populações primitivas da Índia, encontram-se concepções análogas, onde o guru recita o mito cosmogônico para a pessoa, apenas duas vezes. Nessa ocasião, o guru recita a história da humanidade desde a criação do mundo e termina contando o nascimento daquela para quem o rito é realizado. A segunda vez é no rito funerário, onde a mesma cerimônia é repetida. Desta vez o guru transfere ritualmente a alma para o outro mundo.<sup>154</sup>

Os feiticeiros Munda ao expulsar os maus espíritos, recitam as canções mitológicas dos Assur.

---

<sup>152</sup> ARIANE, MacDonald, "La Naissance du Monde au Tibet", in: Sources Orientales, I, Paris, 1959, p. 417-452, p. 428.

<sup>153</sup> ARIANE, MacDonald, "La Naissance du Monde au Tibet", in: Sources Orientales, I, Paris, 1959, p. 417-452, p. 428.

<sup>154</sup> P. O. Bodding, "Les Santals, Journal Asiatique, 1932, p. 58 e ss.

Os Assur inauguraram uma nova época entre os deuses e os espíritos e entre os humanos e por isso, as suas histórias fazem parte de um mito cosmogônico.<sup>155</sup>

A ligação entre o mito cosmogônico e o mito da origem da doença e do remédio e o rito de cura expressa-se bem entre os povos Na-khi, população que pertence à família tibetana, embora vive há séculos no sudeste da China. Para eles, o universo inicialmente estava dividido entre os Nâgas e os homens, uma inimizade separou-os. Os Nâgas espalharam doenças, esterelidade por toda a terra, além de roubarem as almas das pessoas, tornando-as doentes. É com o rito que o sacerdote-Xamã realiza que pode obrigar aos Nâgas a libertarem a pessoa doente. O Xamã pode lutar com os Nâgas pois no início o Xamã primordial lutou. O ritual é falar desse acontecimento primordial na recitação solene. Recita-se o mito da origem de Garuda, como os ovos foram criados, por magia, no Monte Kailasa e que desses nasceram Garudas, que vinham à planície para defender os humanos das doenças provocadas pelos Nâgas. O cântico expressa a criação do mundo.<sup>156</sup>

O regresso à origem para as sociedades arcaicas é de suma

---

<sup>155</sup> W. Koppers, *Die Bhil*, p. 242; J. Hoffmann e A. van Ernelen, *Encyclopaedia Mundarica*, vol. iii, Patna, 1930, p. 739.

<sup>156</sup> ROCK, J. F. *The Na-khi Nâga cult and related ceremonies*, Roma, 1952, vol. I, pp. 9-10, ver ELIADE, *Aspectos do mito*. Lisboa, *Perspectivas do homem*/edições 70, 1989, p. 42-43.

importância, onde podem reviver o tempo em que as coisas se manifestaram pela primeira vez. É o tempo em que se formaram os princípios da própria cultura que deve ser preservada, pois é o mais precioso dos bens.

Esses rituais coletivos beneficiam a comunidade, tanto vivos quanto mortos. Na proclamação do mito, toda a comunidade se renova, e reencontra suas fontes, rememora suas origens, prepara-se e alimenta-se para viver o futuro.

#### 2.4.2. Mitos de Renovação, de Construção

A renovação por excelência, realiza-se no ano novo, quando se inicia uma nova etapa, um novo ciclo temporal. A renovação feita pelo ritual do ano novo é uma repetição da cosmogonia.

Todo o ano recomeça a nova criação. São os mitos de origem, como os cosmogônicos que revelam como aconteceu nos primórdios.

As diferenças culturais, geográficas, climáticas, etc... são importantes, mas, o mundo é sempre o mesmo. E necessita de renovação. Deve ser anualmente renovado. Essa renovação tem um modelo: um mito de origem que desempenha a função de um mito cosmogônico.

Entre os Australianos, os mitos de origem são anualmente reatualizados. Animais e plantas, criados *in illo tempore* são ritualmente recriados. Em Kimberley as pinturas rupestres são atribuídas aos antepassados míticos e durante o ritual são pintadas novamente a fim de reativar o seu poder criador, tal

como era no início do mundo.<sup>157</sup>

Para os egípcios o ano novo também simbolizava a Criação. Para o povo judeu a renovação do mundo foi aos poucos historicizada, conservando porém a essência do seu significado, onde Wensinck<sup>158</sup>, aponta-nos o cenário ritual do ano novo, através de ritos de passagem como o Êxodo e a travessia do mar vermelho, a conquista de Canaã, o cativo da Babilônia e o regresso do exílio.<sup>159</sup>

A renovação da ordem através do ritual, a dos elementos simbólicos realizados nas civilizações cosmológicas, atravessam a história da humanidade. Desde a festa do Ano Novo babilônio, a renovação do *Berith* por Josias, a renovação sacramental de Cristo, até ao *ritornar ai principii* de Machiavel, sugerem que a quebra da ordem da existência e o regresso a essa ordem constituem um problema fundamental da existência humana, como povo, e como indivíduo.<sup>160</sup>

O templo, nas civilizações da Mesopotâmia, Egito, China, Índia, recebeu nova valorização.

---

<sup>157</sup> HELMUT, P. *Sterbende Welt in norwest australien*, Brunswick, 1954, p. 200, conf. ELIADE, M. *Aspectos do mito*, Lisboa, Perspectivas do homem/edições 70, 1989, p. 42-43.

<sup>158</sup> WESINCK, J. A. *The semitic new year and the origin of eschatology*, *acta orientalia*, I, 1923, p. 159-199, conf. ELIADE, M. *Aspectos do mito*, Lisboa, Perspectivas do homem/edições 70, 1989, p. 42-43.

<sup>159</sup> WESINCK, J. A. *The semitic new year and the origin of eschatology*, *acta orientalia*, I, 1923, p. 159-199, conf. ELIADE, M. *Aspectos do mito*, Lisboa, Perspectivas do homem/edições 70, 1989, p. 42-43.

<sup>160</sup> VOEGLIN, E. *Order and history*, I: *Israel and revelation*, Louisiana State University Press, 1956, p. 294, conf. ELIADE, M. *Aspectos do mito*, Lisboa, Perspectivas do homem/edições 70, 1989, p. 42-43.

*Imago mundi*, é pensado como reprodução terrestre de um modelo transcendente. O tempo como arquétipo celeste, foi herdado da concepção paleoriental pelo judaísmo.

O templo, é visto como obra dos deuses e por isso é sagrado. Lugar santo, por isso santifica continuamente o mundo. A idéia da santidade do templo está vinculada ao isolamento de toda a corrupção terrestre. No templo que é obra dos deuses não há corrupção, aqui aparecem os rituais de purificação com água e outros símbolos, possibilitando ao ser humano aproximar-se do transcendente.

Foi o próprio Javé (deus do povo israelita) quem criou os modelos do tabernáculo e os utensílios sagrados e manifestou aos escolhidos para que os reproduzissem.<sup>161</sup>

A Jerusalém celeste foi criada por Deus ao mesmo tempo que o paraíso, é uma cidade especial, é eterna. É a reprodução do modelo transcendente, incorruptível.

A basílica e a catedral cristã carregam estes simbolismos.

A igreja reproduz a concepção da Jerusalém celeste, desde a patrística e também aponta ao paraíso ou mundo celeste.

Vemos a estrutura cosmológica do espaço sagrado (o templo), existente na cristandade e na Igreja bizantina:

---

<sup>161</sup> Êxodo, xxv, 8-9, conf. ELIADE, M. *Der mythos der ewigen wiederkehr*, p. 18.

Die vier Teile des kircheninneren symbolisieren die vier Weltrichtungen. Das innere der kirche ist das weltall. Der Altar ist das paradies, das nach osten verlegt wurde. De kaiserliche Tür des altars heisst auch die tür des paradieses. In der osterwoche bleit die haupttür in den altar während des ganzen gottesdienstes offenl der sinn dieses brauchs ist deutlich im osterkanon ausgedrückt: *Crhistus ist aus dem Grabe auferstanden und hat uns die Türen des paradieses geöffnet* Demgegenüber ist der westen das gebiet der finsternis, des grams, des todes, das gebiet der ewigen wohnungen der werstorbenen, welche der auferstehung des gerichtes harren. Die mitte des kirchengebäudes ist die erde. Nach den vorstellungen des Kosmas Indidopleustes ist die Erde viereckig und wird von vier Wanden begrenzt, die von einer kuppel überwölbt sind. Die vier Teille des kircheninneren symbolisieren die vier Weltrichtungen.<sup>162</sup>

Para Eliade a experiência do espaço sagrado torna possível a fundação do mundo: lá onde o sagrado se manifesta no espaço, o real descobre-se, o mundo vem à existência.<sup>163</sup>

A manifestação do sagrado efetua uma ruptura de nível. Estabelece a possibilidade de uma comunicação entre os níveis cósmicos: terra e céu. Torna possível a mudança de ordem ontológica, de um modo de ser a outro.<sup>164</sup>

Ao criar o centro, meio utilizado para a comunicação

---

<sup>162</sup> SEDLMAYR, H. Die entstehung der kathedrale. Zurich, 1950. P. 119.

As quatro partes no interior da igreja simbolizam as quatro direções do mundo. O interior da igreja é o universo. O altar é o paraíso, que foi transferido para oriente. A porta imperial do altar denomina-se também porta do paraíso. Na semana da Páscoa permanece aberta, durante todo o serviço divino, a porta principal no altar; o sentido deste costume expressa-se claramente no cânone pascal: *Cristo ressurgiu do túmulo e abriu-nos as portas do paraíso*. Pelo contrário, o ocidente é a região da escuridão, da tristeza, da morte, a região das moradas eternas dos falecidos, que aguardam a ressurreição do juízo final. O meio do edifício da igreja representa a terra. Segundo a representação de Kosmas Indikopleustes, a terra é quadrada e limitada por quatro paredes, cobertas por uma cúpula. As quatro partes do interior da igreja simbolizam as quatro direções do mundo. In ELIADE, M. O sagrado e o profano, Edição livros do Brasil, s/d.

<sup>163</sup> ELIADE, M. *O sagrado e o profano*, Edição livros do Brasil, s/d, p. 73-74.

<sup>164</sup> ELIADE, M. *O sagrado e o profano*, Edição livros do Brasil, s/d, p. 76.

entre o sagrado e o profano, funda o mundo, o centro torna possível a orientatio. A manifestação do sagrado no espaço tem valor cosmológico. Toda consagração de um espaço equivalem a uma cosmogonia. O mundo, então, transforma-se em mundo sagrado.

O simbolismo do centro do mundo está presente não somente em países, cidades, templos, palácios, mas também na mais simples habitação humana. Isto equívale a dizer que o homem religioso situa-se ao mesmo tempo no centro do mundo e na origem da realidade absoluta, muito próximo da abertura que lhe permite comunicação com os deuses.

Esta nostalgia religiosa do ser humano parecer-se com os deuses está presente nesta concepção. Exprime um desejo de viver num Cosmos puro e santo, como era no princípio de todos os tempos. É a experiência do tempo sagrado que abre caminhos para que periodicamente o cosmos reviva o tempo mítico da Criação.

Para cada destruição, uma criação  
Para cada criação, uma destruição  
Em cada nascimento, uma morte  
Em cada morte, um nascimento.  
É assim que tem sido, é assim que será.  
(Poema Maia)

## Conclusão

Mito, *mithos*, conceito em Mircea Eliade que alude o significado de palavra, fala, discurso, narrativa, ação sagrada, gesto significativo, acontecimento primordial.

Apresenta esse discurso, uma conotação particular - como foi realizado no início dos tempos, é uma ação primordial.

É uma ação muito significativa - é sagrada - pois sua realização ocorreu por graça, benevolência ou acaso dos deuses.

É uma história sagrada, por isso verdadeira. Refere-se sempre a realidades.

É um gesto significativo que merece continuidade, memória, rito.

Modelo exemplar para as ações significativas da humanidade.

Assim diz, Leenhardt, "O mito não pode ser lógico: é ilógico e irracional. Abre-se como uma janela a todos os ventos; presta-se a todas as interpretações. Decifrar o mito é, pois, decifrar-se.<sup>165</sup>

Para Eliade, o mito apresenta-se como cosmogônico, enunciando o aparecimento de uma nova situação cósmica ou acontecimento primordial, que se torna modelo para o tempo

---

<sup>165</sup> BRANDÃO, J. *Mitologia Grega*, Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, Vol 1, 1991.

futuro, embora considere que não é possível reduzi-lo a essa estrutura.

Apresenta-o como uma narrativa de uma história verdadeira acontecida nos tempos idos, por interferência de entes sobrenaturais, onde uma realidade começou a existir, seja uma realidade total, o cosmos, ou um fragmento, como uma pedra, uma ilha, um comportamento humano.

Mito é uma representação coletiva, transmitida através de várias gerações e que relata uma explicação do mundo.

O mito revela os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas, como a alimentação, o casamento, o trabalho, a educação, a arte, a sabedoria. Revela que o mundo, o homem e a vida têm uma origem e uma história sobrenatural e que essa história é significativa, preciosa e exemplar.<sup>166</sup>

O mito, assim, integra o homem numa época a-temporal, um tempo paradisíaco, além da história. Aquele que realiza um rito ou imita um modelo mítico ou escuta a recitação de um mito e participa do rito, transcende o tempo e o espaço profano.

Constituem modelos de todo ato humano significativo, que ao conhecê-lo, conhece-se a origem das coisas e, por assim dizer, é possível dominá-las e manipulá-las.

Como vimos em Barthes, o mito é uma fala. É um sistema de comunicação, uma mensagem. Não poderia ser um objeto, um

---

<sup>166</sup> ELIADE, M. Aspectos do Mito, pg. 24

conceito ou idéia, é sim, um modo de significação, uma forma. Define-se pela maneira como profere a mensagem, com limites formais e não substanciais.

Já em Jung, o mito pode definir-se como a conscientização dos arquétipos do inconsciente coletivo - um elo entre consciente e inconsciente coletivo - bem como as formas nas quais o inconsciente se revela. O inconsciente coletivo assim, expressaria a identidade de todos os homens, seja qual for a época e lugar onde viveram.

O mito, assim, sinaliza a necessidade em dar respostas e significado ao cosmos e ao mistério, presente no ser humano.

"Mito é a expressão simbólica, por imagens, de valores. Carregada de conotações afetivas, o que caracteriza o poder de sedução do mito. Recorrendo ao símbolo, o mito sintetiza, conteúdos que se referem às mais profundas aspirações do ser humano: sua sede de absoluto e de transcendência, sua busca de plenitude."

Constança Marcondes César<sup>167</sup>

---

<sup>167</sup> MORAIS, R. *As Razões do Mito*, Campinas, SP, Papirus, 1996.

### III. Mistério

*"O mistério permanecerá no coração dos homens até o final dos tempos"*

Jung

*"O início dos céus e da terra é aquilo que não tem nome. Escuridão dentro da escuridão: a porta de todo mistério."*

Tao Te Ching

*"Que somos nós sem o socorro daquilo que não existe?"*

Valery

## *Introdução*

Apresentaremos neste capítulo, considerações gerais sobre o mistério e os mistérios presente nos cultos gregos.

Falaremos também, sobre o mistério na religião cristã, particularmente no novo testamento, nos escritos paulinos.

É particularmente em alguns padres da igreja, que veremos a passagem do termo mistério para *sacramento*, termo necessário para o estudo do batismo enquanto prática ritual, objeto de estudo dessa dissertação.

O conceito de mistério também está presente nos estudos de Eliade que procuraremos apresentar para finalizar esse capítulo.

### *3.1. Considerações sobre mistério*

Mistério, termo originariamente grego, *mysterium*, é um termo ainda não totalmente explicado do ponto de vista etimológico. O termo que mais se aproxima da significação grega é *fecho os olhos*.<sup>168</sup>

Designa ritos secretos, sendo que, nos tempos mais antigos, é usado com freqüência e mais tarde é utilizado no plural: mistérios.<sup>169</sup>

---

<sup>168</sup> MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*, volume 2, São Paulo, EP, 1983.

<sup>169</sup> Idem.

Na religião grega, os mistérios são um grupo de cultos, cujas cerimônias secretas são praticadas com exclusão do público.

Em muitos cultos gregos, encontramos usos secretos, como acrescimos a ritos cúlticos públicos e, como nem sempre conhecemos a forma das cerimônias de que se compunham, é difícil determinar o verdadeiro motivo do segredo.<sup>170</sup>

A razão do ocultismo talvez encontre-se no fato de que se trata de cultos de fertilidade que envolviam o campo sexual e eram reservados às mulheres.<sup>171</sup> O segredo valorizava os ritos e garantiam sua execução. Existe a possibilidade de que a conservação do segredo fosse em razão do culto pertencer à camada pré-indo-européia da população grega. Essas populações autóctones deviam ter suas razões para conservar seus cultos afastados dos inovadores, o que, de certa forma, seria uma medida de autodefesa.<sup>172</sup>

É desses segredos que os mistérios receberam o nome. O emprego do plural para designá-los, explica-se pela multiplicidade de ações nas cerimônias que eram realizadas.

O fato histórico-lingüístico da palavra mistério ter sido usada no singular para designar segredos não-cúlticos pode-se explicar como ampliação do sentido; o mesmo ocorre à outra explicação, segundo a qual o sentido geral de mistério era aquele que estava na origem.

---

<sup>170</sup> MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*, volume 2, São Paulo, EP, 1983.

<sup>171</sup> Idem.

<sup>172</sup> Idem. *Ibidem*.

Mistério, no grego profano, é usado no plural, para indicar ritos religiosos, não se sabendo com certeza se foi desse primeiro uso que originou-se o significado mais geral de segredo ou mistério.

F. W. Robertson<sup>173</sup> descreveu sobre a revelação do mistério, onde afirma que é através do indefinido que nos aproximamos mais de Deus. As definições, distintas e claras dificultam à aproximação do mistério. Deus é pressentido mais no surpreendente, no temor do que numa concepção clara.

"O *mysterium* é o qualitativamente diferente e o *fascinans*." "O *mysterium tremendum* é a harmonia dos contrastes que sugere o "terror incontrolável, penetrando e subjugando a alma"<sup>174</sup>.

### 3.1.1. O Numinoso

É em Rudolf Otto, onde encontramos uma reflexão acerca do mistério. Otto utiliza o termo numinoso e explica: "se lumen pode servir para formar luminoso, numem pode formar numinoso." Fala de uma categoria numinosa como uma categoria especial de interpretação e de avaliação, um estado de alma que se manifesta quando essa categoria é aplicada, isto é, cada vez que um objeto é concebido como numinoso.<sup>175</sup>

---

<sup>173</sup> ROBERTSON, F. W. *Tem Sermons*, III: "A luta de Jacó". 2º. ponto: "A revelação do mistério" in (OTTO, R. *O Sagrado*. Trad. Prócoro Velasques Filho, São Bernardo do Campo, SP, Imprensa Metodista, 1985, p. 171.

<sup>174</sup> OTTO, R. *O Sagrado*. Trad. Prócoro Velasques Filho, São Bernardo do Campo, SP, Imprensa Metodista, 1985, p.7.

<sup>175</sup> OTTO, R. *O Sagrado*. Trad. Prócoro Velasques Filho, São Bernardo do Campo, SP, Imprensa Metodista, 1985, p. 12.

É uma categoria, que compreende um elemento de qualidade especial - inacessível, constitui algo *inefável*<sup>176</sup>.

O numinoso não é racional, isto é, não pode desenvolver-se em conceitos. Não é possível indicar o que ele é observando as reações sentimentais que o seu contato provoca no ser humano. "Ele é de tal natureza que cativa e emudece a alma humana."<sup>177</sup>

Só uma expressão apresenta-se capaz de exprimir a coisa: é o sentimento do *mysterium tremendum*, do mistério que faz tremer. O sentimento que ele provoca pode se espalhar na alma como um calafrio<sup>178</sup>.

O conceito de mistério designa aquilo que está oculto, isto é, aquilo que não é manifesto, que não é concebido nem compreendido, o extraordinário, o estranho, sem indicar com precisão a sua qualidade. Para Otto, podemos compreender por mistério algo absolutamente positivo. Essa realidade positiva manifesta-se exclusivamente nos sentimentos<sup>179</sup>.

O objeto misterioso é incompreensível e inconcebível não apenas porque o conhecimento relativo deste objeto tem limites determinados e inflexíveis, mas porque esses limites.

---

<sup>176</sup> OTTO, R. O Sagrado. Trad. Prócoro Velasques Filho, São Bernardo do Campo, SP, Imprensa Metodista, 1985, p. 11

<sup>177</sup> Idem.

<sup>178</sup> Idem. Ibidem.

<sup>179</sup> Idem. Ibidem.

Chocam-se com alguma coisa qualitativamente diferente, uma realidade que, por sua natureza e essência, é incomensurável e diante da qual se manifesta o estupor<sup>180</sup>.

O mistério é surpreendente e maravilhoso. Ao lado do elemento perturbador aparece algo que seduz e cresce em intensidade até produzir delírio; é o elemento dionisiaco da ação do numem e que chamamos de elemento fascinante<sup>181</sup>.

Otto, afirma que o ser humano possui um princípio constitutivo, uma sensibilidade, "sentido do sagrado", do mesmo modo que possui a *corda do amor, do ciúme, da ira, do belo, do justo e do bom*.

Quando esta corda é tocada e vibra, o homem vive a "experiência religiosa" e percebe-se em frente a algo "numinoso", solene, *tremendum*. Esta experiência é comum ao ser humano frente a todas as religiões.

### 3. 1. 2. Mistérios nos Cultos Gregos

A religião dos mistérios era muito popular no mundo romano e helenístico, respondia à necessidade religiosa emergente da falência da religião clássica. Os elementos estrangeiros e exóticos, presentes nos mistérios, suscitavam curiosidade. Todos esses cultos eram esotéricos e os praticantes comprometiam-se, sob juramento, a não revelarem esses ritos. Dessa forma, não temos uma definição explícita

---

<sup>180</sup> OTTO, R. *O Sagrado*. Trad. Prócoro Velasques Filho, São Bernardo do Campo, SP, Imprensa Metodista, 1985, p. 31.

<sup>181</sup> OTTO, R. *O Sagrado*. Trad. Prócoro Velasques Filho, São Bernardo do Campo, SP, Imprensa Metodista, 1985, p. 35.

deles, dificultando sua reconstrução.<sup>182</sup>

Citaremos alguns desses cultos, sem contudo nos aprofundar muito, dado a profundidade e importância que merece esse assunto.

*Elêusis*: Esse culto teve sua origem em Elêusis, próximo à cidade de Atenas: integrou-se à religião do estado ateniense no período clássico. Trata-se do mito do rapto de Proserpina, filha de Ceres, deusa da Terra, por parte de Plutão, deus de Além-túmulo, e de sua libertação pela mãe durante a metade do ano. O mito simboliza o ciclo da vegetação e a renovação anual da vida e os participantes eram vinculados ao ciclo, com vida e fecundidade. Citamos aqui a obra de JUNG, C. G. and KERÉNYI, C.<sup>183</sup>, onde apresentam excelente contribuição sobre os mistérios de Elêusis.

*Dionisiacos*: Ritos de origem trácia. O mito de Dionísio, apresenta-se de várias formas: o retorno do deus à vida após a morte era o elemento fundamental. Um mito da vegetação. Os ritos dionisiacos eram muito mais licenciosos e orgásticos do que os eleusíacos. Seus participantes se integravam nas forças naturais da vida e da fecundidade.<sup>184</sup>

*Órficos*: O mito de Orfeu revela como ele libertou sua mulher da morte pela sua música e como perdeu-a novamente ao voltar-se para olhá-la antes que ela completasse a volta. A origem desse rito é obscura, remonta à pré-história. O mito

---

<sup>182</sup> MACKENZIE, J. L., *Dicionário Bíblico*, São Paulo, EP, 1983.

<sup>183</sup> *Essays on a Science of mythology* The myth of the Divine Child and the Mysteries of Elêusis, N.J., Princeton University Press, 1973.

<sup>184</sup> MACKENZIE, J. L., *Dicionário Bíblico*, São Paulo, EP, 1983.

inclui uma cosmogonia e uma teogonia que explicam a origem do homem.

*Átis e a Grande Mãe:* Estes ritos, apontam a autocastração de muitos iniciados e tiveram origem na Ásia Menor. Átis se autocastrou devido à dor da infidelidade à Cibele, Grande Mãe. O rito era um culto à força material da natureza.

*Adônis:* Adônis era um deus da vegetação que morria e ressurgia, idêntico ao Baal de Canaã. O rito era originário de Biblos, na Fenícia.

*Ísis e Osiris:* Estes mistérios também se propunham a integrar os participantes no ciclo da vida.

*Mitra:* Esses ritos eram de origem iraniana e divulgados entre os soldados das legiões romanas do período imperial. Mitra, divindade solar, que restaurava a fecundidade degolando um touro e libertando a sua força vital.<sup>185</sup>

Esses cultos apresentam elementos comuns, como expressões de certos modelos fundamentais de pensamento e comportamento religioso.

Nesses mistérios, o rito essencial é a renovação ritual do mito, cuja renovação está presente eternamente. Todos são cultos da natureza e visam integrar os participantes no ciclo de renovação da vida. Baseiam-se em acontecimentos que se repetem no ciclo.

---

<sup>185</sup> MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*, São Paulo, EP, 1983.

Trata-se de esforços para merecer a vida, fortalecê-la, prolongá-la e, em alguns casos, além da morte. A sobrevivência pode ser alcançada através da iniciação aos mistérios: ela não é uma consequência natural da existência humana e tampouco um dom da divindade.

A religião dos mistérios está contida no conceito de natureza e do seu ciclo, como justifica K. Prumm, quando nega que tais cultos apresentem a idéia autêntica de salvação, deve sempre pressupor uma evasão dos limites da natureza para ser verdadeira.<sup>186</sup>

Os cultos ofereciam apenas um renascimento naturista. Todos incluíam um ritual de iniciação e um avanço com vários graus de purificação até alcançar a perfeição. O ponto culminante da perfeição era atingido com a epopteia, isto é, a visão do ato essencial na renovação ritual do mito.

A perfeição e a visão constituíam, na realidade, uma penetração nos mistérios do sexo e uma participação em ritos sexuais.

Bousset e Reitzenstein, entre vários estudiosos, afirmam, na primeira metade do século, que o cristianismo apresenta certo número de semelhanças com a religião dos mistérios, a ponto de sugerirem certa dependência.<sup>187</sup>

---

<sup>186</sup> Idem.

<sup>187</sup> Idem. Ibidem.

Não se deve negar a originalidade do cristianismo, mas é preciso reconhecer que o cristianismo usou muitos ritos e termos desses cultos, próprios do século I d.C., e que no princípio, o cristianismo adotou termos e ritos mais antigos, dando-lhes um novo significado, como no caso dos ritos de iniciação - o Batismo (conceito de purificação e renovação de um ato salvífico e de uma nova vida).

A teoria da dependência em relação aos mistérios foi, mais tarde, abandonada pelos estudiosos, passando a identificar no cristianismo um movimento formal e explícito contra os cultos dos mistérios. Na concepção do acontecimento salvífico, o cristianismo é histórico e não mítico; ademais, os cultos dos mistérios não permitem qualquer dependência.

Deve-se, no entanto, reconhecer que o uso neotestamentário do termo mistério apresenta-se com um novo significado.<sup>188</sup>

### 3. 1. 3. O mistério no Antigo Testamento

A palavra mistério aparece na Bíblia somente em alguns textos tardios e traz como origem o aramaico *râz*<sup>189</sup> cujo significado é coisa secreta e corresponde ao hebraico clássico *sôd*<sup>190</sup>, que deriva da raiz *issad*, com origem no sânscrito *sad*, cujo significado é assentar, fundar e tem o

---

<sup>188</sup> MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*, São Paulo, EP, 1983.

<sup>189</sup> Termos encontrado nos escritos de Qumran.

<sup>190</sup> *Qumran* [os habitantes de Qumran eram identificados com os essênios ou com os terapeutas, ainda com os adeptos de João Batista ou até mesmo com a comunidade cristã-primitiva], cf. BERGER, Klaus. Trad. Ivoni Richter Reimer. *Qumran e Jesus*, Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 1994. LEÓN-DUFOUR, X. e DUPLACY, J. *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Petrópolis, RJ, Vozes, 1972.

sentido derivado de consenso e de arcano (cf. Prov 11,13; Amós 3,7).

No A.T., mistério é Revelação dos segredos de Deus. Esses segredos dizem respeito à salvação para o povo de Israel. Deus é quem revela os mistérios.<sup>191</sup>

O mistério, no A.T., apresenta significação profana. Em Eclo 22,22 LXX: recomendação de não revelar os mistérios do amigo; Tob 12,7 LXX: aconselha guardar o segredo do rei. Em Jdt 2,2, LXX: o conselho secreto designa os planos de vingança do rei da Assíria.<sup>192</sup> Outros exemplos podemos ver em (Sir 22,22; II Mac 12, 41;).

Ao tratar do mistério enquanto desígnio como vemos nos escritos sapienciais em Sab 2,22s; Sab 6,22, o termo está relacionado ao plano salvífico do Deus criador.

Na revelação do plano de Deus realiza-se o Dom da Sabedoria e, nesse sentido, pode-se dizer da relação entre sabedoria e mistério.

Os desígnios de Deus são por Ele mesmo expressos e não são revelados aos impérios da terra (cf. Dan 2, 1847). Ignorar o mistério é próprio dos ímpios (cf. Sir 3,18).

O termo, referido a coisas divinas, pertence ao campo da revelação e aparece acompanhado de termos afins. Para os hasidim (judeus que habitavam a comunidade de Qumrã), a palavra mistério era usada para designar o plano secreto de Deus.

---

<sup>191</sup> LEÓN-DUFOUR, X. e DUPLACY, J. *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Petrópolis, RJ, Vozes,

Nos manuscritos de Qumrân são mencionados aproximadamente 400 vezes o termo aramaico *raz*. Este termo significa segredo, mistério e é de origem persa. Têm o mesmo sentido ao do hebraico *sod*, usado a respeito de Deus em Amós 3,7; Prov 11, 13; Jdt 2.2.<sup>193</sup>

A Septuaginta utiliza a palavra no sentido neutro do termo, empregado como equivalente do aramaico *raç*, e não apresenta nenhuma relação com o culto.<sup>194</sup>

Portanto, o termo mistério têm o significado de algo oculto, um segredo; é também um consenso e um desígnio.

#### 3.1.4. O mistério no Novo Testamento

No Novo testamento, o mistério sempre está relacionado com o mistério de Cristo.<sup>195</sup>

No N.T., *mysterium* é um termo teológico e não apresenta nenhuma relação com os mistérios sagrados da antigüidade, na definição e no conteúdo. Antes apresenta um caráter escatológico e se refere a acontecimentos históricos.<sup>196</sup>

Na maioria das vezes onde o termo aparece, tem o significado de desígnio divino. Onde o mistério é o próprio Jesus Cristo.

O mistério do Reino de Deus (sinóticos: Marcos, Mateus e Lucas), especialmente na parábola do semeador.

1972.

<sup>192</sup> FRIES, H. *Dicionário de Teologia*, vol.3, São Paulo, Ed. Loyola, 1970, p. 309.

<sup>193</sup> NETTO, Francisco, B. S. *A teologia do mistério nos escritos paulinos*, dissertação de *Licentia ad lauream em teologia*, São Paulo, PUCC, 1967.

<sup>194</sup> FRIES, H. *Dicionário de Teologia*, vol.2, São Paulo, Ed. Loyola, 1970, p. 710.

<sup>195</sup> FRIES, H. *Dicionário de Teologia*, vol.3, São Paulo, Ed. Loyola, 1970, p. 309.

<sup>196</sup> FRIES, H. *Dicionário de Teologia*, vol.3, São Paulo, Ed. Loyola, 1970, p. 308.

O mistério do Reino foi revelado aos discípulos e, aos de fora, é comunicado por meio de parábolas, porque eles têm dureza de coração.<sup>197</sup> (cf. Mat 13,11; Mc 4,11; Lc 8,10).

O mistério do Reino não é definido e nós só podemos fazê-lo com base no contexto geral dos evangelhos.

Para os estudiosos, o mistério no Novo Testamento é a realidade presente do Reino na pessoa de Jesus Cristo, que só pode ser reconhecida por meio de uma revelação. Assim, o mistério é objeto de revelação divina.

O termo, então, significa um objeto de revelação no Novo Testamento e nas citações a verdade é conhecida apenas por meio da revelação e é constituída pelo plano e decisão de Deus (salvação por meio da morte de Jesus Cristo).

Tanto Jesus pode ser considerado mistério (Ef. 5,32), como a própria Igreja.

Assim, o mistério não pode considerar-se como forma deficiente do conhecimento humano; ao contrário, é uma realidade que está vinculada à sua busca ao transcendente, ao absoluto.

### 3.1.5. *Mysterium* na patrologia

O *Mysterium* no Novo Testamento e nos padres apostólicos tem o significado de trato de Deus com o homem histórico para a salvação ou para o juízo, ou seja, o eterno decreto de Deus (mistério original), a obra da criação, a redenção (mistério

---

<sup>197</sup> LEÓN-DUFOUR, X. e DUPLACY, J. *Vocabulário de Teol. Bíblica*, Petrópolis, RJ, Vozes, 1972.

de Cristo em sentido estrito), Igreja, fé e sacramentos (mistério cúltico).

Para os padres apostólicos, *mysterium* indica ações salvíficas, especialmente figuras (*typoi*), eventos e pessoas veterotestamentárias de caráter tipológico que apontam as realizações em Jesus Cristo e indicam também os sacramentos. Abrange a ação libertadora de Deus em Cristo e também sua representação cultural.<sup>198</sup>

Em Orígenes, toda a história de Israel é mistério. E se realiza em plenitude na vida, morte e ressurreição de Cristo e se comunica por meio da Palavra e ritos cultuais da igreja.<sup>199</sup>

Para Clemente de Roma, o mistério cristão é o cumprimento supremo dos mistérios pagãos. O caráter de ocultamento é secundário. A ação de salvação vem de Deus e é por ele manifesta, revelada e atualizada na celebração cultural.<sup>200</sup> Clemente aponta o mistério cristão como cumprimento supremo dos presságios pagãos e faz comparações, ao explicá-lo.

Para Orígenes toda a história da salvação é mistério. Através do Antigo Testamento até sua realização em Cristo por meio de sua vida, morte e ressurreição é comunicada por meio de sua Palavra e dos ritos cultuais da igreja até a escatologia, presente em cada um dos mistérios.<sup>201</sup>

---

<sup>198</sup> SARTORE, D. e TRIACCA, A. M.; tradução Isabel Fontes Leal Ferreira *Dicionário de Liturgia*, São Paulo, Edições Paulinas, 1992.

<sup>199</sup> SARTORE, D. e TRIACCA, A. M.; tradução Isabel Fontes Leal Ferreira *Dicionário de Liturgia*, São Paulo, Edições Paulinas, 1992.

<sup>200</sup> SARTORE, D. e TRIACCA, A. (organizadores), *Dicionário de Liturgia*, São Paulo, Edições Paulinas, 1992, p. 758.

<sup>201</sup> Idem.

### *Mysterium et Sacramentum*

A pregação cristã invadiu a área lingüística latina. O termo latino *Mysterium* emprestado do grego é conhecido desde Cícero. Considerando que o termo continua de certo modo a repetir o significado cultual, isto é, recordando os ritos pagãos, sobretudo no campo da primeira formação de um latim cristão (na África), se deu preferência à sua tradução latina: o termo *sacramentum*.

Tertuliano assumiu a preferência pelo termo *sacramentum*, mesmo não sendo autor desse termo.

Partindo do significado bíblico, o termo assume vários significados: sacrifício e rito sagrado; de modo especial indica o batismo (consagração à divindade); no sentido mais abstrato significa o *typos* do Antigo Testamento; a revelação do Novo Testamento - realizada por meio de Cristo; a religião cristã - uma verdade escondida.

É em Santo Agostinho que o termo *sacramentum* vai indicar: fatos, ações, ritos cristãos e até ritos do Antigo Testamento. Orienta toda a teologia latina a ver no *sacramentum*, um rito sagrado, um sinal sagrado e visível (*signum*) de coisas divinas, em que nos são mostradas realidades invisíveis (Doctr. Christ. 2, 1.35).<sup>202</sup>

---

<sup>202</sup> SARTORE, D. e TRIACCA, A. (organizadores), Dicionário de Liturgia, São Paulo, Edições Paulinas, 1992, p. 758.

Os termos *Mysterium et sacramentum*, indicam ações libertadoras, históricas e a celebração litúrgica das mesmas, e o último sentido oculto dessas ações é a doutrina cristã que nos fala delas e da salvação que nos é conferida.<sup>203</sup>

Mistério na concepção cristã é, portanto, ações históricas salvíficas de Cristo, celebração memorial de tais ações, símbolo *typos*, ritos do Antigo Testamento e do Novo Testamento, conteúdo de fé e doutrina.<sup>204</sup>

Numa perspectiva historicista do cristianismo, a revelação, é: revelação primitiva, na origem dos tempos.

Esquecida, mutilada, corrompida entre as nações, é através da história de Israel onde por meio dos livros sagrados do Antigo Testamento, ela foi plenamente conservada. *E a única real, com um significado, pois é o próprio Deus quem a faz.*

Para serem diferenciados dos iniciados das outras religiões dos mistérios, os Padres da Igreja procuravam recusar todo o paganismo que pudesse comprometer o cristianismo.

### 3. 1. 6. Mistérios pagãos e cristianismo

No cristianismo, encontram-se alguns elementos que apresentam semelhança formal com os mistérios pagãos. Semelhança natural com religiões plenamente desenvolvidas, já

---

<sup>203</sup> Leão Magno Sermões 42,1 in SARTORE, D. e TRIACCA, A. (organizadores), Dicionário de Liturgia, São Paulo, Edições Paulinas, 1992, p. 758.

<sup>204</sup> SOOS, B. *Le mystère liturgique d'après st. Léon le Grand*, LQF, 34, 1958 conf. SARTORE, D. e TRIACCA, A. (org.), Dicionário de Liturgia, SP., Ed. Paulinas, 1992.

que estas comprometem todas as dimensões do homem e este é sempre o mesmo em essência: ritos, iniciação, anamnésis, banquete e esperança na salvação individual.

O conceito de Deus e o conteúdo objetivo da expectativa do final dos tempos separam o cristianismo dos mistérios pagãos.

A diferença primordial: os mistérios pagãos celebram, em último termo, com sua anamnésis, o curso e devir, mitologicamente dramatizado da natureza, e não chegam mais além da dimensão pessoal dos poderes da natureza.

A salvação celebrada no culto cristão é um sucesso determinado, irrepetível na história da humanidade mesma, um sucesso histórico que é ao mesmo tempo nossa e do Deus absoluto e uno.<sup>205</sup>

O mistério é um aspecto originário essencial e permanente da realidade total, plena, infinita e está presente no espírito criado em sua essencial abertura ao infinito.

### 3.2. O mistério nos escritos paulinos

A escolha dos escritos paulinos para tratar do mistério na religião cristã pauta-se nas situações: é nos escritos de Paulo ou dos textos a ele dedicados, que o termo mistério aparece com mais frequência nos textos do cristianismo primitivo e de forma mais didática.

---

<sup>205</sup> HAHNER, K y VORGRIMLER, H, Diccionario Teológico, Barcelona, Editorial Herder, 1966.

É nos escritos de Paulo que as comunidades encontram elementos teológicos e filosóficos que certamente fortaleceram a formação de uma religião ainda embrionária, denominada cristã.

Em Paulo, a palavra *Mysterium* é usada para designar a profundidade da sabedoria de Deus no plano de salvação.<sup>206</sup>

Paulo rejeita a habilidade oratória e a sabedoria dos homens, propondo, ao contrário, a sabedoria de Deus, que é misteriosa (I Cor 2,7), desconhecida dos príncipes deste mundo (2,8).

O conteúdo do mistério é exposto em 2,2: onde Paulo afirma que pregou somente Cristo e sua crucifixão, o que resume todo o seu ensinamento sobre a salvação. O mistério é constituído pelo plano e a decisão divina de salvar os homens através da morte de Cristo.<sup>207</sup>

O conceito de mistério é muito mais explícito em Efésios e Colossenses, onde Deus revelou o mistério de sua vontade, que é a de reunir todas as coisas em Cristo (Ef 1,9). Esse é o mistério desconhecido dos séculos anteriores, revelado pelo Espírito: o desígnio de Deus não é apenas o de salvar o homem por meio da morte de Cristo, mas também o de tornar todas as nações igualmente herdeiras, como membros do mesmo corpo e co-participantes da promessa em Cristo (3,3-6); esse é o plano providencial, oculto em Deus desde a eternidade

---

<sup>206</sup> FRIES, H. *Dicionário de Teologia*, vol.2, São Paulo, Ed. Loyola, 1970, p. 710.

<sup>207</sup> MACKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*, São Paulo, Edições Paulinas, 1983.

(3,9).<sup>208</sup>

O mistério para Paulo está relacionado com a sabedoria de Deus que é revelada de forma especial (divina) para algumas pessoas.

Parece ser a sabedoria o conteúdo do mistério, como podemos verificar em Primeira Coríntios 13, 2, onde o conhecimento de todos os mistérios é apresentado como a perfeição do conhecimento. E ter o dom da profecia é o conhecimento pleno.<sup>209</sup>

Possuir a totalidade dos mistérios é conhecer em plenitude a Sabedoria, pois esta é o objeto da gnose, realidade misteriosa que se conhece pela Revelação.<sup>210</sup>

A sabedoria, na perspectiva semítica, é algo concreto. A resposta de Paulo aos gregos que lhe pedem sabedoria é a mais concreta possível: é o Cristo na plenitude da encarnação: Cristo crucificado, poder salvífico de Deus e sabedoria de Deus, como podemos ver em (Primeira Coríntios 1,23ss).

Nas epístolas do cativo (Cl, Ef), a atenção de Paulo se concentra no aspecto presente do mistério de Deus (Cl 2,2): mistério de Cristo (Cl 4,3; Ef 3,4) que realiza a salvação por meio de sua Igreja. Esse mistério estava oculto em Deus Cl 1,26; Ef 3,9; cf. 3,5); mas Deus acaba de manifestá-lo (Cl 1,26), de dá-lo a conhecer (Ef 1,9), de trazê-lo à luz (3,9), de revelar aos Apóstolos e aos

---

<sup>208</sup> Idem.

<sup>209</sup> NETTO, Francisco, B. S. *A teologia do mistério nos escritos paulinos*, dissertação de Licentia ad lauream em teologia, São Paulo, PUCC, 1967.

<sup>210</sup> Idem.

profetas, e a Paulo (3,4).<sup>211</sup>

O mistério constitui o objeto do Evangelho (3,6). É a última palavra do desígnio de Deus, formado desde há muito tempo para ser realizado na plenitude dos tempos: reconduzir tudo e todos em Jesus Cristo.(1,19)<sup>212</sup>

A apocalíptica perscrutava as maravilhas da criação; a revelação cristã patenteia-lhe o segredo mas íntimo: em Cristo, Primogênito, todas as coisas encontram sua consistência (Cl 1,15) e todas são reconciliadas (1,20).<sup>213</sup>

A apocalíptica percebia os caminhos de Deus na história humana; a revelação cristã apresenta o segredo mais íntimo: em Cristo, Primogênito de toda criatura, todas as coisas encontram consistência (1,20).<sup>214</sup>

A revelação cristã mostra os caminhos de Deus, convergindo para Cristo, que insere a salvação na história graças à sua Igreja.(Ef. 3,10) Desse mistério é que Paulo foi constituído ministro (3,7). Nele tudo adquire um sentido misterioso; é o caso da união do homem e da mulher, símbolo da união de Cristo e da Igreja (5,32).<sup>215</sup>

Uma progressão contínua conduz, assim, do mistério considerado pelos apocalípses judaicos ao mistério do Reino de Deus revelado por Jesus e, enfim, ao mistério de Cristo, revelado por Paulo.

---

<sup>211</sup> Léon-Dufouer, X. *Vocabulário de Teología Bíblica*, Editorial Herder, Barcelona, 1967.

<sup>212</sup> Idem.

<sup>213</sup> Idem. Ibidem.

<sup>214</sup> Idem.

<sup>215</sup> Idem. Ibidem.

Esse mistério nada tem em comum com os mistérios dos gregos e das religiões orientais, ainda que Paulo se utilize de alguns termos destes para falar do mistério cristão.<sup>216</sup>

Nos escritos paulinos, o mistério é de inspiração sapiencial e a temática da sabedoria está sempre a ele relacionado, sua relação com Deus, sua presença e transcendência com o próprio universo.

A identificação no Cristo com tudo o que é divino e com a sabedoria é uma das características da Cristologia paulina. A redenção salvífica do Cristo é prevista por Deus, a sua realização está para sempre assegurada (cf. Col. 1,18-20).

Cristo é, para Paulo, princípio e fim de todo o ser. O verbo faz-se presente a todo homem e estabelece com a humanidade inteira a plenitude pelo Dom de seu Espírito.<sup>217</sup>

Cristo - Sabedoria de Deus, o conteúdo do Mistério - no qual Deus habita em plenitude: nele estão compreendidos e cumpridos os seus desígnios divinos.

A síntese que nos é apresentada sobre esse termo é o que aparece na Primeira Carta aos Coríntios, onde está em conexão com o Mistério, a Sabedoria, a Revelação, a Gnose, a Proclamação da Palavra e a sua força vivificadora que vem do Dom da Profecia, pode provocar adesão e reunir o povo, através da evangelização.<sup>218</sup>

---

<sup>216</sup> Léon-Dufouer, X. Vocabulário de Teologia Bíblica, Editorial Herder, Barcelona, 1967

<sup>217</sup> NETTO, Francisco, B. S. *A teologia do mistério nos escritos paulinos*, dissertação de *Licentia ad lauream em teologia*, São Paulo, PUCC, 1967.

<sup>218</sup> NETTO, Francisco, B. S. *A teologia do mistério nos escritos paulinos*, dissertação de *Licentia ad lauream em teologia*, São Paulo, PUCC, 1967.

Para Paulo, a Igreja é Mistério, constitui com Jesus Cristo um só objeto dos desígnios divinos e sua realização plena na História.

A Igreja é comunhão plena entre Deus e o homem, realidade sensível na qual o mistério é proclamado e comunicado aos homens que assim o aceitem, transfigurando o cosmos.<sup>219</sup>

Portanto, em Paulo, o mistério é de inspiração sapiencial, seu contexto é vinculado à temática da sabedoria, na relação com Deus, sua presença e transcendência à criação e ao universo. Tendo a sabedoria dois pólos existenciais: o de desígnio de Deus e o de realização na História.

A identificação no Cristo com tudo o que é divino é nota característica da cristologia paulina e de sua missão no cosmos. E é nesse sentido, que a Igreja tem origem. (cf. I Cor 1,6-7.23-26 e Col 1, 26-28; 2,9-10).

O mistério, que em Paulo é o próprio Cristo, princípio e fim de todo o ser, faz-se presente a todo o homem estabelecendo comunhão com a humanidade inteira. Isso é mistério, revelado àqueles que têm coração simples e que talvez não são considerados sábios aos olhos deste mundo.

---

<sup>219</sup> Idem.

### 3.3. O Mistério em Mircea Eliade

Para Mircea Eliade,<sup>220</sup> o mistério apresenta-se com uma significação técnica que o vincula a uma instituição capaz de garantir a iniciação.

A ideologia dos mistérios possui duas origens: as iniciações arcaicas e as sociedades secretas e uma antiga religiosidade agrária mediterrânea.

Para o etnólogo Ad.E.Jensen<sup>221</sup>, foram registradas, duas variantes de um mito das origens, comuns às civilizações agrícolas. Para os Marindanim, da Nova Guiné, as divindades criadoras e os outros seres do tempo primordial chamam-se demas.

A primeira narrativa mítica é a da condenação à morte de uma divindade dema pelas outras demas. Essa divindade morta representa a passagem do tempo primordial ao tempo histórico, caracterizado pela morte, pela necessidade de se alimentar e procriar sexualmente. A divindade sacrificada é a primeira morte, e transforma-se em todas as plantas úteis e na lua.

Este culto é uma representação da condenação à morte do dema, comemorada pelo ritual de alimentos (mastigação).

Jensen compara outro mitologema com a cultura dos cereais, onde inclui o roubo dos cereais no céu e é relacionado a Prometeu.

---

<sup>220</sup> ELIADE, M. e COULIANO, Ioan P. *Dicionário das Religiões*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1993, pg. 205.

<sup>221</sup> ELIADE, M. e COULIANO, I., *Dicionário das Religiões*, Lisboa, Publ., D. Quixote, 1993.

Esses dois mitos surgem em áreas geográficas muito diferentes para explicar o aparecimento das plantas em tubérculos e o dos cereais.

Para Eliade, não existem mistérios entre iranianos, babilônicos ou egípcios. Trata-se de um fenômeno helênico.

Na Grécia, os mistérios mais típicos, no período clássico são os de Elêusis.

Eram a instituição de iniciação coletiva do Estado ateniense.

A iniciação correspondia ao objetivo supremo da ideologia dos mistérios, que era a homologação ritual do destino do neófito à vicissitude do deus.

Na época imperial, novas divindades, de origem oriental ou não, têm os seus mistérios: Dionísio, Ísis, Mithra, Sarápis, Sabázio, Júpiter Dolicheno e o Cavaleiro Dácio.

Estes mistérios garantiam uma iniciação secreta, sem se excluïrem reciprocamente. Um participante podia acumular todas as iniciações que o sexo, classe e meios financeiros fossem capazes de lhes proporcionar.

Algumas divindades têm atributos solares e os seus nomes comuns: Zeus, Júpiter, Hélio, Sol, indicando um sincretismo solar.

No século IV todas essas divindades (inclusive Cíbele) são identificadas com o Sol e são tidas como supremas.

As estruturas institucionais, que transformavam Dionísio em divindade dos mistérios, aparecem pelo fim do século I d.C. e, nesta época, é rico em símbolos escatológicos.

A esperança póstuma dos iniciados escatológicos é descrita pelo filósofo Plutarco de Querónia (ca. 45-125) e por inúmeras representações figuradas, onde as almas apresentavam um estado de alegria e embriaguez celestes.

Os mistérios do deus Mithra (nome iraniano), de conteúdo helenístico, são baseados nos segredos da astrologia. Os cultos aconteciam em templos mitrais, construídos, à imitação de uma gruta. A iniciação continha sete graus, sob a tutela dos sete planetas: Mercúrio - Korax (corvo); Vênus - nymphus; Marte - miles (soldado); Júpiter - leo (leão); Lua - Perses (Persa); Sol - Heliodromus; Saturno - Pater.

A escala de sete portas é atribuída aos mistérios de Mithra pelo filósofo pagão do século II, Celso, no seu Discurso Verdadeiro. Para Celso, a escala representava a passagem da alma através das esferas dos planetas.

Sabázio era um antigo deus trácio e frígio, padroeiro dos mistérios no século II d.C.. Para Clemente de Alexandria, a iniciação desses mistérios acontecia no contato da pessoa com uma serpente dourada, que era introduzida pelo peito e que saía por baixo.

Sarápis ou Serápis é um deus artificial (Osíris e Ápis), nasce em Mênfis e se desenvolve em Alexandria sob os Ptolomeus.

O principal serapeum é o de Alexandria, mas o deus é venerado em cidades gregas por sociedades de Sarapiastais.<sup>222</sup>

### *Conclusão*

Observamos neste capítulo que o termo mistério aparece nos ritos secretos praticados nos cultos gregos.

A religião judaica também utiliza o termo para expressar a revelação dos segredos do ser divino.

É nos escritos paulinos (Novo Testamento) que o cristianismo assume a conotação de sabedoria divina concretizada no plano salvífico por meio de Jesus Cristo.

É ainda no cristianismo, em particular em alguns padres da igreja, que o termo *sacramentum* assume novo significado. Sobretudo para se diferenciar dos mistérios gregos.

Assim, o mistério, para Eliade, aglutina uma característica particular - apresenta uma significação técnica que vincula-se a uma instituição que é capaz de garantir o processo iniciático numa sociedade.

Porém, não podemos deixar de mencionar a riqueza da reflexão de Rudolf Otto acerca do *Mysterium tremendum* que aponta ao numinoso como algo inefável, indefinido, inexplicável. Não é possível defini-lo em conceitos

---

<sup>222</sup> LIADE, M. e COULIANO, I., *Dicionário das Religiões*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1993, pg. 205.

racionais, delimitá-lo e, como F. W. Robertson<sup>223</sup> diz:

"ele habita as trevas espessas... Quando surge o dia claro, o divino evapora-se da alma como a flor da noite..."

O mistério, talvez, seja melhor compreendido/contemplado, na obscuridade do que na clareza. A beleza do mistério está naquilo que não diz claramente e assim, permite inúmeras possibilidades de suas manifestações, evidenciando a limitação humana, a saudade e o desejo do humano tornar-se divino.

"Não se vai a lugar nenhum, sem carregar a noite de mistério."  
(BELL, L.)

---

<sup>223</sup> Tem Sermons, III in OTTO, R. *O sagrado*, S. B. Campo, S. P., Imprensa Metodista, 1985, p.172.

## Aproximações:

# Batismo - Água, Mito e Mistério

"O ser da água cristalina  
- jorra consciência de uma gota  
que sabe o dia de ser mar...  
momentos de ser simples,  
jeitos de ser nada  
o um de ter tudo  
a nuvem,  
a chuva,  
a terra,  
o fogo,  
o ar."

Bené Fonteles

## *Introdução*

A conexão entre o elemento água e os conceitos - mito e mistério, objetos de estudo nesta dissertação, serão identificados e relacionados através do batismo enquanto prática ritual.

Por essa prática ritual, a água assume dimensões que ultrapassam o sentido de limpeza, banho, lavagem, e torna-se símbolo, imagem de outra realidade.

É no batismo do cristianismo primitivo, especialmente dos primeiros séculos da era cristã, que nos deteremos ao longo deste capítulo. É na religião cristã que o batismo ganha um espaço privilegiado na vinculação entre mito e mistério, como manifestação do sagrado ao ser humano, pelo *profano* elemento água.

É na literatura e na poesia que encontramos elementos que nos permitem conexões como uma rede, sinalizando a possibilidade do encontro entre a água enquanto mito e mistério.

### *4.1. Batismo e Água*

Batismo, termo do verbo grego *báptô*, *baptízô*, tem o significado de imergir, submergir.<sup>224</sup> No helenismo, esse termo sugere a idéia de arruinar-se e não o significado de dar

---

<sup>224</sup> SARTORE, Domenico e TRIACCA, A., tradução Isabel Fontes Leal Ferreira, *Dicionário de Liturgia*, São Paulo, Edições Paulinas, 1992.

banho, lavar-se.

Retomamos aqui nosso estudo realizado no primeiro capítulo desta dissertação. Abordaremos o elemento água, como arquétipo simbólico de existência, no qual encontramos em representações míticas e religiosas, a propriedade de lavar um certo tipo de impureza e de comunicar poderes divinos.<sup>225</sup>

A água está diretamente relacionada à vida, a todo ser vivo. Não há outro elemento que compreenda o ser vivo como o faz a água. Faz parte da existência da terra. A vida se desenvolve na água e por meio dela. É fator determinante em características físicas e biológicas. A experiência primordial do ser humano é realizada pela água.

A simbolização de um novo nascimento pela água aponta ao arqué-símbolo.

Não é possível referir-se ao nascimento espiritual, sem mencionar o fator água como fonte de vida.

Uma das razões da valorização das religiões ao elemento água está no fato de as águas existirem antes da Terra, conforme narrativa do Antigo Testamento, no Gênesis 1,1: (as trevas cobriam a superfície do abismo e o espírito de Deus pairava sobre as águas).

---

<sup>225</sup> SACRAMENTUM 10, Studia Anselmiana, 106, Alle Origini del battesimo cristiano, Roma, 1991. TRAGAN, Pius. Le origini del battesimo cristiano: problemi e prospettive, p. 9-42.

O simbolismo das águas implica morte e ressurreição, regeneração. A imersão traz um novo nascimento, fertiliza e amplia o potencial de vida.

O termo banho em tempos remotos não servia apenas à limpeza corporal, mas a limpeza simbolizava o estar livre da sujeira do pecado, do qual a água libertava.

O simbolismo da água tem caracterizado a ablução e os banhos religiosos como meios de purificação e de salvação.

Os banhos sagrados aparecem nas cerimônias sagradas das religiões do Egito, Babilônia, Pérsia e Índia. Em quase todas as culturas antigas eram realizadas as lavagens rituais de partes do corpo.<sup>226</sup>

Esses rituais de lavagem - banhos - estão presentes no Antigo Testamento, nos cultos misteriosos do mundo helenista, na Síria, na Palestina e em João Batista, no Novo Testamento.<sup>227</sup>

No Antigo Testamento e particularmente no Judaísmo, temos os banhos<sup>228</sup> e as abluções de purificação<sup>229</sup>, embora, no Judaísmo, as abluções apresentam-se como um rito legal e não tanto como purificação.

É no Novo Testamento que o verbo *baptízô* aparece no sentido cultural técnico, onde supõe-se que o batismo apresentava algo inusitado em relação aos outros ritos e

---

<sup>226</sup> BIEDERMANN, H. , *Dicionário Ilustrado de símbolos*, São Paulo, Comp. Melhoramentos, 1993, p. 52.

<sup>227</sup> SACRAMENTUM 10, *Studia Anselmiana*, 106, *Alle Origini del battesimo cristiano*, Roma, 1991. TRAGAN, Pius. *Le origini del battesimo cristiano: problemi e prospettive*, p. 9-42.

<sup>228</sup> Cf. II Reis 5,14.

<sup>229</sup> Cf. Judite 12,7.

costumes da época.

As religiões helenistas conheciam as abluções, mas o verbo *baptízein* aparece algumas vezes em contextos religiosos, nunca assume porém, sentido sacral técnico.<sup>230</sup>

A confissão dos pecados e a absolvição, no âmbito religioso, são considerados como banho de limpeza da alma. O martírio é considerado batismo de sangue.

No cristianismo primitivo os banhos públicos da cultura romana assumiram valor simbólico negativo, como lugar de profanação.

A psicologia profunda vê no simbólico do banho um retorno ao seio materno.<sup>231</sup>

O batismo, como rito de imersão, é um símbolo de purificação e de renovação<sup>232</sup>.

A imersão é reencontrada nas tradições de diversos povos associadas aos ritos de passagem, especialmente ao nascimento e à morte.<sup>233</sup>

---

<sup>230</sup> SARTORE, Domenico e TRIACCA, A., tradução Isabel Fontes Leal Ferreira, *Dicionário de Liturgia*, S. P., Ed. Paulinas, 1992.

<sup>231</sup> BIEDERMANN, H., *Dicionário Ilustrado de símbolos*, S. P., Comp. Melhoramentos, 1993, p. 52.

<sup>232</sup> CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*, R.J., José Olympio Editora, 1989, p.126.

<sup>233</sup> Idem.

Para os maia-quichés, o batismo está relacionado à história arquetípica dos Gêmeos, deuses do Milho.<sup>234</sup> Para esse povo, nas suas tradições funerárias, o morto é lavado ritualmente, assim como sua tumba é aspergida com água virgem. O morto é batizado, em preparação para a outra vida. Esse batismo é um gesto iniciático de regeneração.<sup>235</sup>

#### 4.1.1. Qumrán

Khirbet Qumran, sítio situado na margem noroeste do Mar Morto, onde foram encontrados manuscritos do Mar Morto.

Gustav Dalman, descreveu-o em 1914, como um lugar de mistério, no alto de um promontório que se projetava da face do penhasco em direção à costa e parecia uma fortaleza.<sup>236</sup>

Segundo estudiosos em fins do século I, Plínio, o Velho, em sua História Natural, havia de fato localizado um grupo de essênios na margem oriental do mar Morto, um algum ponto acima da cidade de En Guedi.<sup>237</sup>

Para Josefo, os essênios constituíam uma das três principais seitas (ou filosofias) dos judeus da Palestina do Segundo Templo, sendo as outras os fariseus e os saduceus. Eram mais ascéticos e mais esotéricos do que os fariseus e saduceus.

Uma das características desse grupo era sua vida comunal. Tinham grupos espalhados em todas as cidades dos judeus da

---

<sup>234</sup> Idem. Ibidem.

<sup>235</sup> Idem. Ibidem. Ibidem.

<sup>236</sup> GOLB, N., *Quem escreveu os manuscritos do mar morto*, R. J., Editora Imago, 1996.

<sup>237</sup> Idem.

Palestina, e formavam comunidades coesas e fechadas. Para participar do grupo precisavam passar por um período probatório de três anos. Após esse período eram aprovados e admitidos ao grupo e faziam voto de devoção e reclusão. Os membros doavam o seu dinheiro e posses, e cada um recebia uma parte do fundo comunitário. Os membros da seita oravam e comiam juntos, e submetiam-se à disciplina dos líderes eleitos.<sup>238</sup>

Os banhos eram praticados no sentido da conversão e de fidelidade a Deus. Era um rito penitencial. Apresentavam a intenção de salvação e eram práticas repetitivas, não eram administrados pelo ministro.

Eram expressão da perfeição dos eleitos (membros qualificados da comunidade).<sup>239</sup>

#### 4.1.2. Batismo de João

Desde a metade do segundo século antes de Cristo até mais ou menos 300 depois, existiu na Palestina e na Síria um movimento denominado: batista. Incluía grupos muito diferentes e reunia em si muitas concepções.

Deste movimento surge, João, filho do sacerdote Zacarias, e chamavam-no de Batista.

---

<sup>238</sup> Idem. Ibidem.

<sup>239</sup> SACRAMENTUM 10, Studia Anselmiana, 106, Alle Origini del battesimo cristiano, Roma, 1991. TRAGAN, Pius. Le origini del battesimo cristiano: problemi e prospettive.

O seu batismo apresenta, em relação aos banhos rituais de imersão dos judeus, e também ao dos essênios, algumas particularidades: é ato único; deve abranger todos os judeus, menos os prosélitos do paganismo; através do arrependimento (confissão dos pecados) escapar do juízo futuro; não é administrado por aquele que o recebe mas os homens se fazem batizar pelo Batista; seu sentido é escatológico, deseja criar um povo santo, para preparar o caminho do Messias, o libertador.<sup>240</sup>

A Bíblia de Jerusalém apresenta a diferença entre o batismo de João e os outros ritos de imersão: um objetivo não ritual, mas moral; não se repetia, o que trazia um caráter de iniciação; tinha caráter escatológico, introduzindo o batizado no grupo dos que professavam uma espera do Messias, e que constituíam a sua comunidade.

Pode-se comparar o batismo ao enterro simbólico, à iniciação através da pedra perfurada, da concavidade de uma árvore, de uma fenda da terra.<sup>241</sup>

#### 4.1.3. Batismo cristão

O batismo cristão se diferencia do batismo de João, conforme texto do Novo Testamento, onde Jesus diz:

---

<sup>240</sup> CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1989, p.126.

<sup>241</sup> Idem.

João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo dentro de poucos dias (Atos dos Apóstolos 1,5; // Lucas 24,29).

A comunidade cristã primitiva recebe a remissão dos pecados primeiro com a imersão na água. Encontramos na vida de Paulo sinais de uma evolução progressiva do batismo de João ao dom do Espírito (Atos dos Apóstolos 2,1-4).

Em Tertuliano, a água é apresentada como a primeira a ser a sede do Espírito divino (ver também Gênesis 1.1-2)

"A sede do Espírito Divino, que a preferiu então a todos os diversos elementos... Foi a água a primeira que produziu o que tem vida, a fim de que o nosso espanto cessasse quando ela gerasse um dia a vida no batismo... É para ela que se voltam as suas preferências, pois mostra, desde a origem, como matéria perfeita, fecunda e singela e totalmente transparente.<sup>242</sup>

Cirilo de Jerusalém no texto *Catequeses Pré-batismais*<sup>243</sup>, também comenta acerca da escolha do elemento água para simbolizar a graça. Apresenta uma série de relatos a partir das divinas Escrituras. O céu e a terra foram formados a partir das águas. Antes de tudo o Espírito de Deus pairava sobre as águas (Gênesis 1,2); O início do Evangelho foi no Jordão; (Cat 19,3) Israel se libertou através do mar.

<sup>242</sup> DE BAPTISMO III-V, in CHEVALIER, J. Dicionário de Símbolos, RJ, J.Olimpio Editora, 1989, p.18; DANIELOU, *Bible et Liturgie*, Paris, 1951, p. 58 e segs.

<sup>243</sup> BECKHÄUSER, Alberto (coordenador), Tradução de VIER, Frederico e FIGUEIREDO, Fernando, *Catequeses Pré-batismais de São Cirilo de Jerusalém*, Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 1978, p.38.

A libertação dos pecados vem ao mundo pelo batismo de água (Efésios 5,26). Onde há pacto, ali aparece a água. O pacto com Noé é realizado após o dilúvio (Gênesis 9,9). O batismo de João é final do Antigo e início do Novo Testamento (Mateus 11,11).

Paulo confere o batismo em nome de Jesus, não apenas como conversão, mas como uma realização: onde as pessoas são enxertadas na vida de Jesus Cristo. Paulo impõe-lhes as mãos e recebem assim o dom do Espírito, caracterizado pelo falar em línguas (Atos 19, 1-6).

O batismo na água é uma participação da salvação apresentada por Jesus e inserção nele, isto é, um batismo em seu nome.

Passou-se de um batismo que anunciava, o de João, para o batismo que insere a pessoa na vida de Cristo, que envia seu Espírito no dia de Pentecostes.<sup>244</sup>

O batismo na comunidade cristã primitiva era precedido de uma catequese batismal, o batismo supõe iniciação, preparação (Atos dos Apóstolos 16,31-32; 17,22-31; 19,2-5).

Uma análise mais detalhada dos ritos do batismo cristão faria ressaltar o rico simbolismo que direciona a passagem da morte para a vida.

---

<sup>244</sup> SARTORE, Domenico e TRIACCA, A., tradução Isabel Fontes Leal Ferreira, *Dicionário de Liturgia*, São Paulo, Edições Paulinas, 1992.

Em outro plano indica a morte e ressurreição de Jesus. Sua imersão na água simboliza o túmulo e sua saída, a ressurreição. O batismo liberta a alma do batizando da escravidão do pecado e do mal, introduzindo-o na comunidade dos cristãos, com a marca do Espírito Santo.<sup>245</sup>

Nesta exposição observamos a sincronia do elemento água ao ritual do banho, da lavagem, da purificação e finalmente ao batismo como expressão de passagem, de mudança, de conversão, de identificação com o divino, no caso dos cristãos.

Assim, a água como elemento catalisador e transformador, - que dissolve e une, fonte de vida, desintegra as formas, lava os pecados, meio de purificação e regenerescência, - encontra no rito do batismo uma forma privilegiada de manifestação e expressão da imagem simbólica.

## *4.2. Batismo e Mito*

### *4.2.1. Pensamento mítico e cristianismo*

O pensamento mítico e a prática ritual do batismo cristão, apresentam semelhanças e aproximações.

O próprio vocábulo *mithos*, para os teólogos cristãos no mundo greco-romano, significava fábula, ficção, mentira.

---

<sup>245</sup> SARTORE, Domenico e TRIACCA, A., tradução Isabel Fontes Leal Ferreira, *Dicionário de Liturgia*, São Paulo, Edições Paulinas, 1992.

Os teólogos rejeitavam a possibilidade de ver o cristianismo, religião alicerçada na figura de Jesus e no drama cristológico, como um mito.<sup>246</sup>

D. F. Strauss (1808-1874), diz que o cristianismo apropriou-se simplesmente da forma do mito, a fim de representar-se como real aquilo que só se poderia pensar como idéia. Para Strauss o cristianismo é entendido como história de idéias, que se articulam mitologicamente.<sup>247</sup>

Rudolf Bultmann (1884-1976), teólogo protestante, afirma que não se pode conhecer nada sobre a vida e a pessoa de Jesus, embora não duvide de sua existência histórica. Supõe-se que os evangelhos e os testemunhos primitivos estão permeados de elementos mitológicos (aludindo ao termo como aquilo que não pode existir).<sup>248</sup>

Segundo Bultmann, a palavra revelada (anúncio cristão) está imbuída desde suas origens de representações míticas, porque na época uma imagem mítica do mundo era parte dos pressupostos espirituais que possibilitaram ao pensamento cristão auto expressar-se.<sup>249</sup>

Mito, enquanto símbolo, construído com elementos da realidade..., para dizer o Incondicionado entendido no ato religioso, é para Paul Tillich (1886-1965) legítima possibilidade do cristianismo expressar-se, uma vez que a

---

<sup>246</sup> ELIADE, M. *myth and reality*, N.Y., Harper & Row, Publishers, 1963.

<sup>247</sup> EICHER, Peter (dirigido por), tradução de Rezende, João, *Dicionário de Conceitos Fundamentais de teologia*, São Paulo, Paulus, 1993.

<sup>248</sup> ELIADE, M. *Myth and reality*, N.Y., Harper & Row, Publishers, 1963.

<sup>249</sup> EICHER, Peter (dirigido por), trad. Rezende, João, *Dicionário de Conceitos Fundamentais de teologia*, São Paulo, Paulus, 1993.

linguagem mitológica da fé já é a linguagem de um mito partido, em que, mediante pensamento crítico, se supera a coisificação verbal.

Para Tillich, não existe nenhuma outra possibilidade de falar de Deus além de conceitos mitológicos. Evidencia o desejo de reconciliar, a categoria do pensamento mítico com a exigência da razão, através do quadro de uma teoria do símbolo.<sup>250</sup>

Símbolos, figuras, rituais de origem judaica e mediterrânea foram assimilados pelo cristianismo, desde o início e a presença de símbolos e elementos culturais solares ou de estrutura misteriosa, no cristianismo, levou a alguns pensadores como Arthur Drews (1909), Peter Jensen (1906) e P. L. Couchoud (1924), a rejeitar a historicidade de Jesus.<sup>251</sup>

Para Mircea Eliade, o cristianismo, tal qual foi compreendido e praticado em quase dois mil anos de história, não pode ser dissociado do pensamento mítico.<sup>252</sup>

Mito e religião sob determinada perspectiva funcionam como modelo de valor e ação, modelo que pretende dirigir o homem em todas as dimensões. Mito e religião, enquanto axiologia, compreendem um sistema de ordem, não como num discurso lógico, mas que, de acordo com regulamentação prévia, produz determinadas estruturas de relação.

Mito e religião, fundam sentido com certa impossibilidade

---

<sup>250</sup> TILLICH, P. *Systematische Theologie*, 1956, vol.1, p. 259.

<sup>251</sup> ELIADE, M. *Myth and reality*, N.Y., Harper & Row, Publishers, 1963.

<sup>252</sup> ELIADE, M. *Myth and reality*, N.Y., Harper & Row, Publishers, 1963.

de se comprovar, então, pode-se dizer que, é legítimo pensar em ambos os fenômenos numa relação de mútua coordenação.

#### 4.2.2. Mito e batismo

Torna-se compreensível relacionar mitos e lendas que fazem da água - matriz universal, espaço onde todas as virtualidades subsistem e prosperam todos os gérmenes, derivar o gênero humano ou uma raça particular.

Os Índios Karajá do Brasil ainda hoje relatam os tempos míticos de quando se encontravam ainda na água.

João de Toquemada, descreve o batismo dos recém-nascidos no México. Fórmulas de consagração da criança à deusa da água *Chalchihuitlycue Chalchihuitlatonac*, considerada sua verdadeira mãe.<sup>253</sup>

"...Toma esta água, porque a deusa *Chalchihuitlycue Chalchihuitlatonac* é tua mãe. Que este banho te lave dos pecados dos teus pais... Em seguida, tocando a boca, o peito e a cabeça com a água, acrescentava: Recebe, menino, a tua mãe *Chalchihuitlycue Chalchihuitlatonac*, a deusa da água.

A imersão simboliza a morte, no plano humano, e à catástrofe (dilúvio), no plano cósmico, que dissolve periodicamente o mundo no oceano primordial.

As abluções purificam do crime, da presença dos mortos, da loucura.

---

<sup>253</sup> NYBERG, *Kind un Erde*, p. 113 e ss., conf. ELIADE, M. *Tratado de história das religiões*, Lisboa, Edições Cosmos, 1970.

Precediam os atos religiosos, preparando o homem na economia do sagrado. Eram realizadas antes de se entrar nos templos e antes dos sacrifícios.

O ritual de imersão das estátuas das divindades, no mundo antigo, tem o mesmo significado.

O banho sagrado era praticado habitualmente no culto das grandes deusas da fecundidade e da agricultura. Este ritual era praticado no culto das divindades fenícias e cretenses, assim como em diversas tribos germânicas.<sup>254</sup>

O banho de Afrodite era conhecido em Pafos. (Odisséia, VIII, p. 363-366)

#### 4.2.3. Mito e batismo cristão

O batismo, simbolismo ecumênico da imersão na água como instrumento de purificação e de regeneração, foi assumido e enriquecido pelo cristianismo, desde suas origens.

João, o Batista, imerge as pessoas na água real, semi-aprisionada, símbolo de imperfeição. Jesus imergirá o mundo num vento sagrado e num fogo do alto, perfeitamente livres e exclusivamente simbólicos.

Para Marc Girard<sup>255</sup>, o batismo de Jesus não é o feito por João, mas o que ele experimenta na sua morte. Jesus emerge nas águas da morte, útero devorador.

Os discípulos de Jesus foram batizados no sopro (fogo do alto). Talvez os discípulos não receberam outro batismo

---

<sup>254</sup> PICARD, Ephése et Claros, p. 318.

<sup>255</sup> GIRARD, Marc, Os símbolos na Bíblia, São Paulo, Paulus, 1997, p.187.

cristão a não ser esse, de vento e fogo simbólicos.

O Novo Testamento ao falar do ritual do batismo, raramente menciona água, como forma real. Nas comunidades primitivas sim, a água material era imprescindível.

#### 4.2.4. Morte-renascimento e Batismo

Por imersão na água o homem velho morre e na água nasce um novo ser regenerado. Simbolismo expresso por João Crisóstomo, que escreve:

...Ele representa a morte e a sepultura, a vida e a ressurreição... Quando mergulhamos a cabeça na água como num sepulcro, o homem velho é mergulhado, desaparece por completo; quando saímos da água, o homem novo aparece simultaneamente... <sup>256</sup>

Toda a pré-história do batismo tinha em vista o mesmo objetivo, a morte e a ressurreição, embora em níveis diferentes do instaurado pelo cristianismo.

Tais símbolos são arquetípicos e universais; revelam a situação do homem no cosmos, valorizando ao mesmo tempo a sua posição perante a divindade (a realidade absoluta) e a história.

O simbolismo das águas é o produto da intuição do cosmos como unidade e do homem como um modo de existência que se realiza através da história.

Há uma valorização cristã das águas, com certos elementos novos ligados à História Sagrada.

---

<sup>256</sup> Homil. in John., xxv, 2; Santyves, Corpus.

Há primeiramente a valorização do batismo como descida ao abismo das águas para um duelo (prova) com o monstro marinho. Essa descida tem um modelo: o Cristo no Jordão (descida nas águas da morte).

Cirilo de Jerusalém escreve:

"O dragão Behemoth, segundo Job, estava nas águas e recebia o Jordão na sua garganta. Ora, como era preciso esmagar as cabeças do dragão, Jesus, tendo descido nas águas, atacou a fortaleza para que adquiramos o poder de caminhar sobre os escorpiões e serpentes"..<sup>257</sup>

Os monstros do abismo são encontrados em numerosas tradições, os heróis, os iniciados, descem ao fundo dos abismos para enfrentar os monstros marinhos, referência à prova iniciática.

Às vezes, os monstros estão em volta de um tesouro (imagem do sagrado, absoluto) e a vitória ritual (iniciática) equivale à conquista da imortalidade.

O batismo retoma o ritual iniciático da prova contra o monstro (morte e ressurreição simbólicas).

O judaísmo, de onde o cristianismo originou-se, era herdeiro de uma pré-história e de uma história religiosa impregnada desses símbolos.

---

<sup>257</sup> DANIELOU, J. *Bible et Liturgie*, Paris, 1951, p. 58.

#### 4.2.5. Simbolismo do Dilúvio e Batismo

Segundo Justino, Cristo é o novo Noé que saiu vitorioso das águas e tornou-se chefe de uma outra raça.

O dilúvio era, pois, imagem da descida às profundidades marinhas, tão bem como o batismo.

Assim como Noé havia afrontado o mar da Morte, onde a humanidade tinha sido aniquilada e de onde emergia, assim, aquele que se batiza desce na piscina batismal para enfrentar o dragão do mar num combate supremo, e sair vencedor.<sup>258</sup>

Os antropólogos enumeram em mais de cem as narrativas míticas consagradas ao dilúvio: o ocidente conhece apenas uma do Gênesis bíblico (capítulos 6 a 9).

Essa narrativa conhecida, embora não tenha a beleza de estilo do Jardim do Éden, tem o mesmo rigor lógico:

\* uma falta inicial (malícia do homem - Gênesis 6,5): reparada pela extinção de todos os seres vivos (Gênesis 7,23); vemos aí a prova principal dos contos e mitos;

\* um Doador anuncia a um homem (Noé) adjudante: a arca (Gênesis 6, 13 e 14), a prova qualificante;

\* finalmente o herói realiza a tarefa difícil - construiu um altar, um reconhecimento (Gênesis 8,20).

É um conto perfeito, com a particularidade de atribuir a prova decisiva à divindade.

---

<sup>258</sup> DANIELOU, J. *Sacramentum futuri*, Paris, 1950, p. 65.

A ação do destinatário principal é dupla: castiga a ruptura do contrato com a humanidade e recompensa a fidelidade de seu servidor salvando-o (arca - navio salvador: imagem utilizada pelo cristianismo para identificar a igreja).

A versão sacerdotal estabelece um novo contrato (arco-íris). O dilúvio (água mortífera) aponta para o herói Noé (salvo das águas). Na versão sacerdotal, a arca na nuvem escura traz a iluminação, descrita na maioria das narrativas iniciáticas.<sup>259</sup>

### *Significado da água no batismo*

Imersão na morte - A água simboliza a morte. Podemos verificar em alguns textos elucidativos do N.T.: morrer em Cristo (Romanos 6,8); ser batizado na morte (Rom. 6,3-4).

Libertação - Aparece o termo êxodo, saída do túmulo ou das águas da morte. O batismo liberta o homem da água aprisionante da morte; e pode também libertar a própria água, tanto no plano real como no simbólico.

Purificação moral - O próprio João Batista fala de um batismo de conversão dos pecados (Marcos 1,4; Lucas 3,3). Antes do batismo, o homem se encontra numa situação de morte. Ao emergir na água experimenta a profundidade dessa morte. Ao sair da água, ele se separa do pecado (Romanos 6,14).

---

<sup>259</sup> BRUNEL, Pierre, Dicionário de Mitos literários, R. J., J. Olympio Editora, p. 229.

Incorporação - O batismo integra a pessoa ao Cristo (Deus trino: Pai, Filho e Espírito Santo). Não integra numa sociedade que tem a mesma fé, mas integra ao próprio Cristo.

Aliança - A dimensão do compromisso aparece como resposta ativa ao dom de Deus.

Santificação e justificação - O batizando torna-se parte de um povo eleito, com exigências de comportamento ajustado.

O que constitui o essencial do batismo é a experiência absolutamente final das águas exclusivamente simbólicas.

O batismo na água real consiste essencialmente na antecipação dessa experiência final num rito iniciático.

Num primeiro momento: mergulhado (imersão) na água real, o candidato experimenta simbolicamente a própria morte, destino do seu estado de pecador.

Num segundo momento: emergindo (emersão) da água, ele experimenta simbolicamente a salvação eterna;

O simbolizante (processo ritual) quer reconstituir o além de si mesmo, isto é, o simbolizado (o mistério da vida depois da morte, implicando a supressão definitiva do mal).

O batismo deve ser entendido como um longo processo entre duas fases: a fase inicial (imersão-emersão iniciática na água real) e a fase final (imersão-emersão na água exclusivamente simbólica da morte). A fase inicial pode ser desencadeada sem água real.

Essa concepção pode ser entendida ao compreender que, para o homem religioso, o mundo manifesta uma modalidade do sagrado. Nunca a sacralidade, para o homem religioso, é

manifestação completa do Ser.

As revelações da sacralidade cósmica são revelações primordiais que tiveram lugar no mais longínquo passado da humanidade e as inovações trazidas pelo cristianismo são complementos.

Portanto, o batismo no cristianismo primitivo assume as características simbólicas que são patrimônio comum da humanidade, embuídos de elementos míticos.

Esses elementos míticos, na concepção cristã recebem novo valor, um novo sentido: são enriquecidos e plenificados pela *história sagrada* do povo de Israel, que vê na figura de Cristo, sentido e o significado de todas as coisas.

#### 4.3. *Batismo e Mistério*

O termo mistério, entendido como uma significação técnica que o vincula a uma instituição capaz de garantir a iniciação, segundo Eliade<sup>260</sup>, faz-nos apontar para o cristianismo.

O cristianismo é uma religião histórica, com raízes no judaísmo, outra religião histórica. Para melhor compreender as representações simbólicas do cristianismo é preciso recorrer às imagens e símbolos do judaísmo, através de suas figuras no Antigo Testamento.

---

<sup>260</sup> ELIADE, M. e COULIANO, I., *Dicionário das Religiões*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1993, p. 205.

O termo *Mysterium*, na concepção cristã, significa ações salvíficas, especialmente figuras, eventos e pessoas que aludem à futura realização ou cumprimento na figura de Jesus Cristo; indica as verdades da religião cristã que se referem à salvação em Cristo; além disso, indica os sacramentos, sinais da ação salvífica de Deus através de Jesus Cristo.<sup>261</sup>

#### 4.3.1. O batismo no cristianismo primitivo

Justino deixa algo em sua *Primeira Apologia*, sobre a Iniciação Cristã<sup>262</sup>:

os que se convenceram, e crêem nas verdades anunciadas, prometendo viver segundo esse modo de vida, são ensinados a rezar e a implorar de Deus, em meio a jejuns, a remissão de seus pecados (61,2).

Assinalam-se duas etapas: durante a primeira, instruíam-se aquele que desejava converter-se, ensinando-o a viver de maneira cristã; em seguida, quando conhecia a fé e demonstrara ser capaz de viver como cristão, admitiam-no a uma preparação imediata de caráter litúrgico.

O conteúdo destas duas etapas nos é acessível através dos documentos da época (Didaqué, Espístola de Barnabé). A catequese dogmática era outra ao tratar-se de pagãos e outra ao tratar-se de judeus.

A catequese está resumida em antigas fórmulas, que se

<sup>261</sup> SARTORE, D. e TRIACCA, A. (organizadores), *Dicionário de Liturgia*, São Paulo, Edições Paulinas, 1992, p. 758.

<sup>262</sup> DANIELOU, J. *Nueva Historia de la Iglesia*, vol. 1, *Desde los origenes a San Gregorio Magno*.

encontram em São Paulo e nos antigos autores eclesiásticos, e que são as primeiras formas do símbolo.

O Símbolo dos Apóstolos é o desdobramento do símbolo romano do segundo século. Passa esse a ser assim o eco da tradição oral da fé, paralela aos Evangelhos escritos.

A instrução não se resumia numa apresentação dos mistérios de Cristo; mostrava neles a realização das profecias do Antigo Testamento. Eis precisamente o objetivo da Epístola de Barnabé.

Na Didaqué e na Epístola de Barnabé, verifica-se uma catequese moral. Figuram: os mandamentos do amor de Deus e do próximo (Deuteronômio 6,5 e Levítico 19.18); depois a exposição dos dois caminhos e afinal as prescrições, comportando as últimas em particular as leis formuladas pelo concílio de Jerusalém. O conjunto provém do judaísmo.

A catequese dos dois caminhos apresenta traços semelhantes com a Regra dos essênios que viviam em Qumrân.

O batismo se realiza por imersão, como atestam a Didaqué (7,1,3) e o Pastor de Hermas. Normalmente tem lugar em água provinda da fonte. Comporta uma tríplice imersão, ligada à invocação da trindade. Opera ao mesmo tempo a remissão dos pecados e o dom do Espírito.

O último aspecto vem sublinhado por numerosas alusões à água viva. A água viva designa a água que transmite vida. Seu simbolismo parece dependente de Ezequiel 47, 1-3, ao qual se referem João 7,18. É provável derivar daí o símbolo batismal do peixe.

O batismo deve ter-se feito acompanhar de ritos auxiliares. Em primeiro lugar a unção do óleo consagrado. O uso está atestado por Teófilo de Antioquia.

O texto da Didaqué refere, após a eucaristia, uma oração para a consagração do óleo (10,7).

Na liturgia valentiniana, a unção, que segue o batismo, é o sinal do dom do Espírito.

Na Tradição Apostólica, a unção acompanha o batismo e forma apenas um sacramento com ele (Cristo), batizado no Jordão.

A unção está ligada à consignação com o sinal da cruz, a *sphragis*. O sinal encontra-se relacionado com a unção batismal. O rito é tão importante que em Hermas basta para designar o batismo.

O sinal da cruz designa originariamente o *tav* hebraico, símbolo do nome de Deus, sobre o qual o Apocalipse 7, 2, retomando Ezequiel 9,4, escreve dizendo que os eleitos o trazem como marca na sua frente. O Documento de Damasco parece supor que os essênios eram assim assinalados (19,12). As inscrições judeu-cristãs da Palestina o representam.

A veste branca, ligada ao simbolismo do despir e do revestir, mencionado no batismo, é encontrado em Paulo e tem origem judaica. As Odes de Salomão mencionam-na freqüentemente. O Testamento de Levi fala de revestir. Os escritos pseudo-clementinos chamam o batismo de vestimento. Hermas se refere à veste branca num contexto batismal.

Entrega-se uma coroa de folhagem, conforme o costume atual na Síria. O uso está atestado em Hermas, nas Odes (1,1-2), na Ascensão de Isaías (7,22), no Testamento de Levi (8,2,9), tem origem judaica, relacionado com a festa dos tabernáculos.

O rito da coroação parece vir principalmente do judeu-cristianismo oriental ou de comunidades que lhe estão próximas, como a de Hermas em Roma.

O mesmo se dá com outro rito, o da bebida da água batismal. Hanssens encontrou o uso de um copo de água pura, acompanhando a comunhão eucarística dos neófitos, na Igreja síria antiga. Tal rito faz ainda parte dos usos batismais mandeus, dos quais Segelberg fixa as origens para a mesma época. Lembra ele que o rito é puramente batismal. A partir disso podemos pensar que as numerosas alusões no Novo Testamento e na literatura judeu-cristã a uma bebida de água viva se prendam a um uso ritual. Seria o caso particular para João 4,14, Odes de Salomão, 6,10.

Parece afinal certo que o batismo era seguido por um hausto de leite e de mel: que talvez fosse sugerido por (I Pedro 2,2; Barnabé 6,8-17; Odes 4,10).

O conjunto dos ritos batismais era seguido, ao que parece, por uma catequese pós-batismal, que é o ponto de partida para as catequese mistagógicas<sup>263</sup> do IV século.

O batismo era ministrado de preferência na noite pascal. Tal catequese assumia a forma da homilia pascal. Ou mais exatamente, ela substituía a haggadá sobre a libertação do povo judeu no tempo do Êxodo.

A homilia era seguida de uma ceia, que substituía a ceia pascal judaica. A celebração da Eucaristia marcava o fecho da vigília batismal.

#### 4.3.2. O Batismo na Didaqué<sup>264</sup>

No que diz respeito ao batismo, batizai em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo em água corrente.

Se não tens água corrente, batiza em outra água; se não puderes em água fria, faze-o em água quente.

Na falta de uma e outra, derrama três vezes água sobre a cabeça em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Mas, antes do batismo, o que batiza e o que é batizado, e se outros puderem, observem um jejum; ao que é batizado, deverás impor um jejum de um ou dois dias.

---

<sup>263</sup> Mistagogia - literalmente, iniciação aos mistérios. Usado pelos Padres da Igreja, a catequese mistagógica era o ensinamento dados aos neófitos na semana após a sua iniciação. O objeto da catequese era os mistérios (sacramentos) que tinham acabado de ser celebrados e que só agora eram explicados e comentados aos novos cristãos. Explica-se com o segredo que, envolvia o *mistério, rito iniciático*, que não podia ser revelado nem explicado a quem não estivesse ainda iniciado. (cf. SANTANTONI, A., trad. Jaime Clasen, *Renascidos da água*, Petrópolis, Editora Vozes, 1994,

<sup>264</sup> Hipólito de Roma (+235) escritor de língua grega e sacerdote em Roma no século III. Nas questões relativas a penitência e disciplina teve conflito com o papa Calixto (217-22). Foi eleito anti-papa no pontificado de Urbano e Ponciano. Hipólito se reconciliou com a Igreja e morreu em 235, foi enterrado junto com Ponciano. (ALTANER, B. trad. Eusebio Cuevas y Ursino Domínguez, *Hipólito de Roma*, Madrid, Calpe S.A., 1945) e ZILLES, U. *Didaqué ou Doutrina dos Apóstolos*, Editora Vozes Ltda, Petrópolis, RJ, 1971.

### 4.3.3. O batismo em Hipólito de Roma <sup>265</sup>

Passaremos a enumerar alguns itens a respeito do batismo segundo Hipólito:

\* A utilização da água.

... Deve ser água corrente, na fonte, ou derramando-se do alto; assim deve ser exceto, porém, em caso de necessidade: se esta persistir, ou for premente, use-se a água que se encontrar.

\* Quanto às vestes.

... Os batizados despirão suas roupas. ...E, assim, entregue-o nu ao bispo, ou ao presbítero que se mantém junto d'água e batiza. ... Depois, um por um, enxuguem-se, vistam-se e entrem na igreja.

"Estes trajados com vestes brancas, quem são? De onde vieram? Respondi-lhe: - Meu Senhor, tu o sabes! Ele me disse: - Eles vêm da grande tribulação, lavaram suas vestes e as alvejaram no sangue do cordeiro." Apocalipse 7,13-14

\* Quanto à ordem dos batizados.

...Todos os que puderem falar por si mesmos, falem. ...Os pais, ou alguém da família, falem, porém, pelos que não podem falar por si. Batizem-se depois os homens e finalmente as mulheres, que terão soltos os cabelos e tirado os enfeites de ouro e prata que sobre si levarem: ninguém usará qualquer objeto estranho ao descer na água.

\* Quanto à unção.

...No momento previsto do Batismo, o bispo, dará graças sobre o

---

<sup>265</sup> A tradição apostólica de Hipólito de Roma - liturgia e catequese em Roma no séc. iii - Trad. da versão latina e notas por Maria da Glória Novak, Editora Vozes, Petrópolis, 1971, pg. 51

óleo, que chamará óleo de ação de graças. E tomará outro óleo, que exorcizará: óleo de exorcismo. O diácono trará o óleo de exorcismo e colocar-se-á à esquerda do presbítero; outro diácono pegará o óleo de ação de graças, colocando-se à direita do presbítero. ... Depois de subir da água, seja ungido com o óleo santificado, pelo presbítero, que diz: Unjo-te com óleo santo, em nome de Jesus Cristo.

"...enquanto estavam à mesa, veio uma mulher com um frasco de alabastro que continha um óleo perfumado, puro e caro, ela quebrou o frasco e derramou em sua cabeça." (Mateus 14,3)

\* Quanto a renúncia:

... Acolhendo este cada um dos que recebem o batismo, ordene-lhe renunciar, dizendo: Renuncio a Satanás, ao teu serviço e as tuas obras.

\* Quanto ao compromisso:

...Desça também com ele o diácono, desta forma: Assim que desce à água o que é batizado, diga-lhe o que batiza, impondo sobre ele a mão: Crês em Deus Pai todo Poderoso? E o que é batizado, responda: Creio. Imediatamente, com a mão pousada sobre a sua cabeça, batize-o aquele uma vez. E diga, a seguir: Crês em Jesus Cristo, Filho de Deus, que nasceu do Espírito Santo e da Virgem Maria, e foi crucificado sob Poncio Pilatos e morreu no terceiro dia, e subiu aos céus e sentou-se à direita do Pai e há de vir julgar os vivos e os mortos? Quando responder: Creio, será batizado pela segunda vez. E diga novamente: Crês no Espírito Santo, na Santa Igreja e na ressurreição da carne? Creio (resposta). E seja batizado pela terceira vez.

#### 4.3.4. O batismo em Tertuliano

Para Tertuliano, o batismo da água continuava sendo o de

João Batista e concedia apenas a remissão dos pecados.

*De Baptismo*<sup>266</sup>, um dos escritos dogmático-polêmicos do tempo em que Tertuliano era católico, isto é, foi escrito entre os anos 200-205. É a primeira monografia sobre o batismo cristão que conhecemos.

---

266 GOMES, C.F. Antologia dos Santos Padres, Edições Paulinas, 1979, SP. Vamos tratar de nosso sacramento da água, que lava os delitos contraídos ao tempo da cegueira original e liberta para a vida eterna. Isto não será inútil para a instrução dos que ainda estão sendo formados, e até mesmo dos que já crêem, mas ainda não puderam aprofundar as raízes dos bens recebidos, estando, pela ignorância, sujeitos às tentações da fé. Surgiu há pouco entre nós uma vibora das mais venenosas, da seita dos Cainitas, gnósticos extremados, que em sua oposição ao Antigo Testamento, pretendiam reabilitar personagens tais como Caim e outros. Em Cartago, seu principal representante era Quintila, mulher, ao que parece, de grande atividade proselitista. Na água nascemos e nos salvamos permanecendo nela. Assim, essa terrível mulher, que normalmente nem teria direito a ensinar, encontrou o meio excelente para matar os pequenos peixes (cristãos): fazê-los abandonar a água. Realmente, como é grande a virulência da heresia, quando quer minar os fundamentos da fé, arruiná-la, impedir que receba nossa adesão! Sobre o Batismo: Tudo se passa com a maior simplicidade, sem encenação, sem aparato, sem luxo: o homem desce à água e mergulha, ao mesmo tempo que se pronunciam algumas palavras. Ele irá sair um pouco mais limpo exteriormente, ou até nem isso. E então parecerá incrível que possa ter alcançado a eternidade! Pois, que dúvida? - é na aparência exterior, na ostentação e no luxo que as solenidades dos ídolos baseiam sua autoridade e a exigência de sua fé. Ó miserável incredulidade, que recusas a Deus o que lhe é próprio: a simplicidade, o poder! Pois não é admirável que um banho possa dissolver a morte? Mas acaso por ser admirável há de perder seu crédito? Ao contrário, aí está mais uma razão de credibilidade! Então não convém que as obras de Deus sejam estupendas e causem admiração? Também nós nos admiramos delas. Mas cremos nelas! Ao contrário dos incrédulos, que se admiram porque não tem fé: admiram-se por estimarem vazio o que é simples, impossível o que é grande. Mas que seja exatamente a estultícia que julgas; em dois pontos a palavra de Deus te deu, antecipadamente, o desmentido de tuas conclusões: o que é estulto para o mundo, Deus escolheu para confundir os sábios. Ele, sábio e poderoso, mesmo os que o desconhecem não contestariam isto - tomou para material de sua obra o contrário da sabedoria e do poder, tomou o estulto e o impossível, fazendo sobressair a força naquilo que a desafia. Não é na água que recebemos o Espírito Santo. Mas ali purificados, somos preparados, pelo ministério do Anjo, para receber o Espírito. Mais uma vez acontece que a figura precede a realidade: assim como João foi o precursor do Senhor, preparando seus caminhos, também o Anjo que preside ao batismo prepara a vinda do Espírito Santo, apagando os pecados mediante a invocação da fé, sigilada no Pai, no Filho e no Espírito Santo. Se cada palavra de Deus se apóia sobre três testemunhas, quanto mais não ocorre isso com Seu dom! Por força da bênção batismal, temos como testemunhas da Fé os mesmos três que lhe conferem a promessa da salvação. O próprio número dos nomes divinos bastaria para fundar a esperança de nossa fé. Mas o testemunho da fé e a promessa da salvação incluem ainda a menção da Igreja, porque onde estão os Três, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, também aí está a Igreja, Corpo dos Três. Vós, pois, benditos, esperados pela graça de Deus, vós que saís do santíssimo banho do novo nascimento, e pela primeira vez estendeis as mãos juntamente com os irmãos e diante de vossa mãe (a Igreja), pedi ao Senhor, como dom especial de sua graça, a abundância dos carismas.

Tertuliano, *De Baptismo* REIFFERSCHIEDD, A. WISSOWA, G. *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum*, Vol XX, Paris, MDCCCLXXX pp 200-218 e *Corpus Christianorum*, série Latina I, Tertulliani opera, Paris, Typographi Brepols Editores Pontifici, MCMLIV

Tertuliano escreveu esse livro como resposta à heresia dos cainitas. Os cainitas ocupam lugar entre as seitas gnósticas do século II. Tinham este nome porque quiseram reabilitar certas figuras abomináveis no AT, como Caim. Tertuliano informa-nos que rejeitavam o batismo ou, pelo menos, o uso da água no batismo. Este grupo exercia grande influência entre os cristãos menos instruídos.

Pode-se dividir tal obra em três partes:

Do capítulo I ao IX - um louvor ao batismo.

Nos capítulos X ao XVI - questões doutrinárias sobre o batismo de João e de Cristo.

Do capítulo XVII ao XX - A questão do ritual do batismo.

Tertuliano insiste em dois aspectos importantes do batismo: *a regeneração e a libertação.*

No primeiro capítulo mostra que *...o batismo é tão necessário para o cristão como a água para o peixe.*

O batismo para Tertuliano significa libertação, porque o homem deixa o demônio, afogado na água. O batizado, porém, ainda permanece sujeito às tentações.

Como renascimento e libertação, o batismo é a única via de acesso à salvação (De Baptismo 13,3). Isso explica a indignação de Tertuliano frente aos que rejeitam o batismo.

No capítulo V, Tertuliano fala que os pagãos atribuem a seus ídolos um poder análogo. E que enganam-se com simples água em seus rituais, onde por um banho são iniciados em certos mistérios como os de Ísis ou mesmo de um Mitras (no Egito). Desde os jogos de Apolo e de Eleusa se fazem batizar

em massa e pensam obter a regeneração (nas religiões dos mistérios dos séculos II e III, encontramos mais vezes a idéia da regeneração e imortalidade) e o perdão de seus juramentos falsos.

Reconhece que se para os pagãos a água tem a propriedade de atrair os espíritos e encanta o ídolo, quanto mais poder terá pela autoridade divina da qual foi constituída sua natureza? Se pensam que o culto torna a água capaz de salvar, qual o culto superior àquele que confessa o Deus vivo?

Desde o início do cristianismo, o batismo é o sacramento da fé. Fé e batismo permanecem unidos, inseparáveis.

O costume de batizar em si não é genuinamente cristão. Encontramos ritos análogos nas religiões dos mistérios, no próprio mundo helênico, o batismo dos prosélitos judeus, os batismos da comunidade dos essênios e o batismo de João.

*O batismo cristão está ligado à profissão de fé em Jesus Cristo, aqui encontra-se a diferença dos outros batismos.*

Os ritos batismais também são interpretados como purificação da culpa, como renascimento e como rito de transição.

O batismo cristão é irrepitível, realiza-se uma só vez. Ninguém se batiza a si mesmo, mas é batizado. O batismo cristão constitui comunidade em nome de Cristo. É o primeiro sacramento da iniciação cristã.

#### 4.3.5. O batismo em Justino de Roma<sup>267</sup>

Justino argumenta que o batismo é precedido de uma preparação.

... são instruídos em primeiro lugar para que com jejum orem e peçam perdão a Deus por seus pecados anteriormente cometidos, e nós oramos e jejuamos juntamente com eles.<sup>268</sup>

Menciona que o batismo é realizado com água e é em nome de Jesus Cristo que batizam-se.

...Depois os conduzimos a um lugar onde haja água e pelo mesmo banho de regeneração com que também nós fomos regenerados eles são regenerados, pois então tomam na água o banho em nome de Deus, Pai soberano do universo, e de nosso Salvador Jesus Cristo e do Espírito Santo. E assim que Cristo disse: Se não nascerdes de novo, não entrareis no Reino dos Céus.

... pronuncia-se na água, sobre aquele que decidiu regenerar-se e se arrepende de seus pecados, o nome de Deus, Pai e soberano do universo; e aquele que conduz ao banho pronuncia este único nome sobre aquele que vai ser lavado.<sup>269</sup>

Relembra o Antigo Testamento no sentido da purificação dos pecados.

... Também o profeta Isaías, disse: Lavai-vos, purificai-vos, tirai as maldades de vossas almas e aprendei a fazer o bem, julgai o órfão e fazei justiça à viúva; então vinde e conversemos, diz o Senhor. Se vossos pecados forem como a púrpura, eu os tornarei brancos como a lã; se forem como o

---

<sup>267</sup> FRANGIOTTI, Roque; trad. Ivo Storniolo, Euclides M. Balancini. Justino de Roma, O batismo: iluminação e regeneração, SP, Paulus, 1995, pg.76.

<sup>268</sup> Idem.

<sup>269</sup> Idem, Ibidem.

escarlate, eu os alvejarei como a neve.<sup>270</sup>

Entende o batismo como iluminação.

...Esse banho chama-se iluminação, para dar a entender que são iluminados os que aprendem estas coisas. O iluminado se lava em nome de Jesus Cristo, que foi crucificado sob Pôncio Pilatos, e no nome do Espírito Santo, que, por meio dos profetas, nos anunciou tudo o que se refere a Jesus.<sup>271</sup>

#### 4.4. *Aproximações poéticas e literárias*

Nosso trajeto de resgate à beleza e à dignidade do mito e sua conexão com o mistério, através da água no ritual do batismo, não estaria completo sem recorrermos à literatura e à poesia que, conseguem entrelaçar como numa teia, os espaços vazios deixados nessa dissertação.

Os espaços vazios são necessários, pois falam da nossa limitação e pequenez e ao mesmo tempo em que apontam para a riqueza da obscuridade e da possibilidade de novas descobertas.

Citamos Gregório, bispo de Nazianzo, cidade da Capadócia, que sintetiza de forma poética neste texto, o significado do batismo no cristianismo primitivo, enquanto mistério.

O Batismo é o mais belo e o  
mais magnífico Dom de Deus. (...)  
Chamamo-lo de Dom, graça, iluminação,  
veste de incorruptibilidade,  
banho de regeneração,  
selo, e tudo o que existe de mais precioso.

---

<sup>270</sup> FRANGIOTTI, Roque; trad. Ivo Storniolo, Euclides M. Balancini. Justino de Roma, O batismo: iluminação e regeneração, SP, Paulus, 1995, pg.76.

<sup>271</sup> Idem. Ibidem.

Dom, porque é conferido àqueles que nada trazem;  
 Graça, porque é dado até a culpados;  
 Batismo, porque o pecado é sepultado na água;  
 Unção, porque é sagrado e régio (tais são os ungidos);  
 Iluminação, porque é luz resplandecente;  
 Vestes, porque cobre a nossa vergonha;  
 Banho, porque lava;  
 Selo, porque nos guarda e  
 é o sinal do senhorio de Deus.<sup>272</sup>

É em ROBERTSON, F. W., no livro de Rudolf Otto, *O sagrado*, onde se faz referência ao mistério e que certamente podemos dizer acerca do mito:

"A obscuridade é própria do mistério,  
 mais do que a luminosidade.  
 Habita as trevas espessas.  
 Quando surge o dia claro,  
 o divino evapora-se da alma como a flor da noite.  
 E a cada manhã, a cortina de luz se aproxima de nós  
 e perdemos o infinito.  
 Olhamos para a terra, para baixo,  
 em vez de olharmos para o céu, para cima;  
 deixamos de lado o telescópio, usamos o microscópio;  
 a imensidão é substituída pela pequenez.  
 Ao conhecermos um nome,  
 imaginamos que sabemos mais do que antes;  
 na realidade, nossa ignorância  
 é tão grande quanto antes, ou ainda maior:  
 antes, sentíamos que havia algo  
 que nos escapava e então a buscávamos e a explorávamos;  
 agora pensamos possuí-la porque encontramos  
 o nome sob o qual ela é conhecida;  
 isto acoberta o abismo de nossa ignorância."<sup>273</sup>

Auxiliados ainda pela literatura citamos outros dois textos: *O conto do Afogado*<sup>274</sup>, (Apêndice 1) de Gabriel Garcia Marques e a *Terceira Margem do rio*<sup>275</sup> (Apêndice 2) de

<sup>272</sup> Or. 40, 3-4: PG 36,361C.

<sup>273</sup> ROBERTSON, F. W. *Tem Sermons*, III: "A luta de Jacó". 2º. ponto: "A revelação do mistério" conf. OTTO, R. *O Sagrado*. Trad. Prócoro Velasques Filho, São Bernardo do Campo, SP, Imprensa Metodista, 1985, p. 171.

<sup>274</sup> Conto de Gabriel G. Marques, adaptado por ALVES, R. conf. *O poeta, o guerreiro e o profeta*, Petrópolis, Editora Vozes, 1992.

<sup>275</sup> ROSA, J. G. *Primeiras Estórias*, Editora Nova Fronteira, 22ª. Edição, Rio de Janeiro, 1988, pp. 32-37.

Guimarães Rosa, que para nós expressam a riqueza e a beleza do mistério e do mito.

No conto do Afogado, nos deparamos com a *chegada* do "desconhecido", do mistério que *vem do mar* que traz o novo, a surpresa, o espanto e a transformação: e "a aldeia nunca foi a mesma".

Na terceira margem do Rio, de Guimarães Rosa, o homem é "conhecido", porém, *vai para o mar*, torna-se "desconhecido". Novamente nos deparamos com a presença do mistério, do não-explicável e isso traz um desconforto, um questionamento e com certeza, "o lugarejo nunca foi o mesmo".

O mistério presente em ambos os textos apontam para o incompreensível, o inexplicável. Entendê-lo de forma racional, talvez nada acrescente. Porém, o que importa, é o que ele causa na sensibilidade humana. "E os lugares nunca serão os mesmos."

Os dois contos acontecem na presença do mar.

Nos dois contos aparecem os movimentos (*vem do mar*) e (*vai para o mar*).

E nesse movimento - ir e vir -, lembramo-nos da onda e do mar.

E com a poesia: Mar Absoluto<sup>276</sup> (Apêndice 3), de Cecília Meireles, que nos auxilia na contemplação da beleza diante do *fascinans*, do numinoso, que finalizamos nossa reflexão, voltando nossos olhos para o mar, para a água das possibilidades, do novo e do desconhecido na busca de transformações.

---

<sup>276</sup> MEIRELES, C. *Flor de Poemas*, Coleção Poiesis, Editora Nova Fronteira, 12ª. impressão, RJ., 1983, pp.103 a 105.

## Conclusão

No percurso desta dissertação estivemos atentos em estabelecer as aproximações existentes entre o elemento *água* e os conceitos *mito* e *mistério*, tomando como objeto de estudo o rito do batismo realizado no cristianismo primitivo.

Iniciamos com uma elucidação acerca do elemento *água* - suas características gerais e seu significado simbólico - recorrendo ao historiador de religiões Mircea Eliade. Procedemos de igual modo, em relação ao *mito*.

Abordamos o conceito de *mistério* numa perspectiva geral e particular, precisamente no que diz respeito à concepção cristã.

Recorremos ao rito do batismo primitivo segundo a tradição dos Padres da Igreja, cuja concepção encontra-se intrinsecamente relacionada e associada ao pensamento mítico e ao *mistério*, através do elemento *água*.

Ao longo de nosso estudo, ficou evidente a presença marcante do elemento *água* nas diversas culturas, como fonte

de vida e morte, de purificação, de integração, e desintegração, origem de tudo e para onde tudo retorna, onde se dá a relação existente entre mito e mistério, no ritual do batismo.

A marca da concepção mítica no cristianismo ficou expressa em nossa dissertação ao encontrar no ritual do batismo o sentido de purificação, de regeneração, um ritual iniciático (rito de passagem), de pertença à um grupo, o significado de voltar às origens, própria dos rituais míticos (cosmogonia) e retorno aos tempos primordiais, onde tudo é belo e bom. Elementos estes recolhidos das inúmeras expressões culturais de outros povos. O simbolismo do dilúvio, referência alusiva ao batismo conforme os santos padres da igreja, como purificação do pecado e a busca de uma vida nova, dizem-nos dessa marcante interligação mítica presente no cristianismo.

O batismo é dom, presente, graça e é oferecido àqueles que nada trazem, nesse sentido, percebemos a presença do mistério, do transcendente, dos fascinans, do tremendum que faz tremer, incompreensível a limitada sabedoria humana.

No estudo realizado não é possível desconsiderar a influência das religiões dos mistérios (pagãos) no ritual do batismo, uma vez que foi necessário um esforço apologético nos santos padres e a criação de um novo termo (sacramentum), para substituir o *mysterium* (referente ao batismo), diferenciando-o assim dos mistérios pagãos, tal era a ligação existente.

Foi na literatura e na poesia onde observamos a conexão da água, mito e mistério e para isso recorreremos aos poetas: Gabriel G. Marques, Guimarães Rosa e Cecília Meirelles para nos auxiliar em dizer o que talvez, não conseguimos expressar, certos de que a luminosidade e a clareza não combinam com esses conceitos, são de outra natureza, diferenciam-se do racional. Esses conceitos, identificam-se com a água na sua beleza e simplicidade e que nos trazem a presença do mistério *tremendum, que nos faz tremer.*

Mircea Eliade comenta acerca do pensamento simbólico o que certamente podemos referir ao pensamento mítico e à concepção de mistério:

"... que este pensamento não é domínio exclusivo dos desequilibrados, das crianças, dos poetas, mas, inerente ao ser humano, uma vez que antecede a linguagem e a razão discursiva. Revela dados da realidade, talvez, os mais profundos que desafiam qualquer outro meio de conhecimento."

E como diz Santo Agostinho:

"Si nemo a me quaerat, scio, si quaerenti  
Explicare velim, nescio." (Conf.XI, 14)<sup>277</sup>

É nosso desejo que esta reflexão continue possibilitando abertura para uma constante aproximação entre a concepção mítica e o pensamento cristão, no sentido de intensificar o diálogo entre essas duas facetas presentes num mesmo sujeito.

---

<sup>277</sup> "Se ninguém me pergunta, sei; se ao me perguntarem, quiser explicar, não sei."

## Apêndice 1

### O Afogado

- Conto de Gabriel Garcia Marques - adaptado por Rubem Alves.

"É sobre uma vila, uma vila de pescadores, perdida em um nenhum lugar/todo lugar, o enfado misturado com o ar, cada novo dia já nascendo velho, igual a todos os outros, as mesmas palavras vazias, os mesmos gestos vazios, as mesmas faces vazias, os mesmos corpos vazios, a excitação do amor sendo algo de que ninguém mais se lembrava...

Aconteceu que, num dia como todos os outros, um menino viu uma forma estranha flutuando longe no mar. E ele gritou. Todos correram. Num lugar como aquele, até uma forma estranha é motivo de festa. E ali ficaram, na praia, olhando, esperando. Até que o mar, sem pressa, trouxe a coisa e a colocou na areia, para o desapontamento de todos.

Um homem morto.

Todos os homens mortos são parecidos porque há apenas uma coisa a se fazer com eles: enterrar. E naquela vila o costume era que as mulheres preparassem os mortos para o sepultamento. Assim, carregaram o cadáver para uma casa, as mulheres dentro, os homens fora. E o silêncio era grande enquanto o limpavam das algas e líquens, mortalhas do mar.

Mas, repentinamente, uma voz quebrou o silêncio: uma mulher...

"Se ele tivesse vivido entre nós, ele teria de ter curvado sempre a sua cabeça ao entrar em nossas casas. Ele é muito alto..."

Todas as outras fizeram que sim, com discretos gestos de cabeça.

E de novo o silêncio foi profundo, até que uma outra voz foi ouvida. Uma outra mulher...

"Fico pensando em como teria sido a sua voz... Como o sussurro da brisa? Como o trovão das ondas? Será que ele conhecia aquela palavra secreta que, quando pronunciada, faz com que uma mulher apanhe uma flor e a coloque no cabelo?

E todas sorriram.

De novo o silêncio. E, de novo, a voz de outra mulher:

Estas mãos... Como são grandes! Que será que fizeram? Brincaram com crianças? Navegaram mares! Travaram batalhas? Construíram casas? Será que sabiam abraçar e acariciar um corpo de mulher?"

E todas riram, e se surpreenderam ao perceber que o enterro estava se transformando em ressurreição: um movimento nas suas carnes, sonhos esquecidos, ... seus corpos vivos de novo...

Seus maridos, de fora, observavam o que estava acontecendo com as suas mulheres, e ficaram com ciúme do afogado, ao perceber que ele tinha um poder que eles mesmos não tinham mais. E pensaram sobre os sonhos que nunca haviam tido ("os sonhos por haver, é que são o cadáver...), os poemas que nunca haviam escrito, os mares que nunca tinham desejado ver, as mulheres que nunca haviam abraçado, sequer na fantasia. E finalmente enterraram o morto. Mas a aldeia nunca foi a mesma."

## Apêndice 2

### *A terceira margem do rio - Guimarães Rosa*

Nosso Pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente - minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.

Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. Nossa mãe jurou muito contra a idéia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, se não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou:

"Cê vai, ocê fique, você nunca volte!" Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: - "Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?" Ele só retornou o olhar em mim, e me botou

a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo - a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos, se reuniram, tomaram juntamente conselho.

Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cordura; por isso, todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira. Só uns achavam o entanto de poder também ser pagamento de promessa; ou que, nosso pai, quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia doença, que seja, a lepra, se desertava para outra sina de existir, perto e longe de sua família dele. As vozes das notícias se dando pelas certas pessoas - passadores, moradores das beiras, até do afastado da outra banda - descrevendo que nosso pai nunca se surgia a tomar terra, em ponto nem canto, de dia nem de noite, da forma como cursava no rio, solto solitariamente. Então, pois, nossa mãe e os aparentados nossos, assentaram: que o mantimento que tivesse, ocultado na canoa, se gastava: e, ele, ou desembarcava e viajava s'embora, para jamais, o que ao menos se condizia mais correto, ou se arrependia, por uma vez, para casa.

No que num engano. Eu mesmo cumpria de trazer para ele, cada dia, um tanto de comida furtada: a idéia que senti, logo na primeira noite, quando o pessoal nosso experimentou de acender fogueiras em beirada do rio, enquanto que, no alumiado, apareci, com rapaduta, broa de pão, cacho de bananas. Enxerguei nosso pai, no enfim de uma hora, tão custosa para sobrevir: só assim, ele no ao-longe, sentado no fundo da canoa, suspendia no liso do rio. Me viu, não remou para cá, não fez sinal. Mostrei o de comer, depusitei num oco de pedra do barranco, a salvo de bicho mexer e a seco de chuva e orvalho. Isso, que fiz, e refiz, sempre, tempos a fora. Surpresa que mais tarde tive: que nossa mãe sabia desse meu encargo, só se encobrando de não saber; ela mesma deixava, facilitado, sobra de coisas, para o meu conseguir. Nossa mãe muito não se demonstrava.

Mandou vir o tio nosso, irmão dela, para auxiliar na fazenda e nos negócios. Mandou vir o mestre, para nós, os meninos. Incumbiu ao padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar a nosso pai o dever se desistir da tristonha teima. De outra, por arranjo dela, para medo, vieram os dois soldados. Tudo o que não valeu de nada. Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala. Mesmo quando foi, não faz muito, dos homens o jornal, que trouxeram a lancha e tencionavam tirar retrato dele, não venceram: nosso pai se desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmas, a escuridão, daquele.

A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade. Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos. O severo que era, de não se entender, de maneira nenhuma, como ele agüentava. De dia e de noite, com sol ou

aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos - sem fazer conta de se-ir do viver. Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim. Por certo, ao menos, que, para dormir seu tanto, ele fizesse amarração da canoa, em alguma ponta-de-ilha, no esconso. Mas não armava um foguinho em praia, nem dispunha de sua luz feita, nunca mais riscou um fósforo. O que consumia de comer, era só um quase; mesmo do que a gente depositava, no entre as raízes da gameleira, ou na lapinha de pedra do barranco, ele recolhia pouco, nem o bastável. Não adoecia? E a constante força dos braços, para ter tendo na canoa, resistido, mesmo na demasia das enchentes, no subimento, aí quando no lanço da correnteza enorme do rio tudo rola o perigoso, aqueles corpos de bichos mortos e paus-de-árvore descendo - de espanto de esbarro. E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. Nós também, não falávamos mais nele. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos.

Minha irmã se casou; nossa mãe não quis festa. A gente imaginava nele, quando se comia uma comida mais gostosa; assim como, no agasalhado da noite, no desamparo dessas noites de muita chuva, fria, forte, nosso pai só com a mão e uma cabaça para ir esvaziando a canoa da água do temporal. Às vezes, algum conhecido nosso achava que ia ficando mais parecido como nosso pai. Mas eu sabia que ele agora virara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficado preto de sol e dos pelos, com o aspecto de bicho, conforme quase nu, mesmo dispondo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia.

Nem queria saber de nós; não tinha afeto? Mas, por afeto mesmo, de respeito, sempre que às vezes me louvavam, por causa de algum meu bom procedimento, eu falava:

"Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim..."; o que não era o certo, exato; mas, que era mentira por verdade.

Sendo que, se ele não se lembrava mais, nem queria saber da gente, por que, então, não subia ou descia o rio, para outras paragens, longe, no não-encontrável? Só ele soubesse. Mas minha irmã teve menino, ela mesma entestou que queria mostrar para ele o neto.

Vimos, todos, no barranco, foi num dia bonito, minha irmã de vestido branco, que tinha sido do casamento, ela erguia nos braços a criancinha, o marido dela segurou, para defender os dois, o guarda-sol.

A gente chamou, esperou. Nosso pai não apareceu. Minha irmã chorou, nós todos aí choramos, abraçados.

Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei - na vagação, no rio, no ermo - sem dar razão de seu feito. Seja que, quando eu quis mesmo saber, e firme indaguei, me diz -que-disseram: que constava que nosso pai, alguma vez, tivesse revelado a explicação, ao homem que para ele aprontara a canoa.

Mas, agora, esse homem já tinha morrido, ninguém soubesse, fizesse

recordação, de nada mais. Só as falsas conversas, sem senso, como por ocasião, no começo, na vinda das primeiras cheias do rio, com chuvas que não estiavam, todos temeram o fim-do-mundo, diziam: que nosso pai fosse o avisado que nem Noé, que, portanto, a canoa ele tinha antecipado; pois agora me entrelembro. Meu pai, eu não podia malsinar. E apontavam já em mim uns primeiros cabelos brancos.

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio - pondo perpétuo. Eu sofria já o começo da velhice - esta vida era só o demoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perenguiço de reumatismo. E ele? Por que? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo, em tororoma e no tombo da cachoeira, brava, com a minha tranqüilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse - se as coisas fossem outras. E fui tomando idéia.

Sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra *doido* não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos. Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que meurgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: - "Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!..."E, assim dizendo, meu coração no compasso do mais certo.

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto - o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por favor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rastos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro - o rio.

## Apêndice 3

### Mar Absoluto (Cecília Meireles)

Foi desde sempre o mar.  
E multidões passadas me empurravam  
como barco esquecido.

Agora recordo que falavam  
da revolta dos ventos,  
de linhos, de cordas, de ferros,  
de sereias dadas à costa.

E o rosto de meus avós estava caído  
pelos mares do Oriente, com seus corais e pérolas,  
e pelos mares do Norte, duros de gelo.

Então é comigo que falam,  
sou eu que devo ir.  
Porque não há ninguém,  
não, não haverá mais ninguém,  
tão decidido a amar e a obedecer a seus mortos.

E tenho de procurar meus tios remotos afogados.  
Tenho de levar-lhes redes de rezas.  
Campos convertidos em velas,  
barcas sobrenaturais  
com peixes mensageiros  
e santos náuticos.

E fico tonta,  
acordada de repente nas praias tumultuosas.  
E apressam-me, e não me deixam sequer mirar a rosa-dos-ventos.

"Para adiante! Pelo mar largo!  
Livrando o corpo da lição frágil da areia!  
Ao mar! - Disciplina humana para a empresa da vida"!

Meu sangue entende-se com essas vozes poderosas.  
A solidez da terra, monótona,  
parece-nos fraca ilusão.  
Queremos a ilusão grande do mar,  
multiplicada em suas malhas de perigo.

Queremos a sua solidão robusta,  
uma solidão para todos os lados,  
uma ausência humana que se opõe ao mesquinho formigar do mundo,  
e faz o tempo inteiriço, livre das lutas de cada dia.

O alento heróico do mar tem seu pólo secreto,  
que os homens sentem, seduzidos e medrosos.

O mar é só mar, desprovido de apegos,  
matando-se e recuperando-se,  
correndo como um touro azul por sua própria sombra,  
e arremetendo com bravura contra ninguém,  
e sendo depois a pura sombra de si mesmo,  
por si mesmo vencido. É o seu grande exercício.

Não precisa do destino fixo da terra,  
ele que, ao mesmo tempo,  
é o dançarino e a sua dança.

Tem um reino de metamorfose, para experiência:  
seu corpo é o seu próprio jogo,  
e sua eternidade lúdica  
não apenas gratuita: mas perfeita.

Baralha seus altos contrastes:  
cavalo épico, anêmona suave,  
entrega-se todo, despreza tudo,  
sustenta no seu prodigioso ritmo  
jardins, estrelas, caudas, antenas, olhos,  
mas é desfolhado, cego, nu, dono apenas de si,  
da sua terminante grandeza despojada.

Não se esquece que é água, ao desdobrar suas visões:  
água de todas as possibilidades,  
mas sem fraqueza nenhuma.

E assim como água fala-me.  
Atira-me búzios, como lembrança de sua voz,  
e estrelas eriçadas, como convite ao meu destino.

Não me chama para que siga por cima dele,  
nem por dentro de si:  
mas para que me converta nele mesmo. É o seu máximo dom.

Não me quer arrastar como meus tios outrora,  
nem lentamente conduzida,  
como meus avós, de serenos olhos certos.

Aceita-me apenas convertida em sua natureza:  
plástica, fluida, disponível,  
igual a ele, em constante solilóquio,  
sem exigências de princípio e fim,  
desprendida de terra e céu.

E eu, que viera cautelosa,  
por procurar gente passada,  
suspeito que me enganei,  
que há outras ordens, que não foram ouvidas;  
que uma outra boca falava: não somente a de antigos mortos,  
e o mar a que me mandam não é apenas este mar.

Não é apenas este mar que reboa nas minhas vidraças,  
mas outro, que se parece com ele  
como se parecem os vultos dos sonhos dormidos.  
E entre água e estrela estudo a solidão.

E recordo minha herança de cordas e âncoras,  
e encontro tudo sobre-humano.  
E este mar visível levanta para mim  
uma face espantosa.

E retrai-se, ao dizer-me o que preciso.  
E é logo uma pequena concha fervilhante.  
Nódoa líquida e instável,  
célula azul sumindo-se  
no reino de um outro mar:  
ah! do Mar Absoluto.

## Bibliografia

- ALLEN, D., *Mircea Eliade y el Fenomeno Religioso*. Madri. Cristianidad, 1985.
- ALVES, R., *O poeta, o guerreiro e o profeta*, Petrópolis, Editora Vozes, 1992.
- ARIANE, MacDonald, “*La Naissance du Monde au Tibet*”, in: *Sources Orientales*, I, Paris, 1959.
- BACHELARD, Gaston. *L'eau les rêves*, Paris, 1942.
- BACHELARD, G., *A água e os Sonhos*, SP, Martins Fontes, 1989.
- BARTHES, Roland., *Mitologias*, Rio de Janeiro, Editora Difel, 1978.
- BASTOS, P., *As grandes mitologias do mundo*, RJ, Livraria Império, 1959.
- BECKHÁUSER, Alberto (coordenador), Trad. VIER, Frederico e FIGUEIREDO, Fernando, *Catequeses Pré-batismais de São Cirilo de Jerusalém*, Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 1978.
- BIEDERMANN, H. trad. Glória Paschoal de Camargo, *Dicionário Ilustrado de Símbolos*, SP, Companhia de Melhoramentos, 1993.
- BODDING, P. “Les Santals, *Journal Asiatique*, 1932.
- BRANDÃO, J., *Mitologia Grega*, Petrópolis, Ed. Vozes, Vol. 1, 1991.
- BRUNEL, Pierre (Org.) tradução de Carlos Sussekind, *Dicionário de mitos literários*, R.J., José Olympio Editora, 1997.
- BRUNEL, Pierre, *Dicionário de Mitos literários*, Rio de Janeiro, J. Olympio Editora, s/d.

- CASSIRER, E., *Linguagem e mito*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1972.
- CAVALCANTI, T. R., *A Psicologia da Religião de C.G. Jung e a abordagem religiosa de Mircea Eliade*, tese de Mestrado em Ciências da Religião, PUC, São Paulo.
- CAVALCANTI, R. *Mitos da Água*, São Paulo, Ed. Cultrix, 1997.
- CERQUEIRA, Ana L. e LYRA, Maria T. *Teogonia - Hesíodo*, Niterói, RJ, Editora da Universidade Federal Fluminense, 1996.
- CHAVANNES, Ed. *Les Mémoires historiques de Sse-Ma-Tsien*, vol. II, p. 325.
- CHEVALIER, J. GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*, RJ, José Olympio Editora, 1989.
- Coleção *Os Pensadores*, São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1973.
- DANIELOU, J. *Bible et Liturgie*, Paris, 1951, p.97-154.
- DANIELOU, J. *Sacramentum futuri*, Paris, 1950.
- DANIÉLOU, J. *Nueva Historia de la Iglesia*, vol. 1, Desde los origenes a San Gregorio Magno.
- DIETRICH, Mutter Erde, Ed. III.
- Diógenes Laércio, IX, 1-17 (DK 22 A1) Trad. Wilson Regis, 1973.
- DOWDEN, K. *Os Usos da Mitologia Grega*, Campinas, ed. Papirus, 1994.
- DOURLEY, J. P. *A Psique como sacramento*, SP, Edições paulinas, 1985.
- EICHER, Peter (dirig.), trad. Rezende, João, *Dicionário de Conceitos Fundamentais de teologia*, São Paulo, Paulus, 1993.
- ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmo, 1970.
- ELIADE, M. *Imagens e símbolos*, Lisboa, Editora Arcádia, 1979.
- ELIADE, M. *Aspectos do Mito*, S. Paulo, Edições 70/Perspectiva do homem, 1989.
- ELIADE, M. *Mito e realidade*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1972.
- ELIADE, M. *Traité d' Histoire des Religions*.
- ELIADE, M. *O sagrado e o profano*, Edição livros do Brasil, s/d.
- ELIADE, M. *Myth and reality*, N.Y., Harper & Row, Publishers, 1963.
- ELIADE, M. *A Provação do Labirinto: diálogos com Claude-Henri R.*, Lisboa, Publ. D. Quixote, 1987.
- ESLER, Orpheus - the Fisher, p. 51
- Êxodo, xxv, 8-9.

Fedro, 229 D e ss.

FRAILE, G. *Metafísica I 3: 983 b6* Trad. Wilson Regis, *Historia de la Filosofía*, tomo I, Biblioteca de autores Cristãos, Madrid, 1990.

FRANZ, M. L., *C.G.Jung: seu Mito em nossa época*. São Paulo, Cultrix, 1992.

FRIES, H. *Dicionário de Teologia*, São Paulo, Ed. Loyola, 1970.

GIRARD, Marc, *Os símbolos na Bíblia*, São Paulo, Paulus, 1997.

GOLB, Norman, *Quem escreveu os manuscritos do mar morto*, Rio de Janeiro, Editora Imago, 1996.

HAHNER, K y VORGRIMLER, H, *Diccionario Teológico*, Barcelona, Editorial Herder, 1966.

HOMERO, *Ilíada*, 6.381-2.

JACOBI, Jolande. *Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de Jung*, São Paulo, Editora Cultrix, 1975.

JEDIN, Hubert. *Manual de teologia bíblica*, São Paulo, Ed. Loyola, 1973.

JUNG, C. G. *A energia psíquica*. Obras Completas, Editora Vozes, Petrópolis, 1983.

JUNG, C. G. *Collected Works of C. G. Jung, Definitions*.

JUNG, *Sobre a psicologia do arquétipo infantil*, in Jung-Kerényi, *Introdução à natureza da mitologia*, Amsterdã, s/d.

JUNG, *Simbólica do espírito*, Zurique, 1948.

JUNG, “*Os aspectos psicológicos do arquétipo-mãe*” in *Sobre as raízes do consciente III*.

JUNG, C. G. *Obras Completas de C. G. JUNG*, Petrópolis, Editora Vozes, 1982.

JUNG, *The Zofingia lectures*, p. 105. in NOLL, Richard, *O culto de Jung*, São Paulo, Editora Ática, 1996.

JUNG, C. G. *Resposta a Jó*, OC, vol. XI/4, Editora Vozes, Petrópolis, 1979.

JUNG, C. G. and KERÉNYI, C. *Essays on a Science of mythology The myth of the Divine Child and the Mysteries of Elêusis*, N.J., Princeton University Press, 1973.

LEHMAN, F. R. *Weltuntergang und Welterneuerung im Glauben schriftloser Volker*”, *Zeitschrift für Ethnologie*, vol. LXXI, 1993.

LEÓN-DUFOUR, X. e DUPLACY, J. *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Petrópolis, Vozes, 1972.

- Letters [Bollingen Series XCV], 2 vols. Transl. R. F. C. Hull, Princeton University Press, Princeton, 1973.
- LUCKESI, C., *Introdução à filosofia*, Salvador, Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992.
- MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*, volume 2, São Paulo, EP, 1983.
- MCKENZIE, Dan, *Infancy of Medicine*, Londres, 1927.
- MEIRELES, C., *Flor de Poemas*, Coleção Poiesis, Editora Nova Fronteira, 12<sup>a</sup>. impressão, RJ, 1983.
- MOHR, Gerd Heinz, *Dicionário dos Símbolos*, Imagens e sinais da arte cristã, São Paulo, Paulus, 1994.
- MORAIS, R., *As Razões do Mito*, Campinas, SP, Papirus, 1988.
- MÜLLER, M., *Über die Philosophi der Mythologie*, reimpresso como apêndice à edição alemã da *Introdução à Ciência da Religião Comparada*, 2a. edição, Estrasburgo, 1876
- MURARO, R., *Maleus Maleficarum - O Martelo das feiticeiras*, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1991.
- NETTO, Francisco, B. S. *A teologia do mistério nos escritos paulinos*, dissertação de *Licentia ad lauream em teologia*, São Paulo, PUCC, 1967.
- NILSON, Geschichte, I, p. 220, 3.
- OTTO, R., *O Sagrado*, Trad. Prócoro V. Filho, São Bernardo do Campo, SP, Imprensa Metodista, 1985.
- Poimandres, p. 32 ss.
- PETTAZZONI, R. *Essays on the history of religion*, Leiden, 1954.
- PRZYLUKSKI, J. *La princesa à l'odeur de poisson et la Nâgi dans le traditions de l'Asie Orientale - Études Asiatiques - vol. II*, Paris, 1925.
- REALE, G./ ANTISERI, D., *História da Filosofia*, Vol. 1, S. P., Edições Paulinas, 1990.
- ROSA, J. G. *Primeiras Estórias*, Editora Nova Fronteira, 22<sup>a</sup>. Edição, Rio de Janeiro, 1988.
- SACRAMENTUM 10, *Studia Anselmiana*, 106, *Alle Origini del battesimo cristiano*, Roma, 1991. TRAGAN, P., *Le origini del battesimo cristiano: problemi e prospettive*, p. 9-42.

- SARTORE, D. e TRIACCA, A. M.; trad. Isabel Fontes L. Ferreira, *Dicionário de Liturgia*, São Paulo, Edições Paulinas, 1992.
- SCHADEN, E., *Der Paradiesmythos im Leben der Guarani Indianer*, Staaden Jahrbuch, São Paulo, 1955.
- SCHARER, H., *Ngaju Religion*, trad. por NEEDHAM, Rodney, *The conception of God among a South Borneo People*, Haia, 1963.
- SEBILOT, Paul, *Le Folklore de France*, vol. II, Paris, 1905.
- SEDLMAYR, H. *Die entstehung der kathedrale*. Zurich, 1950.
- SEEMANN, Otto, *Mitologia Clásica Ilustrada*, Vergara Editorial, Barcelona, 1960.
- TERTVLLIANI, CORPVS Scriptorvm Latinorvm, Vol. xx, Editum Consilio et impensis, Academiae Litterarvm Caesareae, DE Baptismo. III-V. p.202.
- TILLICH, P. *Dynamics of Faith*, Harper and Row, New York, 1956.
- TILLICH, P. *Teologia Sistemática*, Edições Paulinas, São Paulo, 1984.
- TILLICH, P. *Systematische Theologie*, 1956, vol.1, p. 259.
- VOEGLIN, E. *Order and history, I: Israel and revelation*, Lousiana State University Press, 1956.
- VOGEL, J., *Serpent worship in ancient and modern India - Ata Orientalia - vol. II*, 1924.
- W. Koppers, *Die Bhil*, p. 242.
- ZILLES, U. *Didaqué ou Doutrina dos Apóstolos*, Editora Vozes Ltda, Petrópolis, RJ, 197.

# Água, Mito e Mistério

Dissertação de Mestrado

Inês de França Bento

## Errata

Página 13 - Segundo parágrafo, segunda linha, substituir a palavra fisofia, por "filosofia".

Página 27 - Nota 25 "O essencial do TAO".

Página 36 - Primeiro parágrafo, terceira linha, substituir a palavra maléficos por "malefícios".

Página 42 - Quarto parágrafo, terceira linha, acrescentar a letra "d" ...a humanidade".

Página 49 - Última linha, substituir por mortem, por "pos mortem".

Página 94 - Primeiro parágrafo, segunda linha, substituir tempo, por "templo".

Página 105 - Última linha, retirar o ponto final.

Página 106 - Primeira linha, substituir Chocam-se, por "chocam-se".

Página 16 - Nota 222, acrescentar "E" em Eliade.

Página 134 - Quarto parágrafo, terceira linha, substituir "um" por "em" algum ponto.